LATINO COELHO

CERVANTES

Com um prefácio

DE

PINHEIRO CHAGAS

1.º MILHAR

Editôres — SANTOS & VIEIRA

125, Rua dos Retrozeiros, — LISBOA

ESCRITOS LITERÁRIOS E POLÍTICOS

DE

J. M. LATINO COELHO

Coligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varela

CERVANTES

OBRAS DO MESMO AUTOR

(Edições de Santos & Vieira)

Fernão de Magalhães, com um prefácio do Dr. Júlio Dantas e o retrato do autor. . . . . 1 vol.

Garrett e Castilho, com uma carta-prefácio do Dr. Xavier da Cunha . . . . . 1 vol.

Typos Nacionaes, com um prefácio do Dr. Júlio Dantas . . . . . 1 vol.

Cervantes, seguido de um estudo sobre *D. Manuel José Quintana e a Litteratura Castelhana Moderna*, com um prefácio de Manuel Pinheiro Chagas . . . . . 1 vol.

Em via de publicação:

Arte e Natureza, com um prefácio de Henrique Lopes de Mendonça . . . . . 1 vol.

J. M. LATINO COELHO

Cervantes

SEGUIDO DE UM ESTUDO

sobre

D. Manuel José Quintana
e a Litteratura Castelhana Moderna

Com um prefácio

de

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

2.ª EDIÇÃO

EDITÔRES—SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

Tip. da Imprensa Portuguesa
112, Rua Formosa—Pôrto
MCMXIX

ADVERTÊNCIA

Ao presente volume, quarto da colecção dos «Escritos Literários e Políticos», de J. M. Latino Coelho, publicados pela «Empresa Literária Fluminense», serve de prefácio o notável artigo que à memória do eminente escritor, consagrou, na REVISTA ILLUSTRADA (*), *outro escritor insigne, seu contemporâneo, Manuel Pinheiro Chagas.*

Dando-lhe cabida neste volume, teve a mesma «Empresa», e quem estas linhas escreve, o propósito de, por um lado, proporcionar aos menos lidos o conhecimento de tão primoroso escrito; por outro, prestar uma homenagem, modesta embora, ao saudoso escritor,

(*) *Revista Illustrada*, 2.º anno, n.º 34, Lisboa, 1891.

que foi, sem contestação, uma das nossas mais legítimas glórias literárias do último quartel do século passado, e um dos mais devotados admiradores de Latino.

E o leitor consciencioso certo reconhecerá, como nós, que a prosa elegante, colorida, fluentíssima do autor da HISTORIA DE PORTUGAL *e das* TRISTEZAS Á BEIRA-MAR *não só não desdoura, senão que mais faz realçar ainda, como engaste finamente burilado, a prosa tersa, vernácula, inimitável do autor da* HISTORIA POLITICA E MILITAR *e do* ELOGIO DO BARÃO DE HUMBOLDT.

Lisboa, 2 de abril de 1919.

ARLINDO VARELA.

LATINO COELHO

Latino Coelho

I

Ao tomar a penna para consagrar umas breves linhas á memoria do grande escriptor que ainda hontem desappareceu do mundo dos vivos, abri ao acaso um dos volumes da *Revista Contemporanea* para me regalar mais uma vez com aquella prosa encantadora, toda harmonia e luz, em que tão facilmente se desatava a sua prodigiosa fecundidade. Cahiram os meus olhos n'um dos trechos da biographia de Castilho, e pude alli apanhar em flagrante os processos d'aquelle espirito delicioso, que, á mais

leve inspiração, perante a sensação mais fugitiva, soltava immediatamente maravilhas, como se ufanaria de as compôr, no silencio e na pausada meditação do gabinete, o mais levantado poeta. Contando a mocidade de Castilho, acudiu-lhe aos bicos da penna a imagem folgazã dos outeiros, e, largando o poeta, ahi se compraz o primoroso escriptor em desenhar a festa com os traços mais preciosos da sua penna:

«Todas estas artes delicadas, que fazem de um convento de monjas uma officina de primorosos artefactos feminis, conspiravam a engalanar e embellecer o interior do sanctuario. Os altares ostentavam as mais decorosas coberturas. As imagens deviam á sollicita devoção das freiras habilidosas a garridice de suas vestiduras, com que ás vezes pareciam affrontar-se na sua evangelica pobreza.

Sancto Antonio e S. Francisco, os mais implacaveis antagonistas das vaidades humanas e os mais austeros desprezadores da carne, deitavam n'aquelles dias seus mantos de mais que religiosa galhardia. Os ramos naturaes e artificiaes enfloravam as mais modestas capellinhas. O sineiro conventual estreava então as suas mais ruidosas, — nem sempre cadentes, — ás vezes profanas partituras. As freiras jubiladas nas artes de conserveira, exhauriam a imaginação e o assucar em arrojadas combinações de deliciosas gulodices. As grades abriam-se e a clausura relaxava um pouco os seus rigores habituaes. As monjas, todas alegres e felizes, descingiam o cilicio, as já edosas e achacadas rememorando os dias, em que a sua formosura incendera o estro de antigos vates, as adolescentes phantasiando-se cada uma tal-

vez uma Heloisa sentimental sem os atrozes infortunios do seu ardente adorador».

Mas a ideia do outeiro folgazão, guloso, cheio de ridentes profanidades, traz comsigo a ideia do mosteiro, e abre perante a sua alma outra perspectiva mais grave e mais banhada do melancolico luar da poesia religiosa, e a penna, seguindo o convite da phantasia, escreve:

«Alteae as torres, encurvae as arcarias normandas, projectae ás nuvens a agulha dos campanarios. Soltae os ventos, para que vão esvoaçar nas ramadas das florestas proximas, adensae os cyprestes a negrejarem ao lado do convento, filtrae o luar atravez das arvores funereas, até pratear as lousas solitarias e as cruzes mutiladas dos sepulcros. Rasgae uma fresta nas paredes ennegre-

cidas do cenobio e imaginae a luz mortiça da lampada, contrastando a horas mortas com a tranquilla pallidez do astro da noite. Fazei tanger a campa das matinas com este som melancolico, que se diffunde em gemidos pelas quebradas do valle. Sonhae agora que á janellinha escassamente illuminada responde um dormitorio de arcaria veneranda; ao fundo o altar com as suas columnas salomonicas de talha, apenas visiveis á luz tremula da lampada pendente; sobre o altar a cruz negra, sobre a cruz a alvura da toalha; ali proximo um tumulo embebido no vão da parede, entre dois feixes de columnellos, que sustentam uma ogiva. Aqui e além, destacando do fundo cinzento das paredes, as cruzinhas negras de uma devota via-sacra. Ideae um vulto de mulher no dormitorio solitario. Escutae os passos que no silencio da

noite resoam sobre a lage do pavimento, a que responde o echo no outro extremo da deserta galeria. Aquella mulher é talvez bella, juvenil, apaixonada. Talvez nas litanias piedosas do côro terá involuntariamente intercalado aos hymnos graves e magestosos da liturgia o nome, a memoria ao menos, o desejo, — quem sabe? — do homem a quem ella amou. Será uma Heloisa, luctando nas macerações da carne, entre as exaltações do amor e a crença da salvação? Será uma La Vallière que vae abraçar a cruz e estreitar o cilicio para afugentar as memorias criminosas dos seus dias profanos, em que, vendo a seus pés o rei galanteador, brincava, ao mesmo tempo, infantil e orgulhosa, com o sceptro dos Bourbons?»

E foi assim que ficaram interminadas e que seriam interminaveis as bio-

graphias de Castilho e de Garrett (*), porque a penna do biographo a cada instante se deixava arrastar pelos encantos do caminho, e se perdia nos continuados meandros da sua phantasia opulenta. Era um defeito? era uma qualidade? Era o defeito feliz da abundancia do saber e da universalidade do talento, e da extraordinaria variedade das aptidões e da facilidade quasi inacreditavel com que elle produzia. Não havia flores que o não encantassem, abelha fogaz e laboriosa, porque não havia flores de que elle não soubesse libar com perfeição o mais fino e mais delicado mel,

(*) Os dois notáveis estudos biográficos, com uma extensa carta-prefácio do distinto escritor, sr. dr. Xavier da Cunha, constituem o volume GARRETT E CASTILHO da collecção dos *Escritos Literários e Políticos*, de J. M. Latino Coelho, publicados pela *Empresa Literária Fluminense*.

A. V.

porque era historiador, e politico, e engenheiro, e mineralogista, e botanico, e mathematico, e acima de tudo poeta, e por isso elle a cada passo traçava as mais admiraveis e mais perfeitas syntheses historicas, illuminando a torrente de factos que lhe affluiam ao espirito com a luz da sua phantasia e com o esplendor maravilhoso do seu estylo, e logo em seguida pintava com as côres mais vivas o quadro politico e social de uma época ou de um paiz, e após traçava com a perfeição consummada de um technico o desenho das fortalezas de Vauban ou de Cohorn, que sabia animar com a descripção das tropas que as defendiam e das batalhas que em torno dos seus muros se travavam, e não trepidava depois em penetrar no seio da terra e em fazer uma opulenta e colorida estatistica ora das riquezas mine-

raes do globo, ora da sua maravilhosa flora, a um tempo Humboldt pela segurança da informação e Michelet pela magia da evocação, e, sendo necessario desenvolver logo em seguida a formula de uma equação, fazia-o com egual presteza, differindo apenas o seu desenvolvimento do de qualquer outro notavel mathematico em ter elle o segredo de arrancar aos proprios numeros e ás formas algebricas o elemento de poesia que ninguem suppunha que n'ellas existia, verdadeiro alchimista da palavra e da sciencia, que convertia n'um momento o mais negro e rude carvão no diamante mais facetado e esplendido, a terra mais secca e aspera nas mais extraordinarias parcellas de oiro. Tinha a pedra philosophal o seu talento, que assim demudava aquillo em que tocava de relance, tinha o elixir de longa vida o seu raro

engenho, porque ás formosas paginas que produziu transmittiu a immortalidade. Viverão emquanto viver a lingua portugueza, que elle cultivou com o mais perseverante amor, que foi a lyra de que elle arrancou as mais embriagadoras harmonias, a paleta onde elle encontrou os innumeraveis matizes e cambiantes dos seus rutilantes periodos.

Por isso as obras de Latino, como essa biographia de Castilho de que citamos alguns trechos, são perfeitamente os mais maravilhosos de todos os kaleidoscopos. Os pedaços de vidro colorido são apenas as vinte e cinco lettras do nosso alphabeto, e, com ellas, n'um simples traço de penna, faz Latino passar diante dos nossos olhos os mais variados e os mais deslumbrantes espectaculos. Quem espera depois da descripção do outeiro, da faina jovial dos

conventos n'essas épocas festivas, que possa logo adiante surgir o quadro tetrico do mosteiro á noite illuminado pelo luar e escondendo nos seus mysteriosos recessos a alma apaixonada das monjas? São essas surprezas o encanto supremo d'aquelle genio, e talvez o intimo prazer com que elle se comprazia n'estas artes de prestidigitação é que o impediria por muito tempo de se entregar a uma obra, que bastasse para consagrar definitivamente entre os genios portuguezes do nosso tempo a primazia do seu genio.

II

Não tentamos traçar a biographia de Latino Coelho. Nem o comportam as breves dimensões d'este artigo, nem a biographia de Latino Coelho é rica em lances variados. Toda a sua existencia se condensou no gabinete. Foi um profano benedictino, um asceta da sciencia. Contarei como elle foi a maravilha de seu pai, modesto e erudito official de artilheria, que, encarregando-se da sua primeira educação litteraria, recuou quasi com espanto diante da prodigiosa aptidão d'aquella creança que absorvia a instrucção recebida como a terra secca absorve a agua das primeiras chuvas?

Direi como esse espanto redobrou nos lentes das escolas superiores, que se maravilhavam a cada instante com a prodigiosa facilidade, que elle tinha para aprender tudo o que os outros aprendiam em longas horas de trabalho, e em aprendêl-o de fórma que em todas as aulas era o primeiro? Direi a surpreza do publico ao ver aquelle moço franzino e debil, que passára quasi das faixas infantis para os bancos da Escola, passar logo tambem, por um concurso brilhantissimo, dos bancos da Escola para as cadeiras do professorado?

Abandonando a carreira scientifica e militar de Latino Coelho, teria de seguil-o no seu caminho litterario, e iria encontrar um maravilhoso Protheu, que sabia tomar todas as formas, adaptar-se a todos os generos, ser mordaz e commovente e profundo e brilhantissimo.

Agora toma a férula de critico semanal no *Farol,* e não escapam á penna implacavel do joven critico os ridiculos do romantismo da época, que entrará na phase piegas e tetrica, que foi o nephelibatismo do Parnaso d'esse tempo. Ainda me recordo de uma chronica deliciosa em que Latino descrevia o poeta desgrenhado fazendo a côrte á Musa na agua-furtada da sua casa burgueza, emquanto cá em baixo a familia abancada á roda da mesa onde fumegava a chaleira e onde as louras torradas esperavam a hora do sacrificio, esperava com inquietação que apparecesse o vate juvenil. Ia a creada, como embaixatriz, supplicar ao vate que apparecesse, e ao entrar na casa onde os patrões a aguardavam, dizia-lhes:

—O menino não póde vir tomar chá, porque está com a inspiração.

Depois todas as folhas semanaes arrancavam umas ás outras aquelle prodigioso escriptor, e elle, com a condescendencia infatigavel dos prodigos que sabem que podem contar com um thesouro inexhaurivel, entregava-lhes sorrindo, tudo o que lhe pediam, acceitando indifferentemente o assumpto que lhe propunham, como o grande Bocage acceitava sem hesitar o mote que lhe atiravam nos jogos olympicos dos outeiros. Era assim que elle na *Revista Popular* inseria uns estudos de uma phantasia resplandecente ácerca dos differentes typos da sociedade d'esse tempo, agora caricaturando o *janota,* logo traçando um maravilhoso retrato da *coquette,* em seguida apiedando-se dos martyrios do *distribuidor,* ou fixando em traços immortaes o perfil patarata do *novelleiro politico,* ou a cara esgrouviada do *traductor de ca-*

dernetas (*). E na *Semana* fazia-se adepto de uma mantica *sui generis* e adivinhava, com pilhas de graça, nos *fac-similes* de qualquer a indole do seu talento e a historia da sua vida. Isto não o impedia de fazer no *Panorama* um estudo primoroso ácerca de Cervantes e de estudar no mesmo jornal com uma paciencia fradesca os mysterios da orthographia e da grammatica portugueza. E até versos perpetrou, que não foram de certo os mais notaveis primores do seu genio, mas que não eram inferiores aos que em geral se faziam no seu tempo, e tanto assim que até lh'os plagiavam. José Borges Pacheco Pereira, intencionalmente

(*) Êsses, e outros escritos da mesma índole, prefaciados pelo ilustre escritor, sr. dr. Júlio Dantas, formam o volume TYPOS NACIONAES da já citada colecção dos *Escritos Literários e Politicos*, de J. M. Latino Coelho.

A. V.

ou por um capricho traiçoeiro da sua reminiscencia, apresentou como sua uma poesia amorosa de Latino. O joven escriptor correu em defesa da sua propriedade, que aliás tratou com pouco amor, sendo o primeiro a zombar dos seus amorosos enlevos, e das rimas em que os traduzira.

A politica não o deixou, é claro, e o jornalismo reclamou-o. Umas vezes na *Civilisação*, depois na *Revolução de Setembro*, afinal no *Jornal do Commercio* e ultimamente no *Seculo*, a penna de Latino Coelho traçava, com uma rapidez vertiginosa, que os compositores não podiam acompanhar, verdadeiros primores, umas vezes recorrendo a uma ironia mortifera para a polemica, outras vezes erguendo o vôo ás altas regiões da philosophia politica, a que só o podiam erguer as azas de aguia, outras vezes ainda com-

memorando os acontecimentos do dia com paginas que deviam ficar gravadas em bronze, em vez de serem inscriptas descuidadamente n'aquella cera do jornalismo, que tão facilmente se derrete no dia seguinte áquelle em que apparece. Conserva a nossa memoria um dos mais primorosos artigos que elle n'esse genero escreveu (*): foi o que consagrou á morte do valente marechal conde da Ponte de Santa Maria.

Appellando para o seu inseparavel companheiro de estudo e de deleite litterario, o padre Antonio Vieira, escrevia elle pouco mais ou menos: «Dizia o immortal prégador, fallando dos guerreiros do seu tempo, que n'uns se vê

(*) Foi publicado, como editorial, no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 7 de fevereiro de 1868.

A. V.

a purpura das feridas, n'outros a purpura das condecorações; pois do valente marechal que acaba de descer á sepultura se podia affirmar, sem receio, que a cada commenda que luzia na sua farda correspondia por baixo, no peito, uma cicatriz gloriosa».

Deverei seguil-o ainda na Academia, onde foi tão brilhante o seu papel, e onde ficou tão assignalado o rasto que alli deixou? Pondo de parte já os discursos das sessões solemnes, quem póde ter esquecido os admiraveis elogios historicos de Humboldt, de Fr. Francisco de S. Luiz, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de José Bonifacio? No elogio de Humboldt sobretudo concentrou elle todo o vigor do seu engenho. A tunica de poesia em que o seu magico estylo envolveu a memoria do sabio germanico, dar-lhe-ia a immortalidade, se elle a não

tivesse conquistado já pelos seus trabalhos scientificos! A esse trecho tinha elle um secreto amor, apesar do desprendimento com que tratava as suas obras, porque, para o engastar dignamente como perola que era incontestavelmente, escreveu em volume a biographia do grande homem, e esse engaste é do mais puro e do mais bem lavrado ouro.

Como o genio de Latino Coelho nunca se podia resignar a seguir a mesma esteira e sempre o tentavam as veredas novas, embebeu-se de subito no estudo profundo da lingua, da litteratura e da civilisação grega, e a essa nova predilecção deveu a litteratura portugueza uma das suas obras mais portentosas: a traducção da *Oração da Coroa,* de Demosthenes, e o largo prologo que a precede. Foi por esse tempo que Latino

Coelho, incitado pelos seus admiradores e amigos, consentiu em condensar em volumes acabados as obras do seu engenho. Só a esta condescendencia devemos os tres volumes da sua *Historia politica e militar de Portugal,* e as suas monographias de Camões, de Vasco da Gama e do marquez de Pombal. Não era essa empresa comtudo a que mais lhe sorria, trabalhava como um mineiro para escavar da terra as prodigiosas riquezas da sua erudição; quando se tratava porém de as utilisar, o seu gosto era lavrar ao correr do buril umas joias de Benevenuto Cellini rapidamente cinzeladas, que ia deixando sair da sua officina conforme lh'as sollicitava a ardente admiração que sempre em torno d'elle volteou, como o fumo de um thuribulo que o deliciava sem o entontecer.

III

Muito propositadamente passei, sem lhe tocar sequer de relance, pelo seu papel de homem politico. Foi-o um pouco por desfastio e pela curiosidade inquieta que o levou a percorrer todas as sendas da actividade humana. Cançou-se depressa, que não era o seu genio, essencialmente delicado, que todo se comprazia nos requintes do pensamento, nas aéreas subtilezas da forma, nas flexuosas linhas dos ideaes, e na pureza harmoniosa das concepções philosophicas, para se prestar aos contactos chatos, prosaicos, e muitas vezes ascorosos que a politica impõe. Elle, que tanto se de-

leitava com o estudo de todas as sciencias, e que de certo se embebeu com ancia no estudo das doutrinas e dos factos da administração, passou apenas pela cadeira de ministro, cançando-se depressa da tediosa tarefa. Elle, que manejava a palavra com tanta facilidade e com tanta seducção, só com repugnancia se deixava arrastar ás polemicas parlamentares. Refugiou-se com deleite na sua republica de Platão, divergindo apenas do seu philosopho em ter mais tendencias para pôr na rua os politicos do que os poetas. E, quando essa republica se deu ares de se querer tornar uma instituição tangivel, elle sentiu secretos desejos de fugir para a cidade de Campanella, ou para a Utopia de Morus. É que elle foi para a republica como ia para Cintra, para espairecer. Não dizemos que não tivesse convicções defini-

das e sinceras, mas, como Victor Hugo lamentava que as suas *chansons aimées,*

Si jeunes, si parfumées
Du monde eussent subi l'affront,

assim Latino lamentaria que as suas idéas republicanas tivessem que soffrer a affronta da realidade (*).

Longe da esphera da politica é que o nome de Latino Coelho ha de viver durante os seculos futuros. O seio uberrimo de Juno, dizia a mythologia, salpicou de gotas de leite luminoso o firmamento, e assim se formou a *Via Lactea;* o genio pujante e prodigo de La-

(*) O que é, porêm, incontestável, é que Latino foi, entre nós, um dos mais extrénuos propugnadores das idéas democráticas, e que, com a palavra, com a pena, e com o prestigio do seu nome, muito contribuiu para o advento do actual regime.

A. V.

tino salpicou tambem de gotas de luz o vasto firmamento da litteratura portugueza, e n'elle ficou para sempre a sua gloria como immortal constellação.

PINHEIRO CHAGAS.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

Miguel de Cervantes Saavedra (*)

I

Pelos annos de 1571, a Europa christan, tanto tempo e tão dolorosamente agitada pelas guerras de predominio e de conquista entre os seus mais poderosos monarchas, dilacerada longos annos pelas encarniçadas guerras da reforma, estava a ponto de ver o crescente do falso propheta levado triumphalmente desde a emboccadura dos Dardanellos até plantar-se de novo nas margens hespanholas do Mediterraneo. O turco não era, como hoje, uma potencia caduca, uma nação envilecida na orgia lenta do islamismo, um povo degredado e corrompido pela dobrada servidão do fatalismo e do serralho. Ondeava soberbo, como

(*) Do jornal literário *O Panorama*, vol. X, Lisboa, 1853.

uma affronta perpetua á christandade, e como um trophéo recente do poder ottomano, o pavilhão ensanguentado que Mahomet II hasteára victorioso sobre as ultimas ruinas do imperio romano.

Um seculo antes, um barbaro, que trazia a sua origem d'essa Scythia obscura e selvagem, que ha de um dia absorver a Europa civilisada, d'essa Scythia d'onde partiu Attila, e onde filiou a sua ascendencia o czar Pedro, o Grande, um barbaro avassallára Constantinopla á face da Europa christan, e mutilára o emblema da cruz sobre os coruchéos de Santa Sophia. Desde então o poder ottomano caminhára despejadamente ao seu maior esplendor, e a Europa, que se vira seculos antes ameaçada pelo crescente, trazido de Africa, e plantado em toda a terra das Hespanhas, temia agora com razão que os soldões da raça de Othman realisassem o que o califa Abderraman não podera conseguir além dos Pyrenéos, atalhado pela espada heroica de Carlos Martel.

Os turcos punham em respeito as nações littoraes do Mediterraneo, e pela insolencia da

sua pirataria, pelas excursões continuas, em que molestavam as terras de christãos, fizeram com que alfim soasse um appellido de guerra em toda a christandade. O papa excitou os povos áquella guerra, que era ao mesmo tempo guerra de religião, pela intolerancia e impiedade dos inimigos; guerra de equilibrio europeu, pelo ardor de conquista, que Mahomet II legára a seus herdeiros e successores; guerra de civilisação contra a barbaria, porque a dominação ottomana significava para a Europa a escravidão mussulmana, a proscripção das lettras, a condemnação dos costumes cavalleirosos e christãos do occidente; porque o imperio ottomano, estendendo a sua tyrannia estupida sobre a Europa inteira, teria feito d'ella o que são hoje o Egypto, a Syria, a Asia Menor e a Grecia, as regiões antigas da civilisação, as mães-patrias da cultura intellectual da antiguidade, transformadas hoje em ermos de devastação, em mercados de escravaria branca, em pachalatos obscurissimos, em arraiaes de ociosa e indisciplinada soldadesca.

Estava ainda n'aquelle tempo viva a gloria

de um homem d'estes que apparecem nas grandes quadras da humanidade, e que servem providencialmente como que a personificar na historia, e a resumir n'uma individualidade animada a vida inteira de um povo, e o drama completo da humanidade. O seculo XVI tinha dois nomes, como na mythologia o deus Brahma recebe tres designações, segundo a face por que se encara a trindade indostanica.

Considerado por um lado, o seculo XVI chamou-se Carlos V; por outro lado, Martim Luthero. Carlos V significou o seculo nas suas idéas de unidade catholica, de dominação e de conquista, de grandeza epica e de gravidade cavalleirosa. Luthero traduzia o seculo nos seus instinctos e aspirações de liberdade, de desunião, de anarchia e de individualismo. Luthero arrojava a cogulla monachal, e com a Biblia na mão, saía do claustro a prégar a supremacia universal e absoluta da razão humana ao lado do dogma impiedoso da predestinação. Carlos V, depois de sonhar a monarchia universal, de passear em triumpho pela Europa as hostes invenciveis da Allemanha, e

as famigeradas hostes da infantaria hespanhola, recolhia-se ao mosteiro de S. Justo, legando a Philippe II por herança um imperio onde não havia occaso para o sol, e uma situação politica prenhe de commoções intestinas e de guerras europeias.

Carlos V fizera da Hespanha a primeira nação do mundo christão, e legára a Philippe II a espada gloriosa que em tantas batalhas tinha enfeudado a victoria ao nome hespanhol, e a dominação á coroa castelhana.

Ao verem-se os venezianos ameaçados de perto pelas incursões atrevidas dos turcos, ao verem truncado o patrimonio de S. Marcos pela perda do reino de Chypre, accrescentado ás conquistas ottomanas, os venezianos recorreram ao papa para que prégasse á christandade uma nova cruzada, e para que, entrando na liga, a auctorisasse com o soberano privilegio do seu nome. Presidia então na Egreja o pontifice S. Pio V. A liga dos venezianos e do papa poz logo os olhos na Hespanha e em Philippe II, como um subsidio valiosissimo e um penhor seguro da victoria.

Philippe aprendêra de Carlos V a rebater as ousadias dos turcos. O imperador ensinára-lhe na jornada de Goletta como o valor christão podia triumphar sempre das armas ottomanas. O nome hespanhol, já temeroso para a christandade, ganharia de certo muito em tornar-se formidavel aos barbaros do Bosphoro. Philippe entrou na liga dos venezianos e do papa, e as galeras da republica de S. Marcos, tripuladas em grande parte pelos soldados hespanhoes, sob o commando do memoravel D. João de Austria, foram tremular sobre as aguas de Lepanto o guião victorioso das Hespanhas.

D'essa batalha celebre, que illustrou no seculo XVI as armas já tão illustres de Castella, resta apenas uma recordação historica. De tantos nomes gloriosos, que então haviam de commemorar as chronicas contemporaneas, de tantos guerreiros afamados, que figuraram n'aquella jornada memoranda, só dois nomes chegaram, com a sua gloria sempre viva, com a sua auréola sempre esplendida, até os nossos dias, tão cheios de glorias proprias, e de victorias e grandezas suas.

O bastardo de Carlos V, o intrepido D. João de Austria, por aquelle feito e por outros não menos eminentes em diversas campanhas do reinado bellicoso de Philippe II, legou á historia o seu nome, e conquistou um logar honroso entre os mais celebrados capitães da moderna edade. O general da frota christan de Lepanto vinculou a sua memoria áquella batalha gloriosa. E a par do general, e mais do que elle para a posteridade justiceira, immortalisou o seu nome, porventura um dos mais obscuros soldados aventureiros n'aquella facção naval.

Ali no ardor da peleja, na galera onde mais accesa e travada anda a refrega entre turcos e christãos, onde mais rebentam os pelouros, e estouram mais temerosos os arcabuzes e mosquetes, ali peleja, como soldado de fortuna, confundido pelo seu posto entre as fileiras dos mais ignorados guerreiros, mas sobresaindo a todos elles pela galhardia das suas acções, e pela nobreza e cavallaria do seu porte, um dos mais illustres, um dos mais justamente glorificados homens, d'aquelles que a Providencia

manda ao mundo para ennobrecer uma nação, e para illustrar a humanidade.

Ninguem diria que nos registos de um terço hespanhol de infantaria, d'aquelles que militavam na Italia, e que guarneciam as galeras de Veneza no recontro naval de Lepanto, estava inscripto, entre centenas de nomes destinados ao esquecimento, um nome que devia sobreviver a todas as glorias do seu tempo, que devia, marchando á posteridade, embargar o passo aos grandes e aos poderosos de então, e tomar no pantheon da historia seu logar de honra antes dos papas e dos imperadores, adiante dos generaes e dos politicos d'aquella época, fertil em grandes nomes e em gloriosas recordações.

Um soldado obscuro devia embarcar-se em Italia em uma das galeras, que iam a combater os turcos. Uma febre pertinaz impedia o guerreiro de tomar parte na empresa militar. Aconselhavam-lhe que não fosse exacerbar com os incommodos e perigos da guerra o estado lastimoso da sua saude. Venceram n'elle os brios de guerreiro, e os impulsos de soldado,

disposto a correr a fortuna e aventuras de uma empresa romanesca. Empenhada a acção em Lepanto, tres feridas gloriosas são n'aquelle soldado esforçado o testemunho vivo de que buscára contra os ottomanos o primeiro posto, e que, se não ficou sepultado nas ondas de Lepanto, só o deveu á fortuna, que já lhe sorria glorias immortaes, e não ao recato, a que se houvesse acolhido durante o mais rijo da peleja.

Esse soldado, que deu áquella batalha celebre com o seu sangue, então, um elemento de victoria, e com o seu nome, depois, um episodio grandioso, esse aventureiro hespanhol era o que devia mais tarde, depois de uma odysseia romanesca de aventuras e de revezes, pendurando as armas do mosqueteiro hespanhol, e tomando a penna do escriptor inspirado, traçar um monumento nacional no *D. Quixote,* e resumir a maior gloria litteraria das Hespanhas no nome immorredouro de Cervantes.

Grande e notavel semelhança entre o mais illustre escriptor de Hespanha e o mais inspirado cantor dos feitos portuguezes, é a de

terem ambos preludiado na epopeia viva, e no romance activo da guerra, as paginas sublimes que testaram como herança de gloria á sua patria.

Cervantes apparece pela primeira vez pagando á Hespanha o feudo de sangue, e recebendo no peito e na mão esquerda as feridas honrosas que o tornam na aurora dos annos invalido para a guerra.

Camões, antes de consagrar n'uma das mais formosas epopeias as altas façanhas da sua gente, compra nas batalhas, pelo preço do seu sangue, o direito de cantar a sua patria. Antes de engrandecer pela descripção fidelissima, pela hypotypose eloquente as acções guerreiras que intentou celebrar, vive no tumulto dos campos, experimenta a condição aspera do soldado, assiste aos recontros e batalhas, encosta a escada ás muralhas inimigas, escuta o troar das baterias, e gosa em realidade os prazeres e as agonias da guerra, as incertezas da batalha e os deleites da victoria; sente referverem-lhe na alma as paixões impetuosas do guerreiro, e os sentimentos

generosos do soldado christão. A musa não o inspira nos ocios do gabinete, no remanso ignobil da vida cidadan. Ha de prestar-lhe a inspiração, e entornar-lhe sobre a cabeça todas as graças, todos os thesouros da poesia; ha de ceifar-lhe abundantes laureis, e enramar-lhe a fronte desassombrada e varonil. Mas ha de o poeta seguil-a aos campos de batalha, onde ella vae mostrar-lhe os originaes que elle deve de copiar, e os heroes que tem de engrandecer pela epopeia. Assim como Virgilio, na lugubre lenda do Dante, leva o poeta *ghibelino* aos circulos do inferno; assim tambem a musa de Camões, personificada no destino do vate, o conduz pela mão a copiar do natural e do vivo as grandes acções e episodios de que ha de tecer os seus *Lusiadas*.

Á semelhança de Camões, Cervantes inicia-se na vida, provando em Lepanto os arcabuzes mussulmanos. Não lhe sorriem no berço as musas indulgentes e precoces. Já entre os folguedos infantis, não brinca, como os poetas de hoje, com as frivolidades da rima facil e com as graças apparentes da eloquencia fugi-

tiva. Não cinge ao primeiro alvorecer da adolescencia os falsos laureis, que tão prompto vicejam na fronte, quão depressa se crestam e desfolham no tumulo. A coroa pousa-lhe magestosa, quando a fronte já enrugada denuncia a maturidade de um coração temperado nas lidas e nos revezes do mundo, e uma intelligencia acicalada pela reflexão e pelo estudo.

Hoje, que a guerra é uma excepção rarissima á lei commoda, mas prosaica, do equilibrio europeu, já a poesia perdeu o entono cavalleiroso para remedar a graça cortezan dos trovadores palacianos, ou para se effeminar nos amores monotonos do poema romantico. Mas n'outro tempo, quando era a guerra a lei e a honra, e um opprobrio e uma vergonha e uma ociosidade e um desar a paz, a poesia inspirava-se na paixão fundamental da época. Então os poetas tinham, como o cantor dos *Lusiadas,* n'uma das mãos a espada e na outra a penna, e coroavam-se de loiros e de carvalhos, symbolo da victoria e da grandeza varonil. Hoje os bardos coroam-se de rosas e de

jasmins; não retemperam a alma nas batalhas, senão nos saraus e orgias; não reproduzem na téla os heroes, senão as bellas e as vaidosas da salas; a poesia já não exhala de longe o cheiro da polvora,—rescende o almiscar e o pivete dos toucadores. D'antes a poesia grandiosa e sublime tinha por thema o homem; hoje a lyrica donairosa e arrebicada tomou a mulher por musa e por orago, por inspiração e por idolo.

II

Nasceu Miguel de Cervantes Saavedra na cidade de Alcalá de Henares, celebre pela insigne universidade que ali floresceu por tanto tempo, e que ainda hoje dura, posto que já decaida, como todas as de Hespanha, da sua antiga celebridade e bom nome litterario. N'aquella cidade, e na sua antiga parochia de Santa Maria-Maior, recebeu Miguel de Cervantes as aguas baptismaes.

Deram-lhe seus paes, Rodrigo de Cervantes e D. Leonor de Cortinas, pessoas de esclarecida e honrada linhagem, a educação litteraria que a sua escassa fortuna lhe permittia, e aquelles tempos de pouco divulgada instrucção podiam consentir.

Não teem os biographos do famigerado romancista achado documentos nem tradições

com que esclarecer sobejamente os primeiros annos de Cervantes. Quem fossem seus mestres, e que instituto lhe ministrou as primeiras noções litterarias; como e quando se despertou na alma ainda juvenil do auctor de *D. Quixote* a primeira faisca do genio, e em que producção litteraria se revelou, são pontos que os seus mais escrupulosos e investigadores biographos, Quintana, Pellicer, Mayans, Rios e Navarrete, não poderam até hoje resolver. Sabe-se que nos seus primeiros annos seguiu as licções de D. João Lopez de Hoyos, que por aquelles tempos professava em Madrid as humanidades com grande applauso e reputação. Obra sua publicada, a primeira foi uma elegia á morte de Isabel de Valois, poema que Lopez de Hoyos publicou na relação que escreveu das solemnes exequias que o *ayuntamiento* de Madrid mandou fazer áquella infortunada princeza.

No tempo em que Cervantes dava a sua entrada no mundo, e tinha de eleger a sua carreira publica, só havia em Hespanha, e no resto da Europa, tres profissões que podessem levar á gloria, ao poderio e á riqueza. A socie-

dade legal d'aquelles tempos resume-se no soldado, no sacerdote e no lettrado. Para chegar aos primeiros postos na milicia, um sangue esclarecido, e as protecções da côrte eram as principaes recommendações, e quasi os unicos penhores de boa fortuna. Entrando no mosteiro, enredando-se nas distincções e nas argucias dialecticas da *Summa,* de S. Thomaz, ou exercendo a argumentação nos capitulos massiços e nos casos infinitos do Decreto de Graciano, fazendo-se mestre em theologia, ou doutor em decretos, podia aspirar-se a uma grossa prebenda n'alguma cathedral ou collegiada bem pingue de rendimentos, esperar as honras singulares do generalato de uma ordem, ascender a um bispado, ou a uma cadeira de inquisidor; ou, trilhando um caminho mais profano, chegar um dia a ser admittido aos tribunaes elevados do estado, ou a fazer parte da suprema curia do rei.

Bem se deixa ver que á indole chacoteadora e jovial de Cervantes não iria bem a gravidade austera do claustro, nem a severa erudição ecclesiastica, nem o labyrintho forense,

que lhe seccaria com a prosa massuda dos romanistas e decretistas as abundantes fontes da poesia que lhe haviam de borbulhar rapidas na mente logo ao alvorecer dos primeiros annos. N'isto a fortuna do poeta guiava-o pelas sendas communs ao genio da invenção. Fugindo nos seus primeiros annos á vida regrada e systematica das escolas e dos claustros, Cervantes obedecia ao destino moral que prescreve aos grandes genios a anarchia intellectual por norma, a independencia quasi selvagem do talento como condição essencial, e a ausencia de toda a violencia e de toda a lei, como a lei unica das grandes e fecundas imaginações.

Semelhante á planta delicada, que a primeira viração poderia desarreigar, que o primeiro raio ardente de sol poderia emmurchecer, o talento mediocre requer abrigos e cultura. Semelhante ao cedro da montanha, o genio repelle os caminhos da arte humana, e compraz-se arrogante e indomito no meio das tempestades da natureza. As academias e as universidades, os mestres e os livros, a arte sollicita e protectora, implora-os a intelligencia

commum. O genio pede que o deixem livre e desassombrado. Eclipsa-se momentaneamente para apparecer depois radioso e deslumbrante, como se fôra um raio de sol, que doira a cumeada do horizonte em aurora de agosto, uma scentelha de luz inesperada e ardente desde o seu primeiro despontar. A intelligencia vulgar apalpa-se em semente; vê-se germinar; presencia-se-lhe a florescencia; colhe-se em flagrante fructificação. Todas as suas phases se explicam, se filiam; todas as suas glorias se prevêem. O genio sae das normas communs das leis universaes.

É nas batalhas que aquelle genio se educou para produzir obras que duram como os seculos; é na dissipação e na ociosidade apparente que incubou e se fez genio a vivacidade que parecia fugitiva, n'aquelle bardo fadado a glorias immortaes.

Homero e Hesiodo não tiveram universidades, e nem todas as faculdades gravemente pedantes dos nossos dias, nem todas as Sorbonnas, nem todas as Oxfords e Heidelbergs, Salamancas e Coimbras escreveriam um trecho

como o da morte de Heitor no assedio de Troia. O Tasso refugiu sempre a escola forense, e mais o deliciavam e seduziam os cantos do Policiano, ou as lendas do Dante, do que as glosas de Bartholo e os commentarios de todos os doutores de Bolonha. Camões sabemos em que academia se graduou, e como defendeu theses contra moiros ás lançadas e aos pelouros.

Pobre, desvalido, sem carreira publica que lhe désse o pão de cada dia, Cervantes deixa a patria aos vinte e dois annos, e dirige-se á capital do mundo christão. A que foi a Roma não se sabe hoje dizer. Que motivos o determinaram, não ha monumento nem tradição d'onde o possamos inferir. Parece provavel que saisse da patria a buscar a fortuna que lhe não sorria então pelas Hespanhas. Se em busca d'ella deixou o solo natal, não se lhe mostrou ella mais fagueira entre os estranhos, porque o vemos servindo o pouco honorifico officio de camareiro de monsenhor Acquaviva, legado que por aquelles tempos fôra da Sancta Sé junto da côrte de Hespanha. Mais depressa se desgostou

o poeta da sua condição pelo humilde do cargo, que pelo tenue dos rendimentos; o que é certo porém é que o vemos pouco depois alistar-se em um dos terços hespanhoes que então militavam na Italia, e assistir depois á jornada de Lepanto.

Tres feridas a depôrem eloquentes os serviços e a bizarria militar do soldado-poeta, os bons officios dos seus superiores, e as propicias recommendações e promessas de D. João de Austria, accenderam-lhe na alma a esperança de ver um dia recompensados os seus serviços, afiançando-lhe porventura o commando de um terço de infantaria, e facilitando-lhe o accesso aos primeiros postos militares em tempos em que a guerra era para a Hespanha um elemento perpetuo de vida, e uma condição essencial de engrandecimento.

A fortuna tinha porém elegido a Cervantes para experimentar n'elle todos os revezes e todas as contrariedades romanescas de uma vida agitada e aventurosa. Antes de lhe conceder a invenção de D. Quixote, antes de o investir na missão de romancista, quizera fazer

d'elle o heroe de uma novella, cheia de interesse, e entretecida de curiosas peripecias. O que havia de enriquecer a historia de D. Quixote com o episodio do *capitão captivo,* havia antes de esboçar as scenas, então vivas e frequentes, dos corsarios de Argel e de Tunes, aprender nos ferros mahometanos todas as amarguras do captiveiro.

III

Pelos annos de 1575, a galera hespanhola *Sol* cortava as aguas do Mediterraneo, conduzindo á Hespanha muitos dos campeões valentes e dos cavalleiros denodados, que haviam assegurado em Lepanto a victoria ás armas christans, ameaçadas pelo poder dos ottomanos. Miguel de Cervantes voltava á patria, esperançoso de receber depois do triumpho, em que fôra parte, a recompensa dos seus serviços, attestados pelo valioso testemunho de D. João de Austria e do duque de Lera. A fortuna tinha porém disposto que as coroas de laurel se trocassem pelos ferros da servidão, e que o repouso, depois de tantas fadigas e campanhas, fosse substituido pelas infamantes lidas do captivo de Argel.

O corsario Arnaute-Mami, á frente de uma esquadrilha de galeotas argelinas, espiava nos mares a occasião de minorar as perdas e de vingar as affrontas de Lepanto. A galera hespanhola não pôde resistir ao impeto dos argelinos, e os paladinos, que ainda traziam frescas as recordações da victoria, e vivo ainda o orgulho da conquista, acharam-se de subito descidos de triumphadores altivos á condição ignobil dos escravos.

Está Cervantes em Argel. E para cumulo de infortunios, sob o poder de um renegado grego, avaro, como quasi todos os renegados, e cruel para com os seus antigos religionarios, como todos os apostatas de especulação. Dali-Mami, que era este o nome do senhor a quem o poeta coube em sorte, considerava os seus captivos antes como um capital productivo, do que como uma machina de trabalho.

Esta escravidão, de que a Europa christan foi por tantos seculos victima diante das temerarias galés das potencias barbarescas, não se assemelhava inteiramente á servidão abjecta contra que ha pouco se ergueu a voz sympa-

thica de Mistress Harriett Beecher Stowe (*), e que a Europa civilisada e humanitaria encobre pudicamente com o véo da tolerancia, ou justifica pelas necessidades fataes do moderno industrialismo.

Um christão retido entre os ferros de Argel não era um homem absolutamente perdido para a familia, para a patria e para a sociedade christan. O seu senhor redobrava para com elle de rigores, e recrudescia em crueldades, para o forçar a empenhar todos os seus esforços, e a romper por todos os impossiveis até conquistar a bolsa de sequins, com que abrandar a humanidade e despertar a clemencia do senhor. Um escravo era um capital tanto mais valioso quanto mais nobre era a sua hierarchia,

---

(*) Harriett Beecher Stowe (1826-1896), distinta escritora norte-americana, autora de muitas obras apreciáveis, sendo a mais notável o romance abolicionista *Uncle Tom's Cabin* (A Cabana do Pai Tomás), pela primeira vez publicado em 1850 no jornal de Washington «Ere National», e depois traduzido em muitas línguas modernas.

A. V.

e mais opulenta a sua fortuna. O escravo no poder do senhor, era como um bilhete do Banco de Inglaterra, nas mãos de um homem, que viajasse por terras incultas e selvagens, onde não estivesse em uso a representação das riquezas pelos simples papeis de credito. O escravo podia sempre realisar-se em valor metallico. O caso era saber esperar, e empregar os rigores e os maus tractos na dose sufficiente para produzirem o desejo ardente da liberdade, sem apressarem pelos soffrimentos physicos a morte, e por consequencia a amortisação final d'aquelle *bank-note* de carne e osso. Havia simplesmente uma pequena differença entre a nota do banco e o captivo de Argel, differença que se traduzia n'um saldo contra o infortunado captivo. A nota conserva-se cautelosamente archivada, e carinhosamente afagada n'uma carteira de viagem, em quanto que o servo christão accumulava os juros do capital, que representava, cavando e sachando nos jardins orientaes do seu senhor, remando nas suas galeotas empavezadas, ou exercendo um mister, que toca as raias do martyrio, para um

espirito romanesco e juvenil, o de guardar as formosas mulheres, que povoavam o harem para lisongear a amorosa avareza de um moiro, quasi sempre entrado em annos, e de enrugada e hedionda catadura. É preciso accrescentar a isto, que todos estes serviços productivos, com que o escravo pagava ao senhor o beneficio da vida e o valor da subsistencia, eram exercidos sob o influxo animador do azorrague, suspenso sempre como uma ameaça, e por vezes descarregado como punição sobre o corpo do escravo menos industrioso, ou mais distrahido pelo infortunio.

Cervantes era, além de escravo, um cavalheiro hespanhol de illustre nascimento. Novo argumento para novas severidades e cautelas da parte de Dali-Mami. O grego renegado tinha feito um raciocinio falso, já para o seu tempo, e falsissimo, absurdo, impossivel para os nossos dias. Entre os papeis de Cervantes havia o moiro colhido algumas cartas officiosas, em que alguns dos primeiros capitães do exercito hespanhol de Italia recommendavam o futuro auctor de *D. Quixote* á benevolencia e á gra-

tidão dos poderosos da côrte. E a par d'esta descoberta preciosa viera a saber que o captivo christão era cavalheiro, e logo sobre estes indicios, magnificados pela avareza de um agiota, e de um agiota argelino, architectou o renegado um edificio de esperanças para as suas lucrativas especulações. Do simples cavalheiro, quasi soldado raso nas campanhas de Italia e de Lepanto, assoprou logo ali um fidalgo opulento, senhor de grossas commendas de Calatrava ou de Santiago, se é que não o suppoz titular de Castella e grande de Hespanha, disfarçado, por calculos de avareza, na humildade de peão. D'esta inducção passou a logica do moiro a mais amplas argumentações, e tirou por conclusão de tudo, que um homem nobre, e que tantas recommendações trazia em seu abono, devia ser rico como um Creso, e magnifico como um Lucullo. Premissas e conclusões egualmente erradas e absurdas. Nobre e sobre nobre soldado, já no tempo de Philippe II não queria dizer rico, nem poderoso. Mas nobre, soldado, e pretendente, como o diziam as cartas de recommendação, nada

mais accusavam para um bom traductor, senão pobreza e honradez. O moiro contentou-se com os argumentos da razão pura, como diria Kant, e não tractou de investigar a verdade, pela *theoria da razão pratica*, como dizia o citado philosopho de Kœnigsberg. O que é certo é que, apesar de todas as conclusões do renegado, e de todas as suas esperanças de bom resgate, Miguel de Cervantes não encontrou de mais no bolso um maravedi sequer de bom quilate.

O que elle encontrou, sim, foi o desejo cada vez mais ardente e fervoroso de escapar á sua dura escravidão, e de burlar ao mesmo tempo a vigilancia e a rispidez do seu despiedado possuidor. Quem, mais para o diante, havia de desentranhar-se em invenções comicas, e em enredos engenhosos para entretecer de peripecias inesperadas, e salgar de gracejos proverbiaes, a vida aventureira e grave *del engenioso hidalgo*, e a continencia prosaica e utilitaria do escudeiro manchego, quem sabe se, acossado pela necessidade, mãe de invenções e fautora desculpavel de ardis e de estratage-

mas, não preludiaria ao romance de imaginação, fazendo-se a si mesmo o personagem temerario de uma aventura real e verdadeira? A imaginação de Cervantes descobriu um primeiro meio de fuga, buscando, com alguns outros christãos seus companheiros no exilio e na ousadia, o caminho de Oran. Trahidos porém logo ao principio da jornada por um moiro, que deveria servir-lhes de guia, desamparados de todo o soccorro amigavel em terra de barbaros, e por caminhos desconhecidos, deram fim á sua primeira romaria de liberdade, retrocedendo para Argel, e vindo entregar-se de novo á brutalidade dos senhores.

Facil é de suppôr os emboras com que havia de receber a Miguel de Cervantes o seu desnaturado e sanhudo possuidor, e é para agradecer, em nome do immortal monumento litterario de Cervantes, que o ciumento Dali-Mami não houvesse ali logo, com a morte do castelhano, privado para sempre a posteridade de gosar, admirando-o, o livro mais popular e europeu de quantos se numeram na moderna litteratura.

Soára entretanto na peninsula a noticia do captiveiro de tantos cavalleiros e soldados generosos. Pobres mas extremosos pelos filhos, os paes de Cervantes empenharam ou venderam o limitado peculio de que viviam, para enviar a Argel o resgate de Miguel, e de seu irmão Rodrigo, que fôra seu camarada nas guerras e seu socio na escravidão. Era porém a quantia tão escassa, que mal chegou para resgatar Rodrigo, a quem, como a menos notavel e como que plebeu, os moiros consentiram em libertar por um preço muito inferior ao de Miguel. Volveu pois Rodrigo á terra patria, levando encommendada pelo irmão a fórma por que havia de concorrer para a liberdade de Miguel.

Apresentou-se bem cedo a Cervantes a occasião de tentar nova fortuna, buscando na fuga o só resgate, que lhe consentia a sua pobreza. Resgatou-se pouco antes um malhorquino, que antes de partir concertára com Cervantes o modo de o levar. Chegado que foi o praso marcado, foi-se Miguel de Cervantes com os companheiros com quem commu-

nicou o seu proposito, a esconder-se n'uma cova, que, em um jardim de um alcaide moiro, tinha disposta o jardineiro, ancioso tambem de cobrar a liberdade. Esta cova, menos encantadora e menos poetica que a de montesinos, e muito mais perigosa do que ella, foi guarida aos captivos, que ali se mantiveram esperançosos e anhelantes porque viesse o malhorquino a quebrar-lhes as algemas. Tornou de feito o libertador, mas em tão má hora, que andando proximo de terra a espiar a occasião do desembarque e da fugida, vieram de acaso a passar por ali alguns perros mussulmanos, que, reconhecendo-o logo, começaram de alvorotar a terra, com que o malhorquino teve de fazer-se ao largo, dilatando o intento para melhor occasião. Voltou outro dia á empresa, mas d'esta vez com mais desastroso succedimento, porque, surprehendendo-o os moiros, não só o divertiram da empresa, senão que o fizeram captivo.

Succedeu á esperança o desalento para os infelizes, que fiavam do malhorquino toda a sua salvação. Não foi porém duradoura a lucta

entre o desconforto e os ultimos clarões da confiança; porque a pouco tempo de ser o malhorquino aprisionado, um renegado, que fôra parte no segredo, os delatou covardemente a Azan, dey de Argel. Levados á presença do bachá, Cervantes deu um novo testemunho da sua bizarria e da sua generosidade, acceitando para si a exclusiva responsabilidade da projectada fuga, e salvando, por uma mentira heroica, a vida de seus companheiros de infortunio.

Restituido Cervantes a Dali-Mami, seu antigo senhor, não afrouxou com o mau succedimento das passadas empresas, nem deixou de proseguir em novas tentativas de liberdade. Animava-o em parte a isso a quasi impunidade, que lhe assegurava a boa reputação de grandeza e poderio em que estava para com Dali, cada vez mais cubiçoso de um avultado resgate.

Tentou segunda vez a viagem de Oran, mas desenganado da possibilidade d'esta empresa, converteu de novo o pensamento e as esperanças para o mar, como seu unico refugio.

Uns mercadores valencianos, que traficavam em Argel, e um renegado granadino, ancioso de reconciliar-se com a Egreja, auxiliaram Cervantes em uma nova tentativa, e apparelharam-lhe uma galé, em que embarcar-se para Hespanha, e mais sessenta captivos, ou mais discretos, ou menos abastados do que os outros. Dispunha-se já a partida, quando ou traição ou imprudencia fez transpirar entre os moiros a noticia da fuga. Apontavam a Cervantes como o capitão de todas estas empresas, e por isso os moiros, já indignados de tamanha ousadia, o buscavam por toda a parte, resolvidos a não hesitar d'esta vez ante a supposta grandeza do arrojado conspirador. Era imprudente apparecer então, e entregar-se elle proprio á justiça de Argel. Occultou-se pois em casa de um amigo, á espera que, acalmando-se a agitação e a sanha dos infieis, podesse ir triumphar ainda uma vez da avareza, e desarmar com o heroismo do seu caracter a inclemencia dos mussulmanos. Boa occasião era para Cervantes de se escapar com segurança, aproveitando-se da timidez e susto dos merca-

dores; porque, temendo elles, que, preso Cervantes e posto a tormento para confessar os fautores do crime, soltasse, ou por egoismo, ou por fraqueza, os nomes dos valencianos, lhe offereceram com grande encarecimento de o resgatarem, e dar-lhe passagem em um navio, que se fazia de véla para Hespanha. Não lhe consentiu porém a sua grandeza d'alma, que saisse elle só incolume da empresa, deixando compromettidos os companheiros, a quem demais a mais faltaria para os defender a coragem e a abnegação com que já antes os preservára dos ultimos rigores.

Mandou Azan lançar pregão, para que ninguem, sob pena de morte, désse abrigo a Cervantes; com o que elle deixou voluntariamente a casa em que se homisiára, e veiu em pessoa entregar-se ao furor do pachá.

D'esta vez a lucta entre a firmeza christan e a ferocidade sarracena tinha de ser mais renhida que d'antes; sendo que o juiz então era Dali-Mami, mais avarento que ferino, e era-o agora o proprio dey, injuriado do atrevimento e rebeldia de Cervantes.

O soldado, que ajudára a abater em Lepanto as soberbas do crescente, que levantára tão alto as mãos para o combate, que lh'as haviam mutilado pelouros mussulmanos, comparecia agora diante de Azan, com as mãos atadas atraz das costas, e com uma soga ao pescoço, como se houvessem ali logo de infligirem-lhe o ultimo supplicio. Apostrophou-o o moiro com ultrages e affrontas, lançou-lhe em rosto o crime de buscar a todo o trance a liberdade, que lhe tolhiam, como se quem commette o sacrilegio de a tirar injustamente a alguem possa capitular de crime a fuga do prisioneiro. Inquiriu-o Azan sobre que cumplices tivera, e quem haviam sido os favorecedores da tentativa. A todas as perguntas, a todos os ardis do moiro, só teve Cervantes uma resposta que dar: — a culpa d'elle só, e a innocencia dos companheiros. Abnegação e heroicidade digna de figurar junto da firmeza e resolução com que os confessores das primeiras edades christans arrostavam, junto do equuleo e da fogueira, com a ferocidade dos pagãos! Cinco mezes de estreitissima prisão

foram a unica punição com que o argelino castigou a grandeza d'alma de Cervantes.

Quem conhece os costumes deshumanos dos seguidores de Islam, quem sabe que a crueldade e o terror teem sido sempre o principio mais energico da politica e da administração dos turcos, quem se recorda das atrocidades ainda não há muitos annos commettidas pelo pachá contra os christãos desamparados e imbelles, attribuirá quasi a milagre a bondade com que Azan tractou o christão arrojado, que por tantas vezes zombára da vigilancia dos seus guardas e da fereza dos senhores.

Desde então ficou Cervantes sendo escravo de Azan, que por quinhentos escudos de oiro o comprou a Dali-Mami, como quem queria ter sob sua guarda e bom recado o que já chegava á ultima ousadia de tentar uma rebellião geral de todos os escravos, com que lograssem todos a liberdade, e punissem, já livres e vencedores, a arrogancia dos moiros.

Dispunha-se o dey a partir para Constantinopla, levando comsigo o mal-aventurado

captivo, quando os religiosos trinitarios chegaram a Argel, a redimir, segundo o seu piedoso e christianissimo instituto, os captivos hespanhoes. Para o resgate de Cervantes traziam apenas tresentos escudos, que lhe mandava sua desolada mãe, já então viuva. Eram porém mil escudos o preço do resgate, fixado por Azan. Depois de muitas negociações e de reiteradas supplicas dos trinitarios, baixou o resgate a quinhentos escudos, somma ainda exaggerada para quem tresentos só trazia. Insistiu o moiro na quantia, que fixára, e estava já perdida para Cervantes toda a esperança de liberdade, quando compadecidos os bemfazejos mercenarios da sorte d'aquelle infeliz e generoso christão, perfizeram, a poder de sacrificios, a somma, que pedia o moiro, e obtiveram a final que Miguel de Cervantes, deixada a terra barbara e inhospitaleira em que arrastára cinco annos os ferros da servidão, volvesse de novo, em 1580, á patria, de que tantos annos andára separado.

Está Cervantes restituido a final á sua patria. Recobrou a liberdade, mas a liberdade

com a penuria, com o desconforto, com a sua estrella de poeta. Já não está entre os ferros de Azan, nem nos ergastulos do bey de Argel; é livre: mas por entre as alegrias da familia, que o recebe carinhosa, vê levantar-se a miseria, que o ameaça, e a má fortuna, que o condemna.

Á semelhança de Camões, que só acha para reparar os infortunios da vida militar, o arriscar-se em novas campanhas, e tentar novas aventuras, Cervantes, saido dos ferros, que foram o premio glorioso das suas primeiras armas, cinge novamente o arnez, e embraça o escudo de Lepanto para legar o seu nome á grandiosa e nacional empresa em que a sua patria vae agora buscar novo dominio e nova gloria.

No anno em que o poeta lusitano, repousando ao lado das armas embotadas em tantos combates gloriosos, e abraçado ao poema em que traduzira os brazões de Portugal, se preparava a morrer, depois de ter assistido luctuoso ás exequias da sua patria, no proprio anno em que as lettras portuguezas iam ganhar

com a morte de Camões, o seu maior e mais brilhante esplendor, a gloria litteraria de Hespanha existia ainda em germen na cabeça de um soldado obscuro e aventureiro, que militava no exercito invasor de Portugal. E esse soldado era Cervantes, e esse exercito era o que passava as raias portuguezas para vir executar pelas armas o testamento do cardeal-rei.

A nossa independencia e a nossa nacionalidade tiveram então a honra de ter por inimigo, n'um dos terços da infantaria de Philippe II, ao maior escriptor que jámais illustrou a lingua castelhana, e ao maior e ao primeiro romancista das antigas e modernas edades litterarias.

Cervantes serviu depois ás ordens do marquez de Santa-Cruz, D. Alvaro de Bazan, e assistiu á facção militar, que venceu a perseverança e o heroismo dos Açores em favor da moribunda independencia de Portugal.

A fortuna inexoravel zombava de todas as diligencias e de todas as tentativas de Cervantes. Ás campanhas de Italia e ás gentilezas de Lepanto succediam agora mais tres campa-

nhas em que o poeta provára, como sempre, que era o seu braço egualmente usado a vibrar a espada, que a dedilhar a lyra melodiosa com que Cervantes cantára depois os carmes bucolicos da *Galatea*. A pobreza cada vez mais teimosa era a medalha com que voltava galardoado dos arraiaes e das batalhas. O esquecimento na paz era o premio das suas bizarrias na guerra. O que ao sair de Hespanha para ir pela primeira vez assoberbar com os terços de D. João de Austria a Italia avassallada, sonhava talvez uma capitania honrosa, e erguia porventura os vôos da esperança romanesca até o bastão do supremo commando, tornava á patria com os annos juvenis perdidos em luctas deshumanas, com o peito retalhado de cicatrizes, e em estado de repetir nas ruas de Madrid a lenda romantica de Camões, estendendo o morrião amolgado á caridade dos seus compatriotas. Pelejára em tantas batalhas e tantos recontros, e levava por despojos opimos de tantas victorias em que fôra parte, a indigencia e o pundonor do soldado raso!

Era Cervantes já entrado em annos. Come-

çava de alvorecer esta edade em que as illusões se perdem, e as esperanças phantasiosas se desfolham no commercio do mundo positivo. Não ha alma de poeta que resista ás tempestades da vida real e agitada. A imaginação é como planta exotica, que esmorece e murcha ao vento das paixões, e se curva rendida ao tufão da sociedade. Sonhae illusões, e acariciae-as: mas, se as não quereis distingir e riscar da idéa, separae-vos da multidão, e não andeis acotovelando os profanos no mercado prostituido do mundo. Quem andou pelos campos vivendo vida solta de soldado, quem viu a fortuna sorrir ao covarde, e perpassar desdenhosa junto do guerreiro denodado; quem a viu cortejando o intrigante, e chasqueando o homem chão e desinteressado; quem a viu talhar por zombaria o laurel para o merito, e fazêl-o cair por engano fraudulento na cabeça do idiota e do perverso, não póde aos trinta annos coroar-se de lyrios e de rosas, e assistir com a alegria machinal da puericia a esta ridicula comedia da humanidade.

Cervantes não luctou com a má ventura.

Acatou-a e pendurou as armas triumphadoras na parede nua do seu albergue. Aos trinta annos de edade tinha visto nos seus mysterios o drama variadissimo do mundo, e tinha assistido como actor a todas as scenas da vida. O captiveiro tinha-lhe sido escola bem custosa, e a profissão das armas comprára-lhe, a troco de sangue e de desgostos, mil episodios verdadeiros da comedia humana. O genio começou de revelar-se-lhe em toda a sua luxuária florescencia. Chegava o momento em que todas aquellas scenas dispersas e incompletas na memoria de Cervantes deviam, animadas por uma grande phantasia de poeta, sublevarem-se-lhe na mente, e fixarem-se perfeitas na téla do poema e do romance. Cervantes deixou emfim a profissão das armas, e em 1584 marcou a sua entrada no mundo litterario, estampando com applauso universal a novella pastoril de *Galatea*.

IV

Cervantes seguiu nas suas creações a ordem natural e logica, que a natureza não consente impunemente que transgridam nem os mais famosos e fecundos talentos litterarios. De todos os homens que imprimiram na litteratura do seu paiz um cunho de nova e inesperada individualidade, de todos os homens que, á semelhança de Camões ou de Shakespeare, gravam a sua effigie em relevo sobre a civilisação litteraria de um povo, é raro aquelle que começou a sua carreira triumphal, arremessando ao publico o seu poema original, e a obra prima do seu genio. Não é facil romper o fio das tradições litterarias de um paiz, assim como é impossivel, na ordem politica, apagar a memoria das instituições actuaes para lhes substituir pelo impulso de uma intelligencia

superior um regimen social inteiramente novo, e uma legislação sem precedentes e sem modelos.

O talento reune necessariamente nos primeiros dias da sua elaboração mysteriosa os elementos que acha dispersos em torno de si. Os primeiros passos arriscam-se em imitações mais ou menos arrojados. As primeiras navegações regulam-se pelas balisas, que deixaram os predecessores, e pelos mesmos cabos, que elles dobraram, e foram marcando cuidadosamente na carta. Depois virá a reflexão reprehender o servilismo das copias. Depois o genio repugnará á carreira já trilhada. O pincel corrigirá a monotonia do original. A phantasia, respeitando ainda as formulas da litteratura que existe, esvoaçará mais desafogada. E a final, quando o verdadeiro genio se revela n'uma alma de poeta, e quando a inspiração referve n'um cerebro creador e original, os antigos roteiros serão postos de lado, e o poeta, diante da natureza e orgulhoso dos proprios recursos intellectuaes, escreverá as paginas novissimas que desenham a sua pro-

pria individualidade, e que fazem do seu nome o symbolo de uma era litteraria.

Cervantes achou as lettras embevecidas na contemplação das bellezas campezinas, e absorvidas nos sentimentos pastoris. O alaúde dos trovadores, tão sonoroso e tão fertil nos romanceiros castelhanos, emmudecêra nas Hespanhas, como em todas as nações civilisadas, pelas maravilhas da renascença. O sentimento guerreiro e patriotico tinha-se calado desde muito. A natureza real tinha cedido o passo a esta natureza de convenção, natureza pallida, insulsa, insipida, monotona e absurda, que tingia de um azul impossivel o céo das eclogas, que prateava de um brilho sempiterno a lympha dos ribeiros, que esmaltava de uma infinda primavera a viridente relva das campinas, e que affeminava o animo dos homens, dando-lhes os candores pueris da insulsa vida pastoril. A singela, barbara, mas grandiosa epopeia do Cid era já n'aquelle tempo em Castella uma antigualha desenxabida, que tinha descido do sanctuario das lettras á condição plebeia, e que passára de ser erudição de gente lettrada a

andar em morgado litterario de velhas de soalheiro, e da plebe analphabeta.

Quem por aquelles tempos já cultos e recendentes de erudição e de reminiscencias classicas poderia tolerar as trovas muito nacionaes, mas muito rudes, muito originaes, mas muito desenfeitadas dos poemas sagrados de Gonçalo Berceo, do *Alejandro,* de João Lorenzo, das cantigas escriptas em gallego pelo celebrado Affonso X, o sabio, e do seu livro do *Tesoro,* ou da pedra philosophal, monumentos litterarios moldados na fórma invariavel do alexandrino mal accentuado e dissonante, ou do verso de arte maior, repetido com uma prosodia barbara e uma versificação adulterina em triadas longas e prosaicas?

Qual seria o cantor arrebicado e culto d'aquelles tempos, que ousaria repetir em salas, ou deletrear a um auditorio cortezão versos *sencillos* (como o dizem os hespanhoes), á maneira dos do infante D. João Manuel, no seu famigerado *Conde Lucanor,* ou no estylo do chronista Ayala, o Fernão Lopes das Castellas? Quem se atreveria a rememorar, e a

tomar por modelos as trovas incultas do arcipreste de Hita, um dos primeiros e mais afamados trovadores do alvorecer litterario da peninsula? Quem, depois de ter ouvido Petrarca gemendo, pela norma de Ovidio e de Tibullo, aos pés da sua Laura, creria ouvir as expansões do amor ceremoniatico e perfumado na rudeza do arcipreste, quando, invocando a intercessão da deusa de Paphos, dizia:

> Señora doña Venus, muger de don Amor,
> Noble dueña, omillome yo vuestro servidor.

Os cancioneiros, que depois se avolumaram, se bem revelavam n'uma sensivel transição as phases de uma perfeição sempre crescente, eram ainda a reproducção da mesma idéa poetica, e manifestações diversas do mesmo cyclo litterario. A poesia dos trovadores e dos troveiros dominava ainda n'elles soberanamente. A fórma, tornando-se mais variada e mais perfeita, pelas invenções da versificação, contribuira a aplainar a aspereza dos primeiros ensaios, e os assumptos cavalleirosos, os grandes poemas, epopeias bastardas e pura-

mente narrativas, as lendas piedosas, ou as homilias e as pareneses rimadas em versos interminaveis foram desapparecendo pouco a pouco da scena, até que os themas ligeiros, e os argumentos faceis e amenos vieram acercar a poesia castelhana antes da perfumada elegia latina do que dos velhos cantares dos trovadores.

Desde as coplas do marquez de Santilhana, desde as trovas de D. Henrique de Vilhena, e dos poetas fidalgos da côrte de D. João II de Castella até ao *Labyrinto,* de João de Mena, a differença é extraordinaria e o progresso da arte admiravel; mas o *Labyrinto,* apesar da belleza da invenção e dos primores desusados do estylo, e do colorido poetico, não era um poema, que podesse marcar a virilidade da litteratura castelhana, e dar-lhe pela sua auctoridade um logar honroso entre as modernas litteraturas europeias.

João de Mena é porventura na ordem chronologica o primeiro poeta notavel da peninsula inteira, e um dos primeiros na serie dos talentos europeus. A sua nomeada não expira fóra da côrte, onde as suas trovas

agradam pela sympathia da linguagem, e pelo amor proprio nacional. A sua reputação avassalla todas as Hespanhas, e ceifa loiros abundantes na admiração e no enthusiasmo dos trovadores contemporaneos. É sabido como o nosso infante D. Pedro, um dos grandes trovadores e litteratos que em seu tempo havia entre principes, se compraz no engenho de João de Mena, e como lhe exalta o estro n'uma das trovas mais citadas.

O *Labyrinto* porém não é infelizmente, para a gloria castelhana, um monumento sem modelo e uma invenção puramente nacional. Dos trovadores passára a poesia italiana á epopeia irregular e phantastica do Dante. De trovas e cancioneiros passou tambem a poesia castelhana, em parte inspirada pela Italia, a tomar as dimensões austeras do poema dantesco no *Labyrinto*. O *Labyrinto* está para a *Commedia* na proporção da copia em miniatura para o modelo gigante de uma severa estatuaria. Mena é o Dante castelhano; mas o Dante reduzido, o Dante artificial e amaneirado. A fórma allegorica alliada ao mysticismo da edade media,

a critica dos personagens e das scenas da historia, a allusão mais ou menos transparente ás coisas do tempo, o pamphleto politico disfarçado na innocencia de uma fabula inoffensiva, e os arrojos censorios da imprensa liberal dos nossos dias pretendendo desculpar-se com as liberdades da musa, e com as licenças da inspiração, as idéas da geographia, da mythologia, e da sciencia d'aquelles tempos, disseminadas aqui e acolá, a politica e a philosophia, rimadas em versos mais ou menos felizes, o caracter de encyclopedia do seu tempo, impresso n'aquelle poema, apparentemente desconnexo e absurdo, eis os pontos de contacto que denunciam entre a *Commedia,* do Dante, e o *Labyrinto,* do poeta hespanhol, aquella identidade de pensamento e aquella semelhança de execução, que só se explicam plausivelmente pela relação immediata do modelo e da sua copia.

Estava já bem proximo o tempo em que as antigas fórmas litterarias se deviam esquecer e pôr de parte para beber na cultivação das musas classicas uma nova inspiração, e para adaptar á poesia castelhana os metros cultos e

sonoros da Italia. Boscán, posto que de engenho mediano, teve a gloria de alliar o seu nome a uma era da litteratura peninsular. Foi elle quem, se não introduziu, ao menos fez commum nas Hespanhas os perfeitos endecasyllabos italianos, e quem deu o exemplo da versificação correcta e harmoniosa da escola de Petrarca.

Com a nova fórma, importada da Italia, a poesia peninsular perdeu os ultimos vestigios da sua antiga originalidade barbara, e a arte que lhe succedeu, se não teve o merito de ser nacional e por assim dizer autochtona, alcançou a gloria de ser mais perfeita, mais harmoniosa, e mais poesia do que aquella que substituira nas Hespanhas.

De então para cá a poesia castelhana tornou-se quasi exclusivamente erotica e pastoril. As bellissimas eclogas da Garcilaso completaram a revolução, que Boscán apenas esboçára, e uma pleiade de poetas secundarios, mas assim mesmo illustres, trilharam a senda, que os dois primeiros haviam victoriosamente inaugurado. Foram baldados todos os esforços

reaccionarios da antiga poesia vencida e humilhada. Foi em vão que Castillejo se desentranhou em satyras mordazes contra os seguidores da nova religião poetica, alcunhados por irrisão com o cognome glorioso de *petrarchistas*. Foi debalde que os zeladores do purismo barbaro da lingua e do metro castelhano, denunciaram a revolução litteraria como uma ramificação profana da grande reforma religiosa, que então, sob a inspiração ardente de Luthero, trazia a Europa trabalhada, e os espiritos sublevados n'uma perigosa agitação. A reforma dos metros, e dos estylos de poetas não era felizmente subversiva para a crença e para a sociedade.

A Hespanha, fecunda em invenções de repressão para os protestantes, que se erguiam aos centenares nas suas principaes cidades, e entre as mais elevadas categorias sociaes, como o provou ha bem pouco tempo D. Adolfo de Castro na sua *Victoria dos protestantes hespanhoes,* não tinha nem interesse immediato em contradizer a reforma das lettras, nem os supplicios do Sancto Officio poderiam empre-

gar-se com fructo para fazer que um poeta preferisse como dogma os romances primitivos do Cid ás castigadas poesias de Garcilaso e de Mendoza. A revolução estava consummada, e Garcilaso, morrendo aos trinta e tres annos, com o titulo indisputavel de principe dos poetas castelhanos, e de Petrarca hespanhol, tinha assegurado a victoria, e deixado modelos a copiar e uma trilha nova a seguir aos escriptores, que depois d'elle haviam de illustrar as lettras hespanholas.

Desde Garcilaso até Fr. Luis de Leon, a poesia castelhana conservou o cunho da belleza classica, que lhe imprimira a imitação italiana. Com a apparição de Jorge de Montemayor, a monotonia dos poemas bucolicos achou um momento de feliz interrupção com o gosto pela novella pastoril. Os Tityros e os Menalcas não poderam ser desenthronisados e depostos da sua tyrannica dominação, mas alargaram as etiquetas do seu viver e do seu fallar, desprenderam-se das estreitezas da ecloga para se moverem, agitarem-se, viverem, e dialogarem no campo mais vasto e mais livre da novella.

A *Diana,* de Montemayor, operou uma nova revolução na poesia castelhana, e excitou no mundo litterario este phrenesi de enthusiasmo, e esta febre de imitação, que acompanha sempre o nascimento das creações inesperadas e originaes, e que faz de um poeta o typo exclusivo da sua época litteraria, e a victima obrigada de contrafacções e de plagiatos.

Como mais tarde succedeu com o *Quijote,* de Cervantes, a *Diana,* de Montemayor, publicada pela primeira vez em Antuerpia em 1578, e seguida de numerosas edições, despertou o gosto das novellas pastoraes, e convidou os imitadores a continuarem as aventuras bucolicas, que o poeta deixára apenas na sua primeira parte. Affonso Perez publicou, logo depois, a segunda parte da *Diana,* e Gaspar Gil Polo, o mais conhecido dos seus continuadores, compoz e deu bem depressa á luz a terceira e ultima parte, que, se não emparelhou na invenção poetica, excedeu na belleza e na castidade dos versos, e quasi que obscureceu no esplendor da reputação, a primitiva *Diana,* de Montemayor.

Taes eram as obras, que dominavam a litteratura hespanhola, quando Cervantes, deixando as armas, comprehendeu a subida vocação com que o fadára a Providencia, e encetou a sua comprida e gloriosa carreira litteraria. Sentindo em si o genio vellicar-lhe de continuo a intelligencia, Cervantes julgou ver uma revelação da poesia vulgar no que era incitamento e appellido para mais originaes e mais grandiosos commettimentos. Sentiu-se inspirado, e creu que era a versificação pastoril, que dominava no seu tempo, a que o estava chamando a continuar uma idéa já então exhausta, por largamente explorada. Quem sabe se elle teria já achado confusamente a fórma em que moldou o busto meio-sublime e meio-caricato do seu heroe manchego? Quem sabe se lhe aconselhára a prudencia o tentar primeiro, em generos conhecidos e populares, o applauso do publico, antes de affrontar os preconceitos do seu tempo, e arremessar á imprensa uma obra sem modelo e sem preceitos conhecidos?

A *Galatea* seguiu as pisadas da *Diana*. Assim como de Montemayor se disse que

poetisára na *Diana* a dama dos seus amores, de Cervantes asseveraram bons criticos, posto que boas razões o contradigam hoje, que figurára na *Galatea* as suas amorosas aventuras com D. Catharina de Salazar, a quem por aquelles tempos esposára.

A *Galatea* não correspondeu no applauso publico á expectação do seu auctor. Superior talvez em invenção, e sem duvida incomparavel em estylo á *Diana,* de Affonso Perez, e de Gil Polo, ficou muito áquem d'aquellas novellas pastoraes, na admiração do vulgo e no juizo dos lettrados. E sem duvida que as primeiras creações poeticas n'um genero são as que mais vivem na memoria e na sympathia da posteridade. Os auctores que veem depois, embora superiores em imaginação e em estylo aos que primeiro inauguraram o genero, vêem a sua estrella empallidecer diante dos clarões intensos com que esplende a fama dos seus predecessores. A *Galatea* era talvez mais opulenta de invenção, mais entretecida de amenos episodios, mais brilhante de colorido, e mais formosa de linguagem do que as *Dianas,* do

nosso portuguez Montemayor, e do seu continuador Gil Polo. Mas a *Galatea* era a quarta manifestação de um genero já cansado de imitações, e o publico saudou o poema de Cervantes como uma obra bem escripta, mas sem o applauso fanatico com que premiou a arrojada innovação no *D. Quijote*. Voga momentanea, e olvido ou indifferença depois, eis a fortuna da *Galatea*, ignorada hoje por quasi todos os infinitos leitores da immortal novella do *Ingenioso Hidalgo*. Cervantes, que, na celebre conferencia do barbeiro e do cura no *D. Quijote*, deixou um monumento de critica quasi sempre imparcial, e de gosto poucas vezes depravado, não poupou a sua primeira producção á severidade da analyse, e o juizo da *Galatea* resume-se n'estas palavras significativas do seu proprio auctor: «Su libro tiene algo de buena invencion, propone algo, y no concluye nada; es menester esperar la segunda parte que promete; quizá con la enmienda alcanzará del todo la misericordia que ahora se le niega».

V

Estamos chegados ao periodo talvez mais laborioso e mais esteril, mais afanoso e mais obscuro da vida litteraria de Cervantes. É agora que o talento do poeta, á força de se abaixar á craveira das producções mercenarias, se torna em poucos annos mais fecundo do que em todo o resto da sua carreira de escriptor, mas resgata a fecundidade do seu estro feito escravo, pela caducidade precoce das suas creações.

Cervantes, tocando já quasi os quarenta annos, e obrigado pelos deveres da familia a procurar n'uma industria litteraria a subsistencia dos seus e de si, abdicou o genio para invocar a musa ingrata das especulações litterarias, e desceu da altura do Parnaso, que já

levava subido a meia encosta, para vir assentar-se á banca prosaica, ou quasi balcão do poeta mercenario. Cervantes, que nasceu para escrever o *D. Quixote,* extenuava a mente e luctava com a sua vocação para fabricar algumas comedias obscuras, a troco de um pão amargurado e quasi opprobrioso para o genio.

Não é de hoje esta praga de fecundidade artificial, que avoluma os catalogos da imprensa sem enriquecer de um ápice o verdadeiro peculio litterario da humanidade. Antes que Eugenio Sue explorasse as grandes miserias humanas para compôr volumes de estirado sentimentalismo, e extrair do crime e dos horrores o oiro de um salario envilecido, antes que Alexandre Dumas descobrisse o segredo que transforma a imaginação n'uma fonte perenne e inexgotavel de novellas, os escriptores hespanhoes tinham dado o exemplo de como a phantasia se atormenta e o talento se prostitue substituindo o numero ao bom quilate dos livros, a novidade ao merito litterario, as aventuras extravagantes aos episodios verosi-

meis, e lisongeando o paladar corrompido das turbas á custa do esplendor e do incremento das litteraturas. O que nós hoje cremos um *tour de force* de facilidade e de expedição nos escriptores contemporaneos, foi já a condição normal das lettras castelhanas. O mesmo diluvio, que hoje a nós nos está affligindo, alagou a Hespanha nos seculos XVI e XVII. Lope de Vega passaria hoje por um mytho, como Homero na opinião de Vico, de Niebuhr e de Michelet, se não tivera existido tão proximo dos nossos dias. Ninguem, a não serem as escrupulosas investigações dos biographos, e o proprio testemunho de Cervantes, saberia que o auctor de *D. Quixote* escrevêra em quatro annos trinta comedias tão originaes quanto mediocres.

Não ha nada que mais degrade as lettras do que fazer d'ellas mercancia e tracto de chatino. Quando se escreve para a gloria e para a posteridade, o cunho das producções é diverso d'aquelle que se imprime nas obras, que se dictam para os caprichos da plebe, ou para a avidez dos editores. Estes escriptos,

dictados pela fome, ou inspirados pela avareza mercantil, a gloria desdenha-os quasi sempre, e a posteridade despreza-os orgulhosa.

Quem hoje vê uma novella de Dumas, annunciada em cartazes de jornal, reunir-se ao romanceiro já quasi fabuloso d'aquelle engenho prodigiosamente frivolo, já sabe que aquillo não é senão uma lettra á ordem, sacada sobre o folhetim de algum jornal de Paris, e um imposto voluntariamente levantado sobre a leviandade dos leitores. Deixem passar cem annos sobre a reputação do novellista francez, e perguntem á posteridade justiceira pela epopeia infinita dos *Mosqueteiros,* ou pela engenhosa puerilidade do *Monte-Christo.* Deixem resfriar os enthusiasmos de partido, deixem abrandar os odios e fanatismos d'estes tempos, e procurem d'aqui a cincoenta annos os *Mysterios de Paris,* e o *Judeu Errante* no catalogo das obras primas do seculo XIX, que eu lhes juro d'aqui que os não hão de lá achar.

A terra, violentada em culturas successivas, vinga-se com a mesquinhez dos fructos da imprudencia do cultor. As plantas, forçadas a

uma florescencia artificial, bem depressa perdem o typo natural da sua especie. O genio, contrafeito por uma fecundidade absurda, perde os seus quilates primitivos. A arte desce até á plebeidade de um mister, e as obras primas do espirito humano degeneram em manufacturas vendaveis, sujeitas, no mercado da imprensa, á lei prosaica da concorrencia mercantil.

As comedias de Cervantes tiveram esta sorte miseravel. O proprio auctor, ao cabo de poucos annos de escrevêl-as, não sabia já acertar em quantas fossem, e julgava-as com o desdem de um critico implacavel n'aquellas palavras significativas do *Prologo de las Comedias:* «Compuse, diz elle, en este tiempo hasta veinte comedias ó treinta, que todas ellas se recitaron sin que se les ofreciese ofrenda de pepinos ni de otra cosa arrojadiza; corrieron su carrera sin silbos, gritos, ni baraundas.»

Em mais de um ponto foram, como já notámos, semelhantes os destinos de Camões e de Cervantes, do primeiro poeta portuguez e do mais inspirado filho da musa castelhana.

Nas armas os egualou a fortuna; a ambos deu ella por galardão e por memoria de seus feitos militares a mesma paga, o ferro dos inimigos e a ingratidão dos seus contemporaneos. Vemos a um depurar entre o bulicio das armas a sua ainda não excedida veia epica. Vemos o outro aprender no captiveiro e nas batalhas as aventuras e os lances e os infortunios e os azares da vida humana. Assim como Camões teve de pedir a funcções, humildes para a sua grandeza e estranhas ao seu genio, o pão que as lettras lhe negavam; assim tambem Cervantes houve de buscar em modestos cargos publicos a subsistencia, que mal podia ganhar-lhe a musa só prodiga de laureis e de renome.

Poeta comico de *occasião*, trilhando apenas como officio mercenario as vias do theatro, para que a vocação o não chamava, Cervantes largou bem depressa, por improductiva de honras e de lucros, a carreira theatral, para se aventurar em busca de uma fortuna mais prospera. Vemol-o servir depois no encargo humilde, e certamente pouco pingue, de ajudar os provedores das armadas de Sevilha; vemol-o

exercer logo depois a profissão, degradante para as lettras, de arrecadar as rendas atrazadas da fazenda publica no reino de Granada, e passar successivamente a outros misteres, indignos da sua elevada intelligencia e do grande nome, que elle ia doirar para si nos fastos da litteratura castelhana.

Não lhe faltou, para exgotar as ultimas fézes do calix amargurado dos talentos, o ter de fazer-se requerente e de andar cortejando protectores e soffrendo desdens de poderosos o que mais tarde havia de subir mais alto do que todos elles. Instigado pela penuria, vemol-o sollicitar em 1590 um dos empregos vagos das Indias hespanholas, regiões, que eram para aquelles tempos o que são hoje nos nossos a California e a Australia, a ultima perspectiva de fortuna para os necessitados, e o recurso extremo dos grandes ambiciosos. O logar, talvez bem humilde, que Cervantes pedira, negou-lh'o a indifferença cortezan, e o poeta volta de novo, para viver, a soccorrer-se ás suas antigas funcções de exactor publico em differentes sitios das Hespanhas.

Camões, desempenhando em Macau o cargo de provedor de defunctos e ausentes, e Cervantes transformado em publicano pela ingratidão da sorte, são dois exemplos do mesmo typo, e duas provas do destino commum dos genios nas eras que já lá vão.

Para os egualar na adversidade, como os irmanára no estro, não faltou a fortuna a Cervantes nem a Camões com as accusações de má gerencia e de infidelidade no desempenho dos seus officios. Cervantes, acoimado de concussionario, é preso em Sevilha, e logo depois restituido á liberdade, sem escapar ao incommodo e ao desar de uma deshonrosa imputação, sendo forçado a voltar á côrte para prestar estreitas contas do seu cargo, e satisfazer nas arcas publicas a pequena somma em que o diziam alçançado. Absolvido da primeira culpa, a sua obscura vida publica cerra-se a final com um novo encarceramento, que padeceu por não haver, ao que parece, cumprido, a contento dos aulicos, um cargo, de certo pouco honroso e lucrativo, que lhe haviam ainda commettido.

É nos carceres de Argamasilla, theatro das ultimas adversidades em que Cervantes experimenta a dureza do seu fado, que nasce e toma corpo o magnifico romance de *D. Quixote*. É ali que, desenganado de fortuna, e desilludido sobre os favores caprichosos da côrte, a musa de Cervantes lhe apparece a dardejar-lhe os raios mais intensos da inspiração, e a ensinar-lhe que só nos desenfados do genio satyrico poderia elle achar a unica vindicação contra os homens, e na gloria o só e duradouro galardão ao seu engenho.

É quando a imaginação vae começando de annuvear-se e de arrefecer-se, é quando a invenção se vae debilitando no commercio dos homens, e quando os labios, perdido o frescor da juventude, se contráem n'este sorrir malicioso e sceptico, que não é o riso jovial e sincero do romance burlesco, é aos 58 annos de edade que Cervantes publica pela primeira vez a immortal historia do fidalgo manchego, é quando o poeta commum das comedias triviaes, e o escriptor engenhoso, mas vulgar, da novella pastoril da *Galatea* se alevanta em toda

a magestade do seu vulto gigante, e arremessando á publicidade um livro sem modelo, e um poema sem precedente, ordena com orgulho á Hespanha absorta e á Europa admirada inscreva mais um nome a par dos Homeros e dos Tassos, dos Camões e dos Virgilios.

N'uma época em que as musas peninsulares, perdida a antiga originalidade, se envergonhavam de trajar as vestes candidas e singelas da primitiva poesia; n'um tempo em que a virgindade do antigo estro nacional se corrompia na imitação adulterina das lettras greco-romanas; n'uma quadra em que os talentos se desentranhavam em copias mais ou menos acuradas e correctas dos veneraveis monumentos classicos, era para admirar que um homem, ainda quasi obscuro, interrompesse extemporaneamente as tradições respeitadas no seu tempo, quebrasse a successão natural e logica das creações poeticas, para offerecer á curiosidade dos indoutos, e á admiração dos sabios, uma obra, que desdizia da indole da sua época, e que era um protesto arrogante

com que o genio verdadeiro e original se rebellava abertamente contra a omnipotencia da poetica de Aristoteles, e passava triumphante sobre as taboas espedaçadas da lei, que até ali se havia sempre acatado como o codigo eterno da imaginação e do gosto depurado.

Já não é o continuador da escola italiana, que transplanta para a patria as flores abortadas da bucolica latina. Já não é o descendente litterario de Boscán e de Garcilaso, que encerra um talento gigante no metro arredondado e angusto da versificação servil. Já não é o imitador timido de Montemayor, narrando em prosa falsa, mas elegante, as desventuras do pastor Elicio, as mágoas de Domon, e as esquivanças e donaires da fabulada Galatea. Até aqui revelára-se o talento do prosador e o artificio do vate; mas agora no *D. Quixote* é o genio, que rasga os envoltorios que o escondiam, e que, esplendida chrysalida, vae brilhar ao sol meridiano para se erguer e revoar depois ás glorias da posteridade.

O talento, que no tempo de Cervantes aspirasse a desapegar-se das trilhas vulgares,

o genio que sentisse dentro em si rumorejar esta voz intima e prophetica, a qual está incitando os grandes homens a segregar-se da turba, a intelligencia, que divisasse em si o signal d'estas almas predestinadas a alevantar-se como a aguia real entre a multidão dos passaros rasteiros, só tinha a escolher as sendas já marcadas pelas balisas dos que as haviam já celebrado. Entre os generos, que Cervantes via então na mais alta litteratura, estava-o seduzindo sem duvida a magestade da epopeia, então renovada desde pouco na Europa do renascimento pela tuba do Camões e do Tasso. Accrescentar mais um nome á lista privilegiada dos que haviam bebido a inspiração no seio de Calliope, parecia o empenho mais ambicioso de um genio como o de Cervantes. E o glorioso e cavalheiresco dos seus tempos, e o exemplo quotidiano dos seus e dos poetas estrangeiros, estava-lhe apontando a carreira e ensinando o caminho da popularidade.

O Tasso tomára sobre si o ser o poeta da christandade, e o vindicar as já embaciadas

glorias dos cruzados contra a affronta dos agarenos, que profanavam á face da Europa o sepulcro do Redemptor. O Camões, tomando a tuba epica para escrever n'um poema divino as heroicidades da sua gente, cantára, sem o saber talvez, a primeira alvorada da civilisação moderna em todo o mundo. A reputação dos dois epicos seduzia as ambições, e sorria aos vôos de uma imaginação inexgotavel. As armas hespanholas esperavam em vão o seu Homero. A batalha de Lepanto, Arbelles da christandade, havia incendido o estro de mais de um cantor mal-aventurado, e as façanhas de Carlos V haviam inaugurado em Hespanha um novo cyclo poetico, que promettia de offuscar as longas epopeias primitivas da Tavola Redonda e do famoso Carlos Magno. Luis Zapata tinha rimado as chronicas militares de Carlos V no seu poema do *Carlo famoso,* tristemente celebre pela mediocridade e pelo arrojo herculeo do seu miserando versificador. Jeronymo Sempere repetira na sua *Carolea,* de infeliz recordação, o mesmo esforço, e desafiára em vão a rebeldia de Calliope. João Rufo fizera a

Austriada, parodia involuntaria dos feitos quasi homericos do bastardo victorioso de Philippe II, e redigira com a prolixidade das epopeias rasteiras o boletim de Lepanto, sem a eloquencia ardente e concisa com que a victoria escreve a traços largos nos campos de batalha, entre a fumarada dos canhões, a laconica narração de um triumpho memoravel.

Não haviam escapado tambem á avidez epica dos primeiros engenhos d'aquelles tempos as empresas militares dos hespanhoes nas regiões, que nós os peninsulares, castelhanos e portuguezes, dividiamos entre nós como theatro dos brios militares, que em nossas patrias trasbordavam, e das nossas ambições desordenadas de poderio e de opulencia. A conquista das tribus americanas teve o seu cantor em Alonso de Ercilla, e a *Araucana,* gazeta rimada em versos admiraveis, e historia guerreira tecida á maneira de Tito Livio com longos discursos de heroes e de guerreiros, a *Araucana,* sendo na apparencia a narração dos successos hespanhoes n'um recanto das Americas, representava n'uma epopeia irregular e

monotona a lucta do elemento europeu a braços com a tenacissima resistencia das nacionalidades indianas.

A Calliope hespanhola era fecunda, senão feliz. Cervantes vivia n'uma quadra onde os poetas a cortejavam como a formosissima entre as musas. E comtudo Cervantes desprezou a vocação poetica do seu tempo, e desesperou de arcar prosperamente com as difficuldades quasi invenciveis da epopeia.

Desprezava-a elle! Não. Elle, que tinha genio para se erguer acima da plebe do Parnaso, elle que tinha inspiração para commetter uma facção litteraria nunca d'antes intentada, cegavam-no todavia os preconceitos do seu tempo, e forçavam-no a falsear, na critica dos poemas, as regras, que elle soube formular praticamente na critica mais difficil dos costumes.

Da *Austriada,* da *Araucana* e da epopeia legendaria do *Monserrate,* de Christovão de Virués, dizia Cervantes no dialogo do barbeiro e do cura, a proposito da livraria de *D. Quixote,* que «eran los mejores libros que en verso

heroico se habian escrito en castellano, y podian competir con los mejores de Italia».

Acaso a opinião exaggerada, que Cervantes formava então das epopeias do seu tempo, o incitasse a tentar novos rumos litterarios, para não correr a aventura de ficar abaixo dos seus modelos, n'um genero em que o proprio genio poderia tropeçar no trivial e no plagiario, pensando remontar-se ao original e ao sublime.

E depois, dado que o favorecesse a inspiração, e que a musa o perfilhasse, como generosamente o fizera a Camões, que assumpto escolheria, que o não tivessem exhaurido já os seus predecessores e contemporaneos? As glorias de Carlos V? Ahi estavam a *Carolea* e a *Carlo famoso,* infaustos documentos de que a musa casta da epopeia se envergonha de illuminar com os clarões da idealidade os acontecimentos, que ainda vivem na chronica do dia.

As victorias de D. João de Austria, os triumphos de Lepanto? Ninguem melhor do que Cervantes poderia cantál-os, se bastasse ter sido actor e parte n'elles para os celebrar condignamente. Glorias contemporaneas eram

arduas de poetisar. E d'entre todos os poetas só Camões tivera a ousadia heroica de as exalçar nos *Lusiadas,* narrando os feitos ainda recentes do esforçado argonauta portuguez.

Abaixo da epopeia seguia-se o theatro. Tentára-o Cervantes, e se não fôra d'elle maltractado, não ceifára palmas eguaes ás que Lope de Vega e Calderon haviam alcançado na scena castelhana. Fôra imitador na novella pastoril, e deixára a sua fama áquem do renome indisputavel do portuguez Montemayor, e de Gil Polo, seu gracioso continuador. Com as eclogas teria entrado na fileira em que militavam as reputações de Boscán e de Garcilaso, sem se distinguir da turba dos petrarchistas. Restava-lhe a novella de costumes, a imitação poetica da vida commum, romanceada em descripções coloridas, e em dialogos picantes e salgados.

De romances em prosa havia no tempo de Cervantes dois generos já definidos e antagonistas: um que decaía, apesar d'esta popularidade ficticia, que certos generos adquirem, porque não veiu substituil-os ainda a littera-

tura propria de cada periodo historico; outro que nascia, e se roborava, como germen ainda rudimental do romance dos nossos dias. Um era a novella cavalleirosa; outro era o romance de costumes.

Enganam-se grosseiramente os que, avaliando por noções superficiaes a litteratura hespanhola, suppõem que fôra Cervantes o primeiro que delineára em prosa o romance regular. Antes d'elle muitos escriptores de reputação haviam já posto os fundamentos d'este novo e fecundissimo genero de litteratura. *Lazarillo de Tormes,* de D. Diogo Hurtado de Mendoza e de Henrique de Luna, o *Guzman de Alfarache,* de Matheus Aleman e de Matheus Luján de Sayavedra, eram já modelos, ainda hoje citados, do genero picaresco, tão particular, tão nacional das Hespanhas. O romance historico começára de desenhar-se ainda incorrectamente na *Historia do Abencerragem e da formosa Xarifa,* de Antonio de Villegas, e nas *Guerras civiles de Granada,* de Gines Perez de Hita. Se Miguel de Cervantes, inaugurando a sua gloriosa carreira de novellista, tivera pu-

blicado antes do *Quixote, Rinconeto y Cortadillo, o Licenciado Vidriera, a Ilustre Fregona,* ou qualquer das treze que elle intitulou *Novelas ejemplares,* teria porventura subido logo em reputação acima dos seus predecessores, mas não teria ligado o seu nome á creação de um genero litterario desconhecido, impensado até ali em toda a Europa.

Era aqui o ensejo de formular em face do *D. Quixote* muitos dos mais importantes e curiosos problemas da critica litteraria. Será racionavel e verdadeiro o dizer-se que Cervantes escrevêra o seu romance com o intuito exclusivo de atacar e destruir o ridiculo do seu tempo, a febre dos livros cavalleirosos? Seria então ainda numerosa na Hespanha esta familia pueril dos Esplandions e dos Belianis e dos Amadis de Gaula? Exerceria então de feito a litteratura do cyclo de Carlos Magno a influencia, que hoje tem nos costumes e nas lettras contemporaneas o romance-folhetim, e a novella socialista? Seria ainda tão para temer e contrariar o contagio das novellas cavalleirosas, como o é hoje a peste dos Eugène Sue,

dos Balzac, e dos Soulié? Não haveria um proposito mais elevado e mais philosophico na vigorosa concepção do *D. Quixote?* Porque é que um homem engenhosamente satyrico, como Cervantes, ia animar diante de si os cavalleiros errantes de novellas absurdas e pueris, para alcançar sobre elles a victoria facil do ridiculo, e deixava em paz, sem disfarçar-lhes a satyra ao menos na allegoria recatada, ou na pintura geral dos costumes, os vicios do seu tempo, e a corrupção da sociedade, que tanto o offendêra e humilhára?

VI

Fallando do *Quixote,* de Cervantes, vem a proposito lembrar-nos do seu tão disputado e tão problematico *Buscapié.* É tradição quasi coeva do fecundo auctor de *D. Quixote,* que pouco depois de apparecer á luz esta chistosa novella, publicára Cervantes um como pamphleto, em que explicava o sentido occulto que n'aquella fabula se encerrava, e as allusões que ás coisas do seu tempo o poeta occultára sob a apparencia innocente de uma satyra geral e indeterminada. Conta-se que Cervantes se indignára de que a obra prima do seu engenho admiravel passasse sem que a côrte corrompida e negligente, e o publico mofador e ignaro, coroassem n'um accesso de phrenetica approvação o ultimo esforço da imaginação e o primeiro monumento escripto em que a prosa

castelhana apparece em toda a sua opulencia e magestade. O poeta, diz-se, recorrêra então a uma traça muito vulgarisada e conhecida n'estes nossos tempos. Cervantes, não podendo despertar a indolencia dos leitores com as graças genuinas e singelas da sua musa inimitavel, jurou de chamar a attenção publica sobre a sua obra, tentando por um escandalo o que não podera conseguir pela belleza da sua fabula, pela pompa do seu estylo, pela originalidade das suas scenas, e pelo sal, todo peninsular e todo puro, da sua correcta e acepilhada linguagem. «Não admiraes D. Quixote como uma creação minha, como um personagem a quem falta apenas um corpo, e um sôpro de vida para existir e para agitar-se? Não vos enleva a imagem da vida prosaica, e a personificação do senso commum no vulto plebeu, mas verdadeiro do meu Sancho? Pois bem. Eu vou emprestar áquellas figuras uma allusão, áquellas scenas todas uma satyra do presente, áquella novella o sentido occulto de um libello.» E Cervantes, diz a tradição, escreveu então o *Buscapié*.

A verosimilhança não contrariava a tradição, e as injustiças de que Cervantes fôra victima, durante a sua já então longa e sempre atormentada vida, ahi estavam para auctorisar a opinião de que o poeta tivesse, sob a candidez e a innocencia da sua novella predilecta, estampado uma allegoria, e um pamphleto contra os personagens que então mais figuravam na scena politica, ou na litteratura contemporanea.

D. Vicente de los Rios, um dos mais judiciosos e diligentes biographos de Miguel de Cervantes, seguiu a tradição, que até ali vogára incontestada, e são dignas de se lerem as palavras com que na *Vida de Cervantes,* procurou demonstrar a possibilidade do *Buscapié.*

« Conhecendo, diz de los Rios, que o *Quixote* era lido pelos que o não entendiam, e que não o liam os que podiam entendêl-o, procurou excitar a attenção de todos publicando o *Buscapié.* N'esta obrinha, que se imprimiu anonyma, e é extremamente rara, fez uma apparente e graciosa critica do *Quixote,* insinuando que era uma satyra fina e disfarçada

de varias pessoas mui principaes e conhecidas; mas sem descobrir nem manifestar, nem pelos mais leves indicios, a nenhuma d'ellas. Critica discretissimamente manejada, com que deu tanto credito e reputação ao *Quixote,* e aguilhoou a credulidade publica, de modo que todos o buscavam e o liam á porfia, crendo descobrir claramente, na sua leitura, os objectos da satyra que insinuava o *Buscapié*».

Parece que tambem fôra tradição que n'este folheto ultrajára Cervantes a memoria do cesar Carlos V, affirmando que o *Quixote* era uma satyra ao cavalheiresco imperador, e ao duque de Lerma, celeberrimo valido e ministro de Philippe III de Hespanha, personagens que por um anachronismo permittido a novelleiros e poetas poderia alguem ver talvez representados nas duas figuras principaes da novella de Cervantes, o *fidalgo engenhoso,* e o seu inseparavel escudeiro.

Seja como fôr, é certo que a existencia do *Buscapié* e o haver elle sido escripto por Cervantes passaram muito tempo como uma tradição dogmatica da litteratura castelhana. Uma

pessoa de todo o peso e auctoridade n'estas coisas affirmava ter visto e lido o opusculo original, especie de Phenix da litteratura e da bibliographia hespanhola. A carta de D. Antonio Ruiz Diaz sobre o *Buscapié,* inserta nas *Provas da vida de Cervantes,* colligidas, de ordem da Academia hespanhola, por D. Vicente de los Rios, parecia terminar a questão, e dar-lhe uma solução conforme com o que a tradição constantemente asseverára.

Pellicer, um dos mais noticiosos e eruditos biographos de Cervantes, foi o primeiro que tentou incluir a historia do *Buscapié* entre as numerosas fabulas que maculam as historias politicas e litterarias, antes que uma critica reflectida e implacavel as tenha expurgado dos erros e abusões, que por vezes auctorisa a tradição. Posto que os argumentos do critico hespanhol não sejam destituidos de razão, a questão póde considerar-se ainda como pendente, e a existencia do *Buscapié* um problema que terá de exercitar por muito tempo a argucia dos criticos e a temeridade dos especuladores.

Adduz-se como objecção ao *Buscapié* o haverem-se feito quatro edições do *Quixote* no proprio anno de 1605, em que se publicou. Se o publico festejou e acolheu a novella de Cervantes, se para saciar a avidez dos leitores foi mister realisar uma d'estas maravilhas que a imprensa poucas vezes póde obrar, a de reproduzir muitas vezes em pouco tempo o livro de um auctor obscuro e desconhecido, para que recorreu Cervantes ao expediente de excitar com o *Buscapié* a curiosidade dos leitores? Se quatro edições do *Quixote* se exgotaram como novella, haviam de vender-se mais ainda, apenas declarado o *Quixote* a satyra de Carlos V, e o libello ridiculo do duque de Lerma?

Esta objecção, citada por D. Manuel Quintana na *Vida de Cervantes,* que precede o *Quixote* da edição de 1797, repetida depois por D. Adolfo de Castro, o eruditissimo falsificador do estylo de Cervantes, parece á primeira vista destruir pelos fundamentos, senão a existencia do *Buscapié*, ao menos o teor por que a tradição affirmava que elle fôra escripto. É facil porém de ver que esta contradicção não altera

em nada a verosimilhança da tradição, nem resolve negativamente as duvidas que formulára a critica sobre o pamphleto de Cervantes.

Escreveu-se o *Buscapié* depois da apparição do *Quixote?* Foi o proprio Cervantes ou algum outro que o redigiu? Foi o *Buscapié* escripto com o intuito rasteiro de armar á avidez e á malignidade publica, interpretando as allusões do *Quixote,* ou inventando maliciosamente uma intenção e um sentido, que Cervantes lhe não deu?

Eis aqui formuladas as questões que se podem agitar. Que se escreveu o *Buscapié* affirma-o a tradição constante, universal, ininterrupta. Ora a tradição não mente nunca, no fundo de um acontecimento. Um successo existiu realmente. A tradição colheu-o na origem, surprehendeu-o no berço, deu-lhe corpo, magnificou-o, e entregou-o á memoria e á posteridade. Passa um anno e outro anno, e as feições do evento vão, como effigie em moeda corriqueira, embotando-se e perdendo a regularidade primitiva. Decorreu um seculo, e a tradição mente já, não na substancia da acção,

mas nos accessorios, nas circumstancias, nos episodios. Deu-se uma batalha ha oito seculos. Eram cem moiros contra cem christãos. A victoria, sempre ambiciosa e injusta, engrossou as hostes inimigas, e ajuntou a cada phalange de vencidos mais uns tantos por cento de vantagem. Correu a tradição de bocca em bocca, de chronica em chronica, e o que fôra um recontro é já batalha, e o que foi acção mui secundaria lá figura entre as pugnas celebres, ao lado de Philippos ou de Arbelles, a par de Platea e de Pharsalia. Chega aos nossos dias, e o que era successo natural e verosimil, acha-se, por uma operação inexplicavel, transformado em maravilha e em prodigio. Mas interroguem a tradição constante, e no fundo d'ella, por entre os prestigios de que a phantasia popular orlou por muitos seculos a desnudez da verdade, achareis uma coisa, que realmente se passou singela e desornada.

A tradição depõe a favor da existencia do *Buscapié*. Seria porém Cervantes o seu auctor? Escreveu-o elle para explicar o sentido occulto e a allegoria enredada, que se disfarçam sob a

perfeita candura do *Quixote?* Existiu de feito na mente do escriptor a intenção de entregar á posteridade, envolto no ridiculo de uma satyra jovial e burlesca, o poderoso valido e conselheiro de Philippe III? Qual foi o empenho de Cervantes, escrevendo esse *Buscapié,* que tanto agita os philologos hispanicos? Se foi outro escriptor o que sob o nome do novelleiro hespanhol excitou a attenção e a curiosidade publica com as malignidades problematicas do *Buscapié*, que interesse pôde ter em denunciar o *Quixote* como o pretexto litterario de um libello, e a Cervantes como o Pasquim da côrte de Philippe III?

Estas questões podem ministrar um thema inexhaurivel ás guerras intestinas dos *cervantistas*, e aguçar o engenho e a sagacidade dos commentadores e dos biographos, sem que possam achar uma solução racionavel e verdadeira, porque o *Buscapié* é até hoje o desespero dos philologos, o vellocino procurado dos livreiros.

VII

O erudito philologo hespanhol D. Bartholomeu Gallardo, em um folheto, que publicou sobre a questão do *Buscapié* em 1851, é expressamente de opinião de que nem Cervantes, nem pessoa alguma por elle, escrevêra jámais o tão celebrado livro. «Creo, diz elle, que jámas ha existido tal *Buscapié,* ni ha habido para que. El Quijote fué recibido con tanto aplauso, dentro y fuera de España, que apenas publicado en Madrid, yà en Paris reimprimió el lindo episodio de *La Ingrata Marcella* Cesar Uden en castellano con una traduccion francesa suya al frente.»

A tendencia geral dos philologos hespanhoes é para tomarem como razão fundamental contra a existencia do *Buscapié* a grande copia de edições que do *Quixote* se fizeram no

proprio anno da sua publicação. Esta razão suppõe que o *Buscapié* fôra escripto como hoje se escreve um folhetim panegyrico, ou um reclamo artificioso n'um jornal para accelerar a extracção de um livro, ou popularisar rapidamente um mau auctor. Mas, se se provasse que o *Buscapié* nascêra de outros intuitos, menos mercantis e mais litterarios, o argumento das edições seria uma objecção bem pueril contra a authenticidade de uma tradição universal e constante.

Ha poucos annos o problema do *Buscapié* pareceu ter chegado á sua mais luminosa e mais inconcussa solução. D. Adolfo de Castro, escriptor muito conhecido em Hespanha, e illustrado ultimamente por uma eruditissima *Historia dos protestantes hespanhoes,* declarou haver encontrado o manuscripto-phenix, e apressou-se em repartir com o publico o precioso achado que a fortuna lhe deparára. Saiu o livro com o titulo extravagante e pretencioso de «El muy donoso librillo llamado *Buscapié,* donde demás de su mucha y excelente dotrina, van declaradas todas aquellas cosas escondidas

y no declaradas en el Ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha, que compuso un tal de Cervantes Saavedra.» Dizia Castro ser o *Buscapié* um manuscripto de lettra de fins do seculo XVI ou principios do XVII. Era, segundo dizia Castro, copia de uma outra copia, e feita em Madrid a 27 de janeiro de 1606. Depois, em lettra, ao parecer, de principios do seculo XVIII, lia-se: «Da livraria do senhor duque de Lafões.» Ainda assegurava D. Adolfo que este precioso manuscripto, que de Portugal fôra ter a Hespanha, o alcançára entre os numerosos volumes de uma livraria rica, vendida em Cadix em hasta publica.

Adolfo de Castro negava no prologo do *Buscapié* que Cervantes tivesse nunca tido a intenção de satyrisar a Carlos V, e ao duque de Lerma; e, repellindo do caracter generoso de Cervantes a taxa infamante de libellista e difamador, apoiava-se na propria declaração, pouco authentica como de poeta, e de poeta motejador por inclinação e por officio, que Cervantes fizera no seu *Viaje del Parnaso,* onde dizia:

Nunca volò la humilde pluma mia
Por la region satirica, bajera
Que à infames premios y desgracias guia.

O *Buscapié,* que agora se publicava, não era mais que um commentario puramente litterario da novella, e resposta ás censuras ineptas e extravagantes com que muitos homens, em cheiro de erudição e bom engenho, tinham celebrado a apparição do *D. Quixote.*

O manuscripto que se dizia do verdadeiro *Buscapié,* occupava depois do prologo umas cincoenta paginas. Vinha depois uma carta inedita de Matheus Aleman, o auctor do *Guzman de Alfarache,* e cerravam o volume, ou para melhor dizer, enchiam-no na sua maior parte, muitas notas curiosissimas e eruditas do editor, as quaes se estendiam por quasi duzentas paginas do livro.

A apparição d'este livro, procurado desde dois seculos, operou uma revolução inopinada na litteratura castelhana. Os homens de lettras arrolaram-se logo em duas facções, determinadas a uma guerra litteraria cruelissima e feroz.

Os jornaes dividiram-se entre as duas opiniões adversas. Uns accusavam a D. Adolfo de Castro como um falsificador insensato e despejado. Outros reconheciam na *sencillez* e na facilidade do gracejo, no archaico da phrase e na tersura do estylo a inspiração e o donaire de Cervantes. Outros ao contrario multiplicavam as citações e os parallelos para convencer de apocrypho, e de grosseiramente falsificado, o manuscripto que D. Adolfo arrojára desde Cadix como um pomo de discordia litteraria. A *Presse,* de Paris, deu logo ao principio rebate contra o embuste litterario com que se ultrajava a credulidade publica, e a pugna accendeu-se com um fervor e com uma braveza, dignas das batalhas litterarias dos antigos escolasticos.

Pouco tempo depois, em 1851, o erudito philologo e conhecedor das antiguidades litterarias de Hespanha, D. Bartholomeu José Gallardo, cujo nome já citámos acima, publicou um opusculo, especie de pamphleto, cuja intenção principal e cujo objecto verdadeiro, era vingar affrontas litterarias e punir em D. Adolfo de Castro, antes o odio litterario

que lhe votára Gallardo, do que a falsificação de que D. Adolfo se tornára réo.

Esta obrinha, dividida em duas partes, de que a primeira tem o titulo de *Zapatazo à Zapatillo,* está escripta em castelhano pretenciosamente castiço e *cervantesco,* e adubada de infinitos chistes, e de bons punhados de sal genuinamente castelhano. Entre os improperios, que o ancião philologo arroja em grande copia á pessoa litteraria de D. Adolfo, ha varios troços de cartas escriptas por Gallardo a alguns dos seus amigos, entre elles ao celebre Gayangos, nas quaes se contém a refutação completa da genuinidade do novissimo *Buscapié.*

A questão suscitada por Adolfo de Castro está hoje completamente julgada. A opinião publica não póde já duvidar. O *Buscapié,* de Castro, é uma burla litteraria engenhosamente delineada e levada a cabo. Não é aquelle, certamente, o pamphleto de Cervantes. Mas ficou porventura demonstrada a falsidade da sua existencia?

VIII

Mui larga poderia ainda correr esta narração, e as reflexões criticas e litterarias que tão rico assumpto nos vae naturalmente suggerindo, se as conveniencias d'este jornal (*) nos não obrigassem a pôr um termo a este ensaio biographico.

Chegamos ao periodo mais glorioso da vida litteraria de Cervantes. Temol-o visto subjugar pela publicação do seu *Quixote* a justa admiração do povo, e fundar nos applausos da multidão uma das maiores e mais indisputadas reputações da moderna Europa litteraria.

O seu livro, original como era, sem molde conhecido, sem fabula commum e trivial, sem

---

(*) *O Panorama.*

ter as suas regras na poetica de Aristoteles, ou na legislação litteraria de Horacio e Quintiliano, punindo com o ridiculo, em vez de a seguir, a falsa litteratura cavalheiresca, que então fazia as delicias dos leitores e o Potosi inexgotavel dos poetastros e novellistas d'aquelle tempo, devia necessariamente incorrer nas iras d'aquelles, que, empossados injustamente no patriciado litterario, pretendiam julgar pela sua esthetica os escriptores que se elevavam acima d'elles e do seu seculo, e fazer e desfazer a seu sabor as reputações litterarias do seu tempo.

Era então a Hespanha fecunda em escriptores de todos os generos. O seculo XVI acabava apenas de expirar, e todos sabem que este seculo felicissimo, aperfeiçoando e desenvolvendo as obras e as maravilhas do que o precedia, dava ares de ser a meta ao pé da qual o espirito humano, assentando as columnas de Hercules da civilisação, deveria estacar ou retroceder. E foi sem duvida aquelle um seculo de grandes e generosas empresas! E se a humanidade se elevou depois a mais remontadas regiões na esphera dos aperfeiçoamentos phy-

sicos, póde dizer-se sem mentira, que, na ordem intellectual, o homem se revelou então em toda a sua magestade, e que o espirito resplandeceu em toda a sua lucidez! A invenção da imprensa vale bem o vapor! E a imprensa approximou, reuniu as intelligencias, em quanto a locomotiva encurta as distancias dos logares, as idéas dispersas dos individuos, e realisou, ao menos em figura, este pantheismo allemão de Schelling, resumindo todas as intelligencias n'um só espirito, dando-lhes por laço de união os caracteres metallicos de Schœffer e Guttemberg.

A Hespanha resplandecia de luz intellectual. Por um paradoxo moral, que muitas vezes se tem reproduzido na historia, a força bruta reinava a par da idéa, porque a não podera nunca vencer. Carlos V e Philippe II, as duas personificações mais augustas e mais elevadas do absolutismo, porque eram o absolutismo arriscando o vôo arrogante da monarchia universal, viviam e dominavam a par dos engenhos mais innovadores e dos espiritos mais revolucionarios. A Inquisição assistia de um lado com os seus saiões e os seus apparelhos de tortura á

evolução do pensamento, e do outro a idéa reformista irradiava a luz da palavra livre, disfarçada em todas as fórmas litterarias. Lope de Vega, Calderon e uma pleiade de dramaturgos de menos nomeada, mesclavam nas suas comedias as allusões ás coisas do seu tempo, e passavam muitas vezes da allusão á satyra descarnada, mais tolerada, por uma contradicção feliz, no tablado dos theatros, do que reproduzida depois pelos typos da impressão.

O *Quixote* vinha n'uma quadra em que provocava necessariamente as criticas dos escriptores e litteratos, que andavam desde muito na posse indisputada do favor publico. Os biographos e commentadores de Cervantes são minuciosos e prolixos na, para hoje pouco interessante, narrativa das guerras litterarias que o *Quixote* veiu accender entre os poetas d'aquelles tempos. Passaremos em silencio as inimizades e odios litterarios occorridos entre Cervantes e os Argenzolas, irmãos ambos pela natureza, pelo seu merito poetico, sem duvida muito exaggerado no seu tempo, e irmãos ainda na ephemera reputação que os coroou de loiros

quasi a par dos Petrarcas e dos Tassos. Calaremos tambem as rivalidades ora surdas, ora rebentando, mal comprimidas, em allusões e em epigrammas, que dividiram Cervantes do que podera talvez aspirar ás honras do seu émulo, Lope de Vega, e da turba de vates e prosadores mediocres, e de poetastros relapsos, de que sempre abundam as mais fecundas e bem fadadas litteraturas. Esqueçamos os versos com que Villegas julgou infamar o talento de Cervantes, para chegarmos depressa á *Segunda parte do D. Quixote,* publicada poucos tempos depois da primeira, e que poz o remate á gloria já indisputavel do insigne novellista castelhano.

Um dos mais encarniçados, e por isso mais temerarios, inimigos de Cervantes não levou a sua indignação simplesmente até o ponto de sentencear pela critica e de punir com o desprezo a obra prima de Cervantes. Foi mais longe. Para o desacreditar, buscou armas no proprio livro do poeta, e para o corrigir, intentou, coisa estranha mas não unica, continuar o livro que a sua musa caduca e myope accu-

sava summariamente de frivolo e de absurdo. Este inimigo jurado de Cervantes, escondendo-se sob o pseudonymo do licenciado Alonso Fernandes de Avellaneda, publicou uma *Segunda parte do D. Quixote,* em que a pretenção audaciosa de emendar e de exceder o seu modelo, foi justamente punida pela inferioridade da novella, pela indifferença publica, e pelo escarneo da posteridade. Pellicer conjecturou que o supposto Avellaneda devêra ter sido religioso da ordem dos prégadores, sem comtudo poder acertar-lhe com o verdadeiro nome. Depois levou-se mais longe a investigação, e aventurou-se a opinião de que o falso Avellaneda fôra Fr. Luis de Aliaga, amigo e contubernal do duque de Béjar, e que depois foi nada menos que confessor da magestade d'el-rei D. Philippe III.

Seja como fôr, é certo que Cervantes, injuriado de que um homem sem invenção, sem talento, e sem graça, ousasse não só pôr mãos sacrilegas no seu *Quixote,* mas, suprema affronta, corrigil-o e augmentál-o, publicou pouco depois a verdadeira *Segunda parte do D. Qui-*

xote, que, superior em phantasia e donaires á primeira, lhe deu occasião para castigar n'algumas passagens, com um motejo facil e com epigrammas de bom quilate, o engenho bastardo e soez, que se atrevêra a hombrear com elle nas aventuras immortaes do paladim manchego.

IX

Tocâmos agora a ultima época da vida de Cervantes. O seu engenho, purificado nas aventuras de uma existencia trabalhada e pouco fortunosa, revelára-se já quando nos animos vulgares se amortece o vigor da adolescencia, e nas imaginações ephemeras se extingue a luz que alumia as phantasiosas creações do espirito humano. Cervantes, como João Jacques Rousseau, e como Richardson, vivêra primeiro para a vida, para o infortunio, para a soledade, e para a dôr, antes de viver para o mundo e para as lettras, antes de nascer para a gloria, este baptismo de sangue que é ao mesmo tempo uma glorificação e um martyrio.

Na ficção engenhosa, mas não totalmente original, do seu *Viaje del Parnaso,* Cervantes

para fazer (coisa toleravel no genio) a apotheose de si mesmo, e o processo dos seus émulos, finge que Apollo o recebe no Parnaso, aonde Mercurio o conduzira, para defender o monte sacro, invadido pelos maus poetas do seu seculo. É luzida e de próceres a assembleia que o Phebeo tem reunida nos seus paços; todos os assentos teem sido occupados pelos vates concorrentes, e Cervantes, n'aquelle concilio de poetas, em vão se esforça por achar um logar vago, que a fortuna contraria e malevolente o obriga a ficar de pé. Então Apollo dá por extremo recurso a Cervantes que dobre a sua capa, e que se sente sobre ella, o que não póde effectuar, porque tem a capa rota e miseravel. Allegoria finissima em que Cervantes descobre sem rebuço todo o seu orgulho bem fundado, e pinta n'um rasgo feliz a injustiça dos seus contemporaneos. E era a verdade que elle escrevia. A fama que lhe orla hoje o nome, e a admiração que o saúda em todo o mundo, deu mil batalhas para as subjugar. Não lhe serviu a sorte como a estes talentos faceis e juvenis, a quem a fama parece ceder em fa-

ceis commettimentos, para os desamparar bem cedo, e não pousar-lhe mais sobre as lettras apagadas do epitaphio obscuro!

Na ordem chronologica das obras de Cervantes, seguiram-se ao *Quixote* as *Novellas*, menos lidas, menos celebres, menos populares do que elle, mas egualmente ricas de invenção, naturaes na fabula e no enredo, faceis nos lances comicos, engraçadas no dialogo, acabadas nos caracteres, correctas na linguagem, e elegantissimas no estylo.

Na impossibilidade de alongar este nosso trabalho, é-nos aqui vedado o fazer a analyse, por ligeira e incompleta que fosse, das *Novellas ejemplares*, como lhes chamou Cervantes. As novellas são: *La Gitanilla, El amante liberal, Rinconete y Cortadillo, La Española Inglesa, El licenciado Vidriera, La fuerza de la sangre, El celoso Extremeño, La ilustre Fregona, Las dos doncellas, La Señora Cornelia, El casamiento engañoso, Coloquio de los perros, La tia fingida.*

Ás *Novellas ejemplares*, publicadas em Madrid em 1612, seguiu-se no anno de 1614, quando já Cervantes contava 66 annos de eda-

de, o seu *Viaje del Parnaso*. Demos já a entender qual fôra o intento com que Cervantes ideára e escrevêra esta obra, muito menos geralmente conhecida do que o *D. Quixote* ou as *Novellas*. A traça era sem duvida engenhosa, posto que não original, mas copiada de um livro semelhante escripto pelo italiano Cesar Caporali no seculo XVI. Julgar n'um processo summario perante o proprio tribunal de Apollo os poetas e escriptores contemporaneos do auctor, e vindicar a reputação de Cervantes, mal comprehendida e ultrajada por criticastros imbecis e por zoilos invejosos, seria sem duvida empresa digna d'aquelle que no dialogo do barbeiro e do cura déra uma amostra da critica elegante e quasi sempre justiceira e desapaixonada do auctor de *D. Quixote*. Infelizmente porém não correspondeu ao intento o *Viaje del Parnaso,* e a não serem os criticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje por desenfado e deleitação litteraria aquella obra, confundida hoje entre os livros de critica falsa e exaggerada, com o *Laurel de Apolo,* de Lope de Vega, e com tantas outras obras concebidas com um

intuito de critica litteraria, e que infelizmente passam hoje com verdade como monumentos da adulação mutua, a que os homens de lettras perpetuamente se entregam, quando não descaem para o extremo não menos vicioso dos odios litterarios e das guerras de folhetim.

Passaremos em silencio muitos episodios que na vida de Cervantes teem sido diversamente interpretados pelos seus mais eruditos e noticiosos commentadores. Não fallaremos de um successo notavel, de uma aventura tragica, de que foi theatro em Valladolid a casa de Cervantes, e em que foram personagens a irman e a propria filha do novellista, successo que, idealisado e adornado pela musa do romance, daria talvez uma obra curiosa pelo romanesco da aventura, e pelo vulto historico do seu protagonista. Calaremos tambem o fervor, não sabem os biographos decidir, se verdadeiramente religioso, se refalsadamente hypocrita, com que Cervantes se aggregou no fim da sua vida a algumas das numerosas confrarias e irmandades que no seu tempo floresciam em Madrid, e faremos apenas menção da macula

litteraria com que o auctor do *D. Quixote* deslustrou um pouco a sua grande reputação, publicando em 1615, poucos annos (*) antes da sua morte, as comedias e entremezes em que denunciára logo ao principio da sua vida de lettras a inferioridade da sua veia comica.

Para completar estes apontamentos, já porventura longos, sobre o primeiro escriptor que a Hespanha produziu, diremos ainda que deixou concluida, mas não ainda impressa, a sua novella dos *Trabajos de Pérsiles y Segismunda*, em que, segundo o proprio testemunho de Cervantes, havia intentado imitar a primorosa novella grega, de *Théagenes e Cariclea*, um dos monumentos com que Heliodoro exornou a litteratura hellenica, pouco fecunda n'este genero.

(*) Aliás «poucos meses», pois que Cervantes faleceu em 1616, como o próprio autor declara mais adiante.

A. V.

Fallece-nos o animo e o espaço para seguir os criticos e os philologos nas suas disputações sobre o merito, e os defeitos d'esta composição, ultima creação d'aquelle genio, que assoberbado pelos annos, e vencido pelos acasos da fortuna, se inclinava para o tumulo, como todas as grandes imaginações, como todos os formosos talentos, sustendo ainda na mão, já meio desfallecida, a penna, prestes a quebrar-se contra a lousa do sepulcro.

E era chegado de feito o termo d'esta existencia gloriosa. O soldado de Lepanto ia seguir de perto os actores e personagens d'aquella época de glorias. O creador de uma litteratura original e nova ia desapparecer da scena, que elle animára e vivificára ao sôpro do seu immenso genio. Erecto o monumento, e corrido o véo que o roubava á admiração do publico, o artifice ia desapparecer, para deixar acercar-se a posteridade, este juiz inexoravel e justiceiro, que, á semelhança dos juizes do antigo Egypto, só pronuncía a sua sentença sobre os sarcophagos. Cervantes vivendo mais um dia, sobrevivia-se a si proprio. É preciso que os

grandes homens se finem, para que das suas cinzas nasça verdejante a palma formosissima da gloria. Cervantes morreu em 1616. Mas desde esse anno a sua obra adquiriu fóros de immortal.

D. MANUEL JOSÉ QUINTANA

D. Manuel José Quintana e a Litteratura Castelhana Moderna (*)

I

Se os homens, que a providencia ennobreceu com o diadema do genio e com a realeza da inspiração, não devessem por instincto amar a liberdade, os tempos e as nações em que ella chega um dia a dominar, lhes ensinariam por nobres exemplos e por generosas acções a seguil-a por egoismo e a venerál-a por gratidão.

O homem que a natureza distinguiu entre os homens pelo sello divino do talento, differença-se tambem hoje pelo consenso publico entre os seus concidadãos. N'outro tempo o genio só começava a sua vida, quando, desatado dos envoltorios da carne, offerecia uma

(*) Da *Illustração Luso-brazileira*, vol. I, Lisboa, 1856.

campa por altar ás oblatas e ás adorações da posteridade. Hoje adornam-lhe em vida a fronte as palmas da admiração publica, e o applauso popular não se contém e soffreia já, até que a morte, anniquilando o homem, annuncie a hora em que é licito fazer a apotheose do seu nome. Antigamente o genio passava quasi proscripto por entre as multidões ciosas ou indifferentes. Hoje a gloria, offuscando nas ondas de sua luz purissima as maculas da inveja, não espera que o cypreste enrame o tumulo dos vates para entretecer os goivos funerarios na radiosa coroa dos poetas. O genio era outr'ora o diploma com que se attraía a adversidade, com que se alcançava a ingratidão e a dureza dos seus contemporaneos. Era como uma loucura sublime, que trazia arredadas as turbas suspeitosas e descrentes. O poeta era o ilota da sociedade, admittido por esmola nos festins dos grandes, e desdenhado por inutil no lidar interesseiro dos populares. Hoje a sociedade policiada e livre abre-lhe o estadio a todas as carreiras, e sem lhe negar o pão, como a Homero a patria desnaturada,

assenta-lhe solemnemente a coroa, em quanto a fronte ainda palpita de inspiração e de enthusiasmo.

A liberdade, só ella, ennobreceu o genio e naturalisou na sua republica o poeta, que largos seculos vivera quasi proscripto da sociedade. Eram n'outro tempo os principes que pagavam com as migalhas dos seus banquetes os cantos, que ainda hoje sobrevivem á ruina dos imperios. Os monarchas da inspiração, que dominavam pelo genio o universo inteiro, andavam á mercê dos monarchas do despotismo, que apenas imperavam n'uma estreita nesga da terra. A gloria com que os poetas illustram a sua patria, pagava-a entre desdens o obolo dos Mecenas sobranceiros, entre os panegyricos inchados dos seus aduladores. Os conquistadores da lyra achavam apenas um logar humilde junto do triclinio sumptuoso em que repousavam os conquistadores da espada. Virgilio só por si tornou mais indelevel o nome romano e cinzelou mais profundamente nos seus carmes os factos do grande imperio do que o fizeram todos os trabalhos de Pompeu

e todas as façanhas de Julio Cesar. E Virgilio para viver necessitou que Augusto o violentasse pela sua generosidade criminosa a profanar o seu estro e a deslustrar o seu nome, comprando pela adulação o pão de cada dia.

A corrupção e o absolutismo deram por patronos ao talento o capricho dos principes e a vaidade dos cortezãos. A liberdade fez mais, porque deu á intelligencia um povo inteiro por Mecenas. Prosperaram as artes em Florença, sob os auspicios dos Médicis. Aqueceram-se os talentos ao bafejo protector, que do alto do solio pontificio lhes repartia um Médicis. A França deveu a Luiz XIV o não haver a fome sido o premio de muitos escriptores, que deram á França a dictadura litteraria, em quanto os exercitos de Luiz XIV dobravam a Europa á dictadura politica e militar. No seculo em que vivemos, as musas já não precisam que lhes confirmemos os seus fóros nas chancellarias dos paços; muitas vezes, proscriptas e erradias cantando no exilio a liberdade e exaltando a patria volvem, ao cabo da sua má

fortuna, a receber as ovações espontaneas do favor e do enthusiasmo popular.

É por isso que na lyra, temperada hoje pela independencia e pelo patriotismo, a corda da adulação estalou e emmudeceu. Os grandes poetas cantam poucas vezes o panegyrico de Augusto, e quando celebram a magestade, é porque na fronte lhe verdeja o laurel das glorias nacionaes, ou porque o infortunio lhe sagrou e lhe ennobreceu a purpura. Os grandes poetas dos novos tempos ou entoavam os seus ultimos canticos subindo, como Chénier, á guilhotina no martyrio da liberdade, ou retemperavam a harpa, como Lamartine, nas commoções da revolução, ou, pelejando pelos fóros publicos nos campos da batalha, desferem, como Herculano, as primeiras notas da sua grandiosa inspiração; — ou expiam nos carceres, como Silvio Pellico, a natural sobranceria da sua musa democratica, ou saudam do exilio, como V. Hugo, nos seus raptos inspirados, a patria, que só pode dar-lhe em troco da maior gloria intellectual a proscripção e o exilio.

Onde a liberdade reina, ha, no throno d'ella, tambem logar para o talento. Onde governa a palavra eloquente, as musas estão de direito no capitolio nacional. A imprensa e a tribuna tornam inutil hoje a munificencia dos Mecenas. Os Bavios tomam ás vezes por momentos o logar dos Virgilios. Mas a opinião publica, que vale por si mais do que o patrocinio de Leão X ou a magnificencia de Luiz XIV, reivindica bem depressa os fóros do talento e expelle com infamia as gralhas intrusas que pompeiam vaidosas a plumagem postiça, emprestada e ficticia. A fortuna poderá ainda ser, e é muitas vezes, mais risonha para os *parvenus* do talento, e para os *peões fidalgos* da intelligencia, do que para o genio estreme e verdadeiro.

Ainda a palavra gaguejada e rude de algum advogado provinciano, tropeçando a cada passo n'um solecismo, ou n'um texto do digesto, póde alcançar, por arteirices e manejos, a maiores alturas que a eloquencia verdadeira, solta e livre da lisonjaria e da servidão. Deixál-os. Que cheguem a arrastar a toga desembarga-

toria ou a luzir a farda agaloada; que conquistem um dia o bufete ministerial, para irem no dia seguinte sepultar n'uns autos empoeirados o seu nome obscuro e trivial; que puxem para si com mais ancia e melhor succedimento a toalha do orçamento, e que levem melhor boccado nas iguarias; tudo lhes perdoamos, porque o talento tem para si quinhão mais avantajado na sua reconhecida superioridade e no galardão moral dos seus concidadãos.

A Hespanha deu ainda ha poucos mezes uma brilhante manifestação d'esta alliança generosa e espontanea entre a liberdade e a intelligencia.

Era nos primeiros dias do enthusiasmo popular e do fervor democratico, depois de uma victoria, alcançada pelo povo sobre os seus dominadores, pela liberdade sobre o absolutismo. A revolução de Julho, triumphante, mas ainda não de todo assegurada contra as tentativas da reacção, agitava as turbas n'estes jubilos faceis e espontaneos em que, sem pensar ainda no que será o futuro, e qual será a solução dos problemas sociaes, o povo se dá

a si mesmo treguas nos negocios positivos da politica, para sentir apenas que é monarcha e para aspirar a tragos sofregos as primeiras auras da liberdade.

Nada havia ainda que differençasse profundamente a nova situação e o regime que decaira. Os males publicos, que se não remedeiam apenas com a victoria nos campos da batalha, permaneciam os mesmos. A administração luctava ainda com as mesmas difficuldades. A fazenda publica mantinha-se ainda no cahos primitivo. Tudo era o mesmo. Mas o povo sorria, porque tinha esperança na revolução e porque gosava da liberdade, que os tempos da oppressão lhe haviam ensinado a appetecer e apreciar.

Uma temerosa responsabilidade vergava sob o seu peso os caudilhos da revolução e os que d'ella haviam participado e vencido com ella. As situações politicas que nascem de uma revolução, impõem deveres mais onerosos ao povo que triumpha e aos chefes em quem confia, do que as épocas do absolutismo prescrevem aos seus oppugnadores. O mais alto

dever de um homem que porfia sem cansar, reptando o poder absoluto e arcando palmo a palmo com elle, é morrer no ponto de honra, derramando o seu sangue pela patria. A abnegação do homem, que a revolução escolheu para seu guia e defensor, não se satisfaz com todo o sangue do patriota e do guerreiro. Oppugnando a tyrannia, cumpre-se o dever, morrendo. Basta então ser martyr. Gerindo depois da revolução a causa publica, é preciso ter salvado a patria, para morrer depois honrado por ella.

No meio da sua existencia, ainda precaria e febricitante, a revolução pensou que se podia salvar a nação, e honrar ao mesmo tempo n'uma festividade nacional o nome do primeiro poeta da sua terra. Digno e edificante contraste entre a parcimonia dos principes e a magnificencia do povo em honrar os talentos nacionaes. Uns davam antigamente aos maiores poetas o testemunho da vaidade ao talento em alguns reaes poupados á sumptuosidade dos seus festins e á opulencia dos seus castellos. Outros offerecem o testemunho da gratidão

publica ao verdadeiro genio nacional, dando-lhe, em vez da moeda que deslustra, o laurel consagrado pela victoria popular. Uns, tranquillos e repousados nas suas côrtes faustuosas, julgavam outr'ora degradar quasi a magestade, e infringir a etiqueta, com soltar um monosyllabo de applauso e benevolencia aos predilectos da inspiração. Outros, ainda anhelantes de uma lucta sanguinolenta, brandindo o gladio vingador, e depondo nas aras da liberdade os ultimos despojos do absolutismo, não se dedignam, antes se prezam e gloriam, de assentar por suas mãos a coroa dos immortaes na fronte radiosa de um seu benemerito concidadão.

E quem é esse homem privilegiado que a revolução conduz ao capitolio para sagrar-lhe os loiros nacionaes? Acaudilhou no campo as hostes revolucionarias? Requestou de perto o poder agora decaido? Conquistou pelas influencias politicas o primeiro logar no estadio dos partidos? Arrogou-se, como Cesar, o poder supremo, domando a corrupção, e illudindo a virtude na republica? Dispõe de largos thesouros com que comprar o suffragio publico?

Vale como efficaz intercessor junto do poder novamente inaugurado? Pendem da sua espada os destinos publicos? A fortuna da sociedade? O credito dos cidadãos? A sorte dos particulares?

Nada d'isto. Pelejou contra os tyrannos, pela palavra como os evangelisadores, pela abnegação e pelo soffrimento como os martyres. Não commandou os exercitos da sua gente contra a invasão dos estrangeiros, nem columnas populares contra a insolencia dos reaccionarios, mas influiu n'uns a valentia castelhana, cantando as grandezas da sua Hespanha, e a antiga independencia do seu solo, e exhortou outros á victoria, celebrando nos seus hymnos a philosophia e a liberdade. Não tem auctoridade official nas crises publicas, mas o seu nome só por si nobilita e robustece o partido em que se inscreve. Não o investiu a revolução na dictadura passageira, que a fortuna decreta e revoga ao sabor dos caprichos populares e das fluctuações da opinião; mas é sua a dictadura das lettras e o sceptro da poesia castelhana.

Este homem é D. Manuel José Quintana. Joven, cantou a independencia nacional. Na virilidade, vulgarisou com os encantos da sua sincera mas vigorosa eloquencia os maiores exemplos da heroicidade castelhana, e os mais distinctos vultos da historia nacional. Octogenario, acrisolado e robustecido o espirito nas provações da perseguição e nas asperezas do exilio, offereceu, ainda como jornalista, a sua palavra fascinadora e a auctoridade do seu nome, para entrar na cruzada generosa que teve em resultado a ultima restauração da monarchia representativa.

No mesmo Capitolio, onde a Roma pagan cingia os ornamentos do triumpho aos seus mais benemeritos soldados, coroou a Roma catholica ao poeta que apenas cantára as ideaes voluptuosidades do amor platoniano, e as imaginadas amarguras de uma saudade convencional.

A Hespanha coroou tambem solemnemente a 25 de março de 1855 o Tyrteu dos seus exercitos, o cantor das glorias nacionaes.

Alguem accusou a Hespanha, porque no

fervor da revolução esqueceu um momento o trafego dos partidos para celebrar, n'uma ceremonia desusada, a glorificação de um nome generoso, mas pacifico. Alguem exprobrou a Hespanha de ter esquecido um instante as divisões e os odios que ainda agora a dilaceram, para congregar n'uma grande festa de paz e de fraternidade intellectual os representantes de todas as opiniões e os fanaticos de todos os gremios politicos.

Pois não tem a politica, no meio das suas tantas vezes estereis e odientas lucubrações, vagar para proscrever e perseguir alguns dos mais formosos talentos da sua terra? Pois que a intolerancia reaccionaria póde tantas vezes abater os seus vôos e perder alguns momentos para exilar um caracter celebrado ou para decepar uma cabeça illustre, tenha a liberdade ensejo e folga para a seu turno laurear uma cabeça veneranda, em que o tempo e a inspiração imprimiram a dobrada magestade da senectude e do talento.

II

D. Manuel José Quintana nasceu em Madrid a 11 de abril de 1772. Era exactamente quando resplandecia no throno de Hespanha o monarcha mais justamente popular de quantos se hão succedido no throno de S. Fernando. Carlos III reinava então. Se o absolutismo podesse alguma vez achar perante a razão e a justiça a sua justificação e o seu panegyrico, Carlos III teria, pela brandura do seu governo, pela rectidão do seu caracter, pela energia da sua administração, aconselhado eloquentemente a monarchia pura como a formula politica destinada a operar sem agitações, e sem transtornos politicos, a felicidade das nações.

Pela primeira vez com Carlos III veiu sentar-se no solio a philosophia; e a liberdade, ainda que não proclamada nem nos costumes

nem nos codigos, irradiou os primeiros lampejos por entre a pompa official da monarchia absoluta. E se não pôde então levar mais longe os seus triumphos e alargar seu horizonte, é mister não criminar o monarcha civilisado. Ao lado d'elle vigiava ainda o poder infesto que governou quasi exclusivamente a Hespanha desde a gloriosa, mas sinistra, dominação de Carlos V. A Inquisição governava ainda as consciencias e opprimia sob o peso de uma ameaça permanente as tendencias liberaes, que já desde então ardiam por se manifestar e influir nas instituições e nos costumes do paiz.

O seculo XVIII honrou-se então em muita parte da Europa com a simultanea apparição de alguns principes illustrados e de alguns ministros emprehendedores. Luiz XV, apesar de que o seu reinado foi uma orgia, e a sua administração uma intriga de concubinas, preparou, sem o querer, de certo, o advento da revolução e a victoria da liberdade, sujeitando-se a viver n'uma côrte de philosophos, que lhe minavam o throno, em quanto o monarcha

descuidoso pensava assistir ás justas inoffensivas da abstracção dos pensadores e do espirito das mulheres auctoras. Frederico II quiz como homem ser philosopho, e ser despota como soberano, sem antever que um rei que duvída, faz insensivelmente do throno a cadeira do magisterio revolucionario, e que, começando por duvidar de tudo, ensina as multidões a pôr em problema a magestade dos reis e a origem preternatural da sua auctoridade. El-rei D. José, adoptando mentalmente o axioma dos governos representativos, e delegando na omnipotencia do seu ministro os cuidados de toda a sua ainda vasta monarchia, contentou-se de reinar no ocio prolongado, deixando que o secretario de estado, audacioso e por vezes temerario, escrevesse na sua memoravel legislação os primeiros rudimentos da revolução, traduzindo em portuguez os arrojos com que a philosophia contemporanea interrogava audaciosamente o passado, e prenunciava a democracia, pensando firmar em mais solidos cimentos a já então caduca monarchia absoluta.

Fernando IV ousava na Sicilia prostrar de

um golpe um temeroso adversario, que ainda então assoberbava os thronos que o mantinham a seu lado. A philosophia, invocada por aquelle rei da dynastia borboniana das Hespanhas, entrava triumphante nos ergastulos da Inquisição, e ermava-os para sempre, em nome do direito nacional e dos clamores de todo o povo.

Na Hespanha, Carlos III, se não se atrevia a seguir o exemplo que lhe dava seu filho na Sicilia, e que lhe aconselhavam pessoas illustradas, se temeu então a formidavel opposição de grande parte do seu clero, e até mesmo as preoccupações e desvarios da cegueira popular, ainda então intractavel em Hespanha, descerrou as fronteiras á idéa revolucionaria de além dos Pyrenéos, abriu os seus conselhos a ministros patriotas e sabedores, e ennobreceu o seu reinado de perto de trinta annos com providencias salutares e com medidas de rasgada emancipação e engrandecimento nacional.

Na lista dos seus ministros e conselheiros figura o conde de Campomanes, que introduziu a economia politica, ainda nascente, nos pareceres fiscaes do conselho de Castella, que — o

primeiro quasi — ousou attender a industria nacional e fazer soar n'uma nação de privilegios e de intractaveis aristocracias de todo o genero, n'uma serie de inquisidores e de monges intolerantes, a phrase então quasi blasphema de *instrucção popular*. Collaboraram n'aquelle memoravel reinado o conde de Aranda, o conde de Florida Blanca, D. Manuel de Roda, o conde de Cabarrús, e outros politicos esclarecidos, que souberam aproveitar e procuraram naturalisar na sua patria tudo o que as doutrinas revolucionarias da philosophia franceza do seu seculo tinham de reformador e de benefico, regeitando na administração e nos costumes publicos tudo o que revelavam de subversivo para o cidadão, de desconsolador para o homem, de degradante para a humanidade.

N'aquelle reinado, que ainda hoje se recorda com prazer e com orgulho nacional, a influencia franceza, que a nova dynastia tornára mais facil nas Hespanhas, vulgarisou, ao menos entre os litteratos e sabedores, as idéas modernas que começavam de irradiar e de popularisar-se lentamente, em despeito da intolerancia de um

clero ignorante e fanatisado, e da suspicacia da Inquisição, que, não podendo já pela alteração profunda dos costumes publicos, brandir o facho vingador, amiudava ainda as perseguições, sem respeitar as mais illustres categorias, sem hesitar mesmo diante do throno, cujos ministros e conselheiros inscrevia como indiciados ou como suspeitos nos registos dos seus numerosos tribunaes.

Muitos dos mais respeitaveis individuos da nobreza, grandes de Hespanha, titulos de Castella, secretarios do despacho, ministros togados dos differentes tribunaes, embaixadores, e prelados mesmo, sem contar os que por officio cultivam as lettras e as sciencias, seguiam de perto, como partícipes e como continuadores, o movimento das idéas que, desde quasi o alvorecer do seculo XVIII, ia engrossando com affluentes innumeraveis a torrente revolucionaria, que havia, ao cabo d'elle, altear-se estrondosamente sobre as margens, submergir temporariamente o throno de S. Luiz, e prevalecer, em despeito de todas as futuras restaurações, todas ellas insubsistentes e facticias.

Entre Philippe II e Carlos III a differença das opiniões e das idéas era mais longa do que o periodo que distanciára os dois reinados. As relações entre o sacerdocio e o imperio, e os direitos do governo temporal, que desde Philippe II já haviam achado entre as grandes intelligencias do episcopado hespanhol quem as definisse e sustentasse energicamente contra as pretenções ultramontanas, achavam nova luz nos escriptos e nos pareceres officiaes de alguns dos mais illustres ornamentos da magistratura hespanhola. Campomanes, no *Tractado da Regalia,* dado á luz sob os auspicios do proprio monarcha, que o fanatismo não poderia nunca suspeitar de menos piedoso, punha resolutamente o problema da desamortisação dos bens do clero, e attribuia á potestade temporal este direito, que, agora ha pouco exercitado, alterou a harmonia entre o governo actual de Hespanha e o supremo pastor da Egreja.

Os principios que o douto abbade Raynal desenvolveu na sua *Historia dos estabelecimentos europeus,* acharam em Hespanha um digno

interprete no duque de Almodovar, que pela sua immensa litteratura honrava a alta nobreza a que pertencia, e a diplomacia em que servira com distincção na embaixada de Vienna. A sua obra *De los establecimientos de naciones europeas en paises ultramarinos,* se lhe attraiu as perseguições da Inquisição, contribuiu para vulgarisar na Hespanha novas idéas de politica, de administração e de economia.

A economia politica não ousava ainda apresentar-se com este nome. Com a modesta designação de economia civil, que mais facilmente lhe concedia passaporte de residencia inoffensiva, fazia proselytos entre os lettrados e na população laboriosa e mercantil. Em muitas cidades se fundaram *sociedades de amigos del pais,* com o fim patriotico de animar a industria e o trabalho nacional, facilitando em *memorias* numerosas os elementos de economia politica, e as suas applicações á solução dos problemas propriamente nacionaes, divulgando as machinas e invenções agrarias e fabris, animando com premios e com soccorros pecuniarios os que nas artes, ou na agricultura, pri-

mavam pela excellencia dos seus productos ou davam louvaveis testemunhos de dedicação e perseverança industrial. Os economistas estrangeiros que então alcançavam mais celebridade na Europa eram traduzidos e vulgarisados: Sauca traduzia a *Economia,* de Genovesi, e Irujo fazia á litteratura nacional um serviço assignalado, pondo em vulgar a obra para sempre monumental do escocez Adam Smith.

As sciencias economicas, já divulgadas pelo livro, tiveram tambem as honras da propaganda professoral. Muitas cadeiras de *economia civil* vieram dar uma face nova ao ensino, como elle se fazia então em Hespanha, antiquado e esteril, das sciencias juridicas e sociaes. Foram como raios brilhantes de luz nova, rompendo aqui e acolá as trevas da instrucção escolastica, já então decrepita e em manifesta contradicção com o brilho das sciencias e das lettras na Europa civilisada. O professor de economia civil na *sociedade economica* de Saragoça ousava mesmo então, n'umas ostentosas conclusões, atacar em nome da consciencia publica o celibato ecclesiastico e a precoce

profissão da juventude no estado monachal. E se, delatado á Inquisição era depois processado como propugnador de idéas subversivas e de manifestações irreligiosas, a impressão moldava-se mais ou menos fecunda nos animos, e as doutrinas economicas, atacando a opulencia do clero sem deslustrar a magestade da religião, acostumavam o povo a separar e a distinguir cuidadosamente a religião das religiões, a egreja dos ecclesiasticos, a confrontar a pobreza dos apostolos e dos primeiros solitarios e cenobitas com a mundana ostentação e o faustuoso luzimento do clero regular.

A economia passava do estado especulativo e doutrinal a humanar-se em instituições, já desde longos annos triviaes n'outros paizes. A Hespanha ignorava os beneficios do credito, fecundado pelos bancos. Carlos III admittiu-os pela primeira vez nos seus estados. Pelas diligencias de Muzquiz, então ministro da fazenda, e pela actividade do conde de Cabarrús, que o auxiliou no plano e na execução, com o grande cabedal da sua illustração, se abria em Madrid o Banco Nacional de S. Carlos. A sua institui-

ção influiu dobradamente na economia social de Hespanha, porque deu um centro de auctoridade ao credito do paiz, e porque, nas juntas que se celebraram antes e depois da sua fundação, se diffundiu pela voz e pela auctoridade de alguns illustrados economistas a luz que faiscava nas controversias e no debate sobre o credito e sobre a riqueza nacional.

Ainda que cedendo ás necessidades da politica europeia, e obedecendo ao concerto de todas as côrtes catholicas do seu tempo, Carlos III não illustrou menos o seu reinado, abolindo nos seus dominios a Companhia de Jesus. Os que interessavam temporalmente na conservação e influencia d'aquella poderosa e opulenta corporação; os que por indecisão hesitam sempre diante da extincção dos grandes abusos publicos; os que oppõem a toda a tentativa de reformação a ancianidade e as tradições de uma instituição embora viciada na sua indole, e degenerada do seu instituto primitivo; os que por egoismo, e d'estes havia então muitos na Hespanha, concedendo a vantagem theorica das revoluções de qualquer genero, dese-

javam addiál-as para a seguinte geração, todos esses julgavam que a extincção dos jesuitas era a primeira solemne investida em que os governos catholicos arrancavam contra a egreja de Jesu-Christo, e ajuizaram que, assim como no seculo XVI as reformas da egreja haviam levado ao protestantismo, o triumpho jansenista, victoriado e applaudido pelos philosophos, concluiria pela impiedade do governo e pelo atheismo das nações.

Os jesuitas voltaram a muitos paizes com a reacção politica. Mas a Companhia, como poder temporal, como milicia theocratica, essa sepultou-a para sempre a bulla de Ganganelli. Os jesuitas são hoje mais da historia do que da actualidade. Com o tempo, a amplificação exaggerada dos seus crimes e a apotheose parcial das suas virtudes se approximaram e transigiram na propria opinião dos entendedores e dos criticos protestantes. A condemnação e o louvor absoluto distanceiam-se hoje mais do que nunca da verdade. A Companhia serviu e difficultou a civilisação. Foi ao mesmo tempo benemerita da egreja, e perturbadora da sua

paz e tranquillidade. Como evangelisadora mereceu as primeiras honrarias da egreja, como estadista incorreu em erros capitaes e chamou sobre si immensa responsabilidade. A Companhia, em quanto andava nos campos; em quanto em longas emigrações, offerecia aos povos do novo mundo a palavra e a paz do evangelho, e rubricava com o seu sangue a sinceridade da sua vocação e a divindade de sua doutrina; em quanto illustrou com a sua vasta erudição e com o seu verbo eloquente e consolador as cadeiras evangelicas em todas as nascentes christandades, parece que tornava mais resplandecente a candura e a innocencia dos seus costumes e a piedade primitiva da sua primeira fundação. Nas cidades o seu posto era outro, o seu caracter diverso, os seus procedimentos menos apostolicos, as suas miras menos desinteressadas e as suas ambições mais mundanaes e mais profanas. Corporação complexa, mescla e união de oppostas qualidades e de intuitos contradictorios, a Companhia parecia vibrar ao mesmo tempo dois fachos, um espiritual, para alumiar novas e remotas christandades, o outro

temporal e profano, para atear o incendio das consciencias, e para activar a dissensão e a discordia nas republicas.

A Companhia teve ao mesmo tempo grandes martyres, e audaciosos conspiradores. Uniam-se n'ella a suprema abnegação, e as pretenções mais altamente ambiciosas. Humilde nas peregrinações evangelicas, arrogante nos commettimentos da politica. Amava a penuria, quando buscava por vocação a palma do martyrio, e vergava ás seducções da avareza, quando aspirava nas cidades á omnipotencia temporal. Era-lhe sobejo sceptro o bordão humilde dos peregrinos, quando saudava a Deus nos bosques virgens da America; era-lhe escasso baculo, para firmar-se nas mundanidades da terra, o proprio sceptro dos imperadores, quando invocava a ambição nas povoações do antigo mundo.

Á mansidão não simulada das missões ultramarinas succedia na côrte a duplicidade dos politicos. Á doçura da palavra, a sobranceria dos discursos. Entre os gentios era franca e aberta; para com os christãos ardilosa e

refolhada. Entre pagãos buscava sinceramente encaminhar ovelhas para o redil do evangelho; entre os fieis muitas vezes descaminhava e confundia cidadãos nos conflictos da republica. Entre os idolatras pretendia conquistar para Jesu-Christo; entre christãos as mais das vezes recrutava para si.

Nenhuma congregação religiosa enriqueceu ainda os seus fastos com um mais brilhante e sincero martyrologio. O evangelho teve nos jesuitas muitos dos seus mais ardentes operarios. Não os entibiava a longura das viagens, a bravura das tempestades, a perspectiva do martyrio. Não os acobardava a dureza das privações, nem a fereza dos gentios. Mais do que á fortuna das quilhas descobridoras, e á bizarria das espadas aventureiras, se deveu a conquista do Novo Mundo á prégação da evangelica palavra. O missionario utilisava, sanctificando-a, a conquista do soldado. Sobre as feridas que abrem as guerras, o balsamo da religião manava, sarando-as copioso e beneficente. E eram, pelo commum, os jesuitas os emissarios da lei divina. No grangeio da civili-

sação europeia, em terras de conquista ultramarina, era a espada a que sulcava o torrão virgem, mas era o missionario quem dispunha a semente e a abrigava cuidadoso. Trabalhando pelo evangelho, eram ao mesmo tempo os jesuitas a milicia da civilisação americana. Honrando a egreja, serviam ao mesmo tempo a sociedade.

A illustração e a sciencia recrutaram na Companhia alguns dos seus mais laboriosos propugnadores. Todos os generos de litteratura lhe deveram desvelos e carinhos. Toda a erudição sacra e profana, doutas e zelosas lucubrações. Se muitos se perderam e ameaçaram enredar comsigo as sciencias nos labyrinthos da escolastica, se entre elles alguns tentaram, em insulsas composições, resuscitar, juvenil e mimosa, a facil e sonora musa latina, outros houve que honraram a razão sem lhe sacrificar a fé christan, e que desde as amenidades litterarias despregaram vôo audacioso até ás mais levantadas concepções do espirito humano. Bourdaloue em França, e Vieira em Portugal ligaram perpetuamente a gloria da Com-

panhia á gloria mais brilhante do pulpito moderno. E Vieira, com haver elle proprio roçado tantos annos a roupeta no tracto cortezão e nas intrigas da politica, bastaria quasi a fazer perdoar á Companhia, agora que apenas vive, os desvios mundanos da sua instituição, pelas tradições gloriosas do seu grande poderio intellectual.

Eis ahi a pontual enumeração de todos os grandes beneficios que a Hespanha deveu no ultimo seculo á desvelada e paternal administração de Carlos III. Animação ao trabalho nacional; regularidade na fazenda publica; organisação robusta do poder naval e militar; aperfeiçoamento do systema de ensino publico; liberdade, quanto os tempos comportavam e o tolerava a Inquisição, ao pensamento e á palavra; favor e predilecção para as lettras e para seus cultores, muitos dos quaes illustravam o governo nos conselhos do monarcha, ou honravam com a sua auctoridade as mais elevadas magistraturas: eis ahi as feições proeminentes de um reinado de trinta annos, que os seus contemporaneos abençoaram pelos seus

beneficios, que nós hoje admiramos pelos monumentos que deixou.

Carlos III desceu ao pantheon do Escurial, quando a revolução se annunciava já na França, por esta surda e sinistra agitação, precursora das temerosas borrascas sociaes. O seu reinado adivinhou em muitas coisas a nova era de civilisação, que ia em breve inaugurar-se. Teve erros capitaes, e culposas hesitações, mas não é de admirar que tivesse os defeitos do seu seculo; absolvamol-o, porque teve em muita parte as virtudes da civilisação e os arrojos da liberdade.

III

Com os predicados politicos e com as virtudes governativas que recommendavam aquelle reinado, era natural que d'elle datasse em Hespanha uma nova época de restauração e de esplendor para a litteratura castelhana. O pensamento refoge e a impressão odeia instinctivamente a tyrannia. Sob o regimen despotico, ter talento é um peccado original, que só se apaga pela servil imitação; manifestál-o um crime, a que serve por vezes de capitolio o carcere, e o algoz de galardão.

Nos estados em que o poder recata ciumento a memoria das suas prerogativas, bem como nas republicas onde a extrema e suspicaz democracia nivela todas as vocações e uniformisa todos os talentos, o genio é uma

rebellião ou uma arrogancia. A monotonia é então a norma da sociedade. Ter mais inspirações do que o soberano, é uma irreverencia. Ter mais merito que o povo, uma vaidade. As lettras romanas perdem-se com a dominação brutal dos imperadores, de manhan victoriados, sobre os pavezes, e alanceadas á noite pelas ascumas dos pretorianos. Em Sparta as lettras nunca poderam nascer, porque as leis e os costumes da republica, educando os cidadãos para morrer por ella, lhes defendiam como talentos funestos as artes que elevam a intelligencia acima do estreito solo da patria.

A litteratura, quando verdadeira, generica, não é senão uma das multiplices manufacturas da liberdade. Das duas luzes que a alumiam, a razão assombra os potentados pelas suas provas, a imaginação pelas suas seducções. Nenhum poeta, digno d'este nome, ousou ainda manchar a lyra, celebrando as orgias do despotismo, ou encarecendo as iniquidades das dictaduras sanguinarias. Seneca prefere a morte com os estoicos a adular o tyranno da sua

patria. Chénier, com um pé sobre o cadafalso, acha ainda no fervor republicano o som dos ultimos cantares, e expira saudando a liberdade, e desdenhando dos seus simulados e ferocissimos cultores.

Ha poetas cortezãos que adulam em canticos sonoros os crimes dos seus patronos e senhores. Mas é este o abuso do talento, blasphemia da poesia, e sacrilegio da litteratura.

Waller, fazendo n'um dia o panegyrico de Cromwell, e prodigalisando no outro os elogios a Carlos II, deu á posteridade o direito de distinguir no mesmo homem o poeta nacional, e o versejador inconsistente e mercenario, trocando pelo ocio da corrupção e da vaidade as estrophes glaciaes e os extasis fingidos do servilismo cortezão. Dryden foi nas lettras inglezas um dos patriarchas do bom gosto, e cita-se com orgulho o cantor de Palamon e Arcite para esquecer a adulação que dictou o poema aulico de *Absalon e Achitophel*. Milton é celebre, porque esqueceu as malquerenças partidarias da sua patria, para celebrar em rasgos

inspirados e em liberrimas inspirações a quéda e a redempção da humanidade. A auréola momentanea do libellista de partido passou e esqueceu, offuscada pela coroa radiante do *Paraiso perdido*.

D'estes homens que a Providencia vae repartindo escassamente pelos seculos, e investindo na augusta magestade da poesia, houve já porventura algum, que andasse amimado e bemquisto em côrtes de potentados, ou agasalhado e bem-avindo em curias de patricios ou em comicios de facções? Homero cantou reis, mas não cantou para elles. Independente como o genio, e soberano como a razão humana, o cantor errante e desvalido dedignou-se de estancear no peristylo dos monarchas. O Dante é o Homero da edade média, o Homero do christianismo, o fundador do segundo cyclo poetico. Onde cantou? N'uma republica. Como viveu? Nas agitações da liberdade. Onde morreu? Proscripto.

A edade média acaba, quando na Allemanha se levanta o primeiro grito da Reforma. A primeira restauração das lettras começa com

ella, porque a Reforma annuncia na ordem politica a liberdade. Quebram-se os ferros ao pensamento; interroga-se o passado; contempla-se o presente; antegostam-se os direitos civicos; prevê-se a magestade popular; acordam as lyras antigas; temperam-se as modernas; colligem-se os thesouros da erudição, e começa em toda a Europa esta vasta e profunda elaboração que fez do seculo XVI a aurora do seculo em que vivemos.

Acalmada a procella revolucionaria, o despotismo ergue-se sobre as ruinas d'aquellas tremendas luctas europeias. As lettras adormecem, em quanto véla a espada absolutista. A auctoridade prevalece sobre a razão, e a imitação sobre o talento. O despotismo, na sua dupla fórma de inquietação e de realeza impõe á sociedade a uniformidade das instituições, e a unidade do pensamento. As lettras teem tambem a sua pragmatica, a poesia o seu codigo civil. É-lhes defesa a liberdade dos vôos, e prescripta como orthodoxa a rasteira imitação. A poesia refugia-se nos campos para não desagradar á auctoridade que a vae escor-

raçando para as arribanas e estreitando nos redis. Os Menalcas e Alexis, de Theocrito e de Virgilio, resurgem, são a graça nativa dos paizes em que nasceram, e as campinas da Arcadia, e os prados de Mantua e de Syracusa, reapparecem sem o verdor dos primeiros dias, sem o frescor das boninas classicas, sem a fragrancia das antigas primaveras. As lyras estalam cem vezes, modulando o amor insulso na mesma corda, vibrada monotonamente por todos os cantores. O proprio amor, esta paixão cujas leis escarnecem das instituições humanas, e cuja suavidade irmana a largueza do sybarita e a auctoridade do lacedemonio, esta paixão cosmopolita e universal só pode ser condignamente celebrada, calcando e modelando os canticos que a divinisam nas cansadas imitações da musa antiga. Não é licito amar senão *more romano*. Para ter coração e alma e devaneio de amores, é mister que o amante se chame Corydon ou Melibeu, e que, segundo a traça virgiliana, se figure o descanto de dois pagens, porfiando em requebros amorosos, e buscando vencer-se com a narrativa

dos imaginados infortunios e de desventuras pueris.

Compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum;
Thyrsis oves, Corydon distentas lacte capellas.
Ambo florentes ætatibus, Arcades ambo,
Et cantare pares, et respondere parati.

Do lethargo em que as lettras cairam, e principalmente a poesia, depois da restauração quinhentista, as veiu despertar o seculo XVIII, abrindo-lhes, pela liberdade do pensamento, largos e desimpedidos mares, por onde tentar novas e atrevidas navegações, deixado o rumo da rotina, e a bussola da imitação.

Em Hespanha veiu a cair a renovação poetica no reinado de Carlos III. Desde então começou uma nova e feliz evolução para o genio nacional. É de Carlos III que devemos datar a revolução, que, desde Melendez, Cienfuegos, Jovellanos e Quintana, nos trouxe por successivas gradações até Espronceda, Gutierrez e Zorrilla.

Não ha na Europa de certo uma litteratura mais opulenta, mais variada, nem mais

imaginosa do que a litteratura castelhana. As musas madrugaram nas Hespanhas, e logo quasi ao amanhecer da litteratura peninsular saltam enfeitadas e louçans, mimosas e fragrantes, como se desde largas eras houveram lidado em tracto cortezão e vivido em fidalga sociedade. Em quanto pelo norte os gelos lhes resfriavam o fervor, e as tempestades lhes destoucavam as madeixas, e os nevoeiros lhes imprimiam na fronte a intractavel melancolia germanica, já as camenas castelhanas e portuguezas se coroavam de boninas pelos campos sempre viridentes, e suspiravam amores á sombra grata dos laranjaes, e folgavam risonhas nas travessuras do romance, ou penavam suas *saudades* — que são a doce melancolia da nossa peninsula — nas endeixas lastimosas, e nas elegias apaixonadas, sim, mas nunca desesperadas e blasphemas, em que se exhalam na nossa bella Hespanha os queixumes e as desventuras do amor.

Se fallamos de litteraturas primitivas, a das Hespanhas (e n'este nome comprehendo a Portugal) não é de certo quem haja de arriscar

na confrontação com a litteratura estrangeira do seu tempo. Da Renascença em diante, poucos poderão vencer-nos em bom gosto e elegancia; nenhum, porventura, na variedade dos genios, e na riqueza proverbial da nossa facil e cadente versificação. Na Hespanha nasceu o theatro moderno; em Portugal se lhe datamos a fundação desde Gil Vicente, em Castella, se lhe damos por patriarcha o bucolico Juan de la Encina.

De Hespanha, e nomeadamente do solo portuguez, nasceu e se alteou em reputação universal a primeira epopeia da civilisação moderna, os *Lusiadas,* que são, se o querem, o poema de um povo, pelo nome dos heroes e pelo colorido das tradições domesticas, mas que são tambem a epopeia da Europa christan, porque celebram o grande feito que inaugurou a moderna historia, a vassallagem moral do mundo inteiro á superioridade intellectual das raças europeias. De Hespanha foi, a Hespanha honrou — filho reverente se bem que da patria maltractado — o auctor de *D. Quijote,* o primeiro que em modernas linguas habituou as

musas ao riso da satyra discreta, e o que condimentou a novella moderna com o sal comico, em que excedeu os antigos, sem os imitar na soltura do libello.

Com os maiores arrojos militares e politicos do genio nacional coincidiu o maior vigor da litteratura castelhana. Uma nação que por uma serie de illustres feitos subiu gradualmente á primazia entre os povos, seus contemporaneos, tem necessariamente uma larga e imaginosa litteratura. A mesma inspiração que arremessa as hostes vencedoras á conquista, passa animada do mesmo espirito de gloria sobre as cordas da lyra peninsular. O estro domina em duas manifestações diversas, mas concordes: o vate e o soldado. Um, inspirado por elle, escreve, com a espada, a epopeia dos seus feitos; o outro entôa, no alaúde, o seu poema. Uns inquietos e humilhados de que não seja a terra toda sua, assoberbam a Italia, subjugam as provincias belgas, aportam a terra desconhecida, e fundam um imperio immenso n'uma aventura temeraria. Chamam-se Gonçalo de Cordova, Pizarro,

Cortez, Carlos V e João de Austria. Outras expedições de imaginação dirigem as suas conquistas no mundo intellectual e enriquecem o parnaso nacional, em quanto os outros se enriquecem no novo mundo. Chamam-se Garcilaso e Luis de Leon, Herrera, e Montemayor.

Com a decadencia da nação, decae tambem a litteratura; a cada provincia de que o leão hespanhol é forçado a retrair-se, é contar-se uma derrota nova para o engenho nacional. Entibiado o vigor e o brio da nação, respira o estro nos cantores. Aos grandes capitães haviam succedido os grandes poetas. Aos modernos soldados acompanham tambem os vates degenerados. A Inquisição, estabelecendo-se com poder exclusivo na peninsula, vae pelo mysticismo sombrio, a que reduz a nação, soffreando as suas antigas arrogancias e arrefecendo a velha bizarria castelhana. Acode o metro mais franco ás lyras, e sôa menos soasorio e menos clamoroso o nome da patria nos campos de batalha. Quando chegamos ao ultimo dos Philippes, a monarchia hispanica tem já perdida a magestade de Carlos V; as

provincias e os seus subjugados tem protestado pela rebellião, ou pela independencia, contra o pensamento da monarchia universal. Esquecem-se egualmente as grandes conquistas litterarias; perdem-se os vestigios que haviam deixado os patriarchas da poesia castelhana na sua edade de oiro. Em Villegas começa a musa castelhana a trajar garridices exaggeradas, e extravagantes atavios, e desde então se vae, á força de conceitos, de trocadilhos e de hyperboles, vulgarisando a poesia *culta* e *conceptista,* e abrindo larga e espaçosa a estrada por onde um dos mais fecundos e mais poderosos engenhos nacionaes, ha de prostituir o talento e baixar a poesia ao ultimo desregramento e corrupção, suppondo levantál-a ás mais sublimes concepções, e aos vôos mais rasgados. É Luis de Gongora o nomeado chefe e fundador da dynastia poetica dos *culteranistas*.

Ha talentos privilegiados que nascem para corromper, em quanto outros mais felizes são predestinados para crear. Para ambas as missões é necessaria a auctoridade de um grande nome e a energia de um caracter determinado.

No berço da republica romana apparece um grande nome — Junio Bruto; no seu occaso brilha uma grande intelligencia — Julio Cesar. Para fundar a moderna poesia castelhana, busca a fortuna um genio puro, e uma casta imaginação: é Garcilaso. Para degenerar e prostituir a musa das Hespanhas, surge um engenho fecundo, mas indomito, e uma phantasia opulenta, mas abstrusa e desregrada. É Gongora.

Este nome ficou para sempre ligado á mais opprobriosa e incerta quadra da historia litteraria da peninsula, e, como que adjectivado, passou a ter logar entre os mais affrontosos epithetos com que se pode hoje infamar o nome de um mau poeta. Pouca gente da que por officio ou devoção não inquire e estuda as coisas litterarias, se persuade que ha realmente em Gongora a hypothese incomprehensivel de duas indoles poeticas diversissimas e até contrarias.

Poucos sabem que em Gongora se encontraram reunidos o frescor da imaginação aos mais criminosos arrojos e aos devaneios mais insipidos do estro. Poucos sabem que em Gon-

gora se combateram muitas vezes a simplicidade e a formosura das imagens, com a viciosa prodigalidade de metaphoras absurdas e de tropos desvairados. Poucos suspeitam que a mesma phantasia, que, como se estivesse já bruta e insensivel, só se deleitava em pinturas absurdamente magestosas e disformes, achasse, por vezes, agradavel deleitação nos quadros singelos, onde o lapis corre ligeiro e descuidoso, traçando sem exaggeração e sem esforços, os contornos, onde a natureza apparecia na bella simplicidade das suas feições e na harmonia singela dos seus bosques. Ninguem diria que a phantasia enferma que sonhou o *Polyphemo e Galatéa,* podesse nos intervallos de laudes, quando a musa genuina lhe acudia espontanea e complacente á invocação, avexar a lyra á suave melodia e á gentileza e formosura das discussões e dos conceitos em alguns dos seus romances. Recusa-se o espirito a acreditar que aquelle fecundo engenho, que infectou e corrompeu as lettras castelhanas, podesse alguma vez brotar de si flores aromaticas, mas silvestres na sua nativa singeleza.

Acostumámo-nos todos a execrál-o como um grande malfeitor que andou pervertendo os animos dos seus admiradores com o alcorão de uma nova religião poetica, a qual, depois de dominar por mais de um seculo, caíu apupada pelo ridiculo e proscripta pelo bom senso universal. E assim como as virtudes, se algumas resplandecem n'um grande criminoso, são deslumbradas em face dos seus crimes e attentados; assim tambem todos os dotes de Luis de Gongora se sumiram para a posteridade sob as manchas do seu caracter poetico, deslustrado pelos seus maleficios litterarios.

A poesia castelhana descaíra nos ultimos annos da sua dureza primitiva, no prosaismo das imagens e no plebeismo da locução. A imitação classica regrava até certo ponto os vôos da phantasia, e subordinava a concepção dos modernos vates aos limites que lhes haviam, sem o pensar, imposto os poetas gregos e latinos. Só os engenhos de primeira ordem sabem conciliar a imitação com as liberdades do verdadeiro estro; só elles podem, sem sair da escola poetica, em que se filiaram, copiar-

lhe os tons geraes do estylo, deixando á phantasia os seus fins de inventora. Os talentos mediocres vivem da imitação, que é mais facil e mais prompta. Para copiar, basta o estudo; para imitar, embellezando o painel ou alterando-lhe variadamente as proporções, agrupando diversamente os personagens, combinando as attitudes, enriquecendo a palheta de novas côres, é preciso que a erudição e o talento conspirem n'uma alliança raras vezes facil de realisar.

Os poetas dos tempos floridos da Grecia e de Roma primavam pela naturalidade dos conceitos e pela mesurada compostura das imagens. Os poetas imitadores entenderam que na melodia a suprema formosura era a clareza das sentenças, a repetição eterna das maximas já plebeias á força de vulgares, a ausencia de todo o colorido poetico, e a phrase arrastada e trivial dos colloquios populares.

Gongora achou a poesia deslustrada por aquellas ultimas luctas que disfarçavam, na cega idolatria da antiguidade, a curteza dos seus talentos, e que levantavam odiosamente um

falso testemunho á musa facil mas elegante de Horacio e de Tibullo, dizendo-se os imitadores da sua maneira, e os seus successores e herdeiros no Parnaso. Gongora levantou-se para reformar as lettras, e apressou a sua ultima ruina, á semelhança d'estes imprudentes utopistas, que, affrontados do imperio exclusivo das abusivas tradições, e humilhados na estreiteza e no rigor das leis antigas, dão á sociedade por principio a dissolução, e por unico regente a anarchia.

A tão degenerada e impopular havia chegado a poesia, que Luis de Gongora, e com elle a turba dos *culteranistas,* entenderam que a linguagem poetica nada havia de ter de commum com o humilde e rasteiro dizer do povo, e que a primeira necessidade da regeneração litteraria a que mettiam hombros, devia ser a formação de um dialecto culto e arrebicado, onde as palavras sesquipedaes e os neologismos insolentes expulsavam do seu logar as palavras triviaes e entendidas de toda a gente. Não era licito dizer as coisas como naturalmente occorriam ao pensamento. O primeiro

dever do *culteranista* era disfarçál-as n'uma vestidura extravagante, especie de trajo mesclado de imperador e de lunatico, onde a magestade da phrase contrastava singelamente com o ridiculo do conceito. A allegoria e a metaphora, profusamente distribuidas, davam os quilates do engenho, e manifestavam o artificio do pensamento.

O primeiro escolho que o poeta, ou o que tal se intitulava, devia cortar cautelosamente, era a verdade, porque ameaçava, para elles, o mais desabrido de todos os naufragios, o da trivialidade. Ser natural era ser plebeu; ser desartificioso, rude; ser singelamente ousado, pobre de inspiração. Hoje o supremo empenho dos poetas é disfarçar o artificio no meio das pompas estudadas, parecer mais apaixonado do que erudito, e dizer em versos aprimorados o que toda a gente pareceria haver cantado em condições eguaes, e repetir em versos o sentimento commum de todo um povo. Para Gongora e para os seus proselitos a suprema perfeição consistia em dizer tão estranhas coisas, que ninguem, a não estar iniciado nos

arcanos d'aquella seita, podesse jámais haver comprehendido, quanto mais espontaneamente sentido e patenteado.

De Apelles se refere que, a um mediocre pintor, que havia debuxado a Helena mais exornada do que formosa, e que mais se presumia em cobrir de joias que em retratar a suavissima expressão da sua physionomia, dissera em tom reprehensivo: «Mancebo, não a soubeste pintar bella; debuxastel-a rica». Tal foi o caso da poesia, devastada por estes vandalos, que sob color de a cobrirem e idealisarem, a mudaram por mais de um seculo, arrebicando e compondo em tão affeminadas e ultrajantes roupagens, que de dama, resplandecente de formosuras naturaes, a tornaram velha presumida e caprichosa, arremedando com remendadas garridices, na decrepidez precoce, as singelas louçainhas da edade juvenil.

Ninguem se admira que a poesia chegasse ao fim do primeiro terço do seculo XVIII tão barbara, como a fizeram as exaggerações dos *cultos* e dos *conceptistas*, quando se observar que, pouco depois das extravagancias de Gon-

gora, um poeta, para vergonha perpetua das lettras hespanholas e do espirito humano, n'um poema absurdo, cujo titulo de *Selvas del año,* para significar as estações, era já uma rebellião contra o senso commum, descrevia a entrada do estio n'estes versos inqualificaveis:

Después que en el celeste anfiteatro
El ginete del dia
Sale elegante toréo valiente
Al luminoso toro,
Vibrando por rejones rayos de oro.

E, continuando a descripção com o mesmo criminoso atrevimento de metaphoras, dizia:

Después que en singular metamorfose,
Con talones de pluma
Y con crista de fuego,
Á la gran multitud de astros luziente,
Gallinas de los campos celestiales,
Presidió gallo el braquirubio Febo
Entre los pollos del Ledasio huevo.

Depois que era licito a um poeta insultar n'estas insulsas allegorias a magestosa simplicidade da natureza; depois que a entrada do

sol no signo de *tauro* era figurada por um combate de touros, em que o astro do dia se abaixava ás funcções humildes de toureiro; depois que foi licito fazer da abobada celeste um gallinheiro ignobil, e figurar o sol como um gallo de esporões mettido entre dois frangãos, com que o poeta queria designar a constellação de Castor e Pollux; só restava erguer por capitolio aos vates um asylo de lunativos, e trocar o laurel dos verdadeiros genios por uma coroa de cascaveis.

Mas o publico, apesar de que a poesia era então difficilima de comprehender, applaudia e victoriava estas producções do estro febricitante. Se é verdade, como disse um escriptor notavel, que entre a imaginação e a loucura ha apenas a grossura de um cabello, nunca os vates estiveram mais propensos a transpôr aquelle termino fatal. Mas é incrivel que a intelligencia de uma nação vivesse de tão insipido e venenoso nutrimento. É incrivel que o senso commum se tivesse rebaixado ou antes obscurecido por tal forma, que á faculdade espiritual, mais appetitosa e mais exigente, a ima-

ginação sobresae com delicias áquellas barbaras iguarias. E — coisa notavel! — são os dois povos onde a litteratura tomou aquelle giro e aquella feição, especial e nativa da peninsula, os que mais se distanciaram da civilisação europeia. São esses povos os que por mais tempo, incultos e prostrados, foram descendo e humilhando-se, em quanto os outros, onde só muito mais tarde amanheceu para as lettras, subiam e se illustravam em todo o genero de cultura.

Entre a Hespanha e a França ha apenas os Pyrenéos. Pois bem; desde Philippe II até Philippe V, a França e a Hespanha parecem ter entre si o Sahara por territorio neutro, ou um oceano impervio, como o fabuloso mar de trevas dos antigos. Em quanto Racine e Corneille põem em scena tudo o que a arte pode suggerir de mais gracioso, de mais correcto, o theatro hespanhol descae da sua propria, embora desregrada originalidade. O seculo de Luiz XIV, que foi a reproducção do de Pericles, o seculo da rainha Anna, que foi a mais fecunda quadra para as lettras inglezas, são o

mesmo seculo, que em Hespanha marcou a edade ferrea para a litteratura peninsular.

A poesia experimentava, ao começar o seculo XVIII na Hespanha, os mesmos fados que na mesma época a perseguiam então em Portugal. O seculo XVIII, que fôra a quadra mais florente e mais viçosa das lettras francezas, havia sido para a Hespanha um tempo de rapida e progressiva decadencia para a litteratura opulenta e brilhante do seculo de quinhentos. O seculo que produzia, além dos Pyrenéos, aos Molière e aos Racine, aos Boileau e aos Pascal, aos Bossuet e aos Fénelon, dava-lhes por contemporaneos e por confrades indignos, no sacerdocio das musas e no pontificado intellectual, aos degenerados seguidores do culteranismo, e da pueril escola dos *conceptistas*. Em quanto o tempo tendia a purificar o espirito em França, e a moldál-o nas fórmas elegantes da antiguidade, o espirito corrompia-se cada vez mais do outro lado dos Pyrenéos, e perdiam as musas hespanholas as primitivas graças e donaire nacional para se enfeitarem com as falsas pedrarias e doirados do cantor de

Polyphemo. Em quanto em França á severidade da razão se alliavam sem desdouro as liberdades da rima, na Hespanha ao contrario a lyra parecia haver-se desquitado da intelligencia, e a imaginação, em vez de ser a razão apaixonada, mostrava ser ao revez a razão viciada e corrompida.

Com a dynastia franceza, que a sorte das armas na guerra da successão trouxe a governar a Hespanha, começou a infiltrar-se para áquem dos Pyrenéos a idéa franceza. Quando uma litteratura nacional tem decaido por uma progressiva corrupção, quando agonisante não ha já engenho que a possa vivificar, nem exemplo ou preceito que tenha força para a manter, então a influencia estrangeira acha livre o estadio, onde ninguem lhe póde por muito tempo suster a marcha irresistivel e vencedora. Nenhum povo culto póde viver sem litteratura. Os individuos para viver e satisfazer ao seu destino hão de communicar as suas idéas e traduzir na linguagem as manifestações da sua intelligencia. A expressão das nações, a sua conversação, o desafogo do seu espirito, é a

litteratura de cada época e de cada sociedade. Um povo sem lettras não vive muito tempo, e se vive, é uma excepção privilegiada. É como um cenobita que vive do silencio, supprindo pela meditação e pelo colloquio intimo o que lhe falta em expansões do pensamento e em desafogos da palavra. Os spartanos não tiveram lettras nem artes espirituaes, mas era por isso mesmo Lacedemonia mais do que uma nação um eremiterio politico, onde a qualidade de cidadão impunha como dever uma especie de vida contemplativa, em obsequio ao ideal da liberdade, — e uma dedicação heroica, e um martyrio sempre eminente á divindade implacavel da patria.

Se ha povo que por communicativo e poetico haja mister de uma litteratura, é este o povo meridional, o povo da peninsula. Se os seus vates não cantam no tom proprio e nativo d'esta terra, o povo deleitar-se-ha, á mingoa de melhor, com os cantos modulados por mãos peninsulares, mas em lyras estrangeiras. Se lhe não narram já as grandezas da patria Hespanha, e as cavalleirosas maravilhas das

guerras moiriscas, e as aventuras heroicas do Cid batalhador, e as lendas de Granada, e os prodigios da Alhambra, e as magnificencias de Cordova, folga ao menos que lhe cantem e lhe embalem os ocios com algum cantar singelo e intelligivel, que accenda o enthusiasmo espontaneo, sem offender o bom senso universal.

O que o povo não pode amar é a litteratura que não póde comprehender. E a poesia do seculo XVIII em Hespanha estava mais que nenhuma outra no caso de merecer por ininteligivel e alambicada o justo e despeitoso desdem das turbas que mais escutam e attendem as musas com o coração do que pela intelligencia.

A litteratura franceza tem sido sempre de todas a mais popular, por ser a mais comprehensivel. Desde os primeiros dias, os poetas francezes tomaram por auditorio a multidão, o povo; em quanto que os poetas aristocraticos de outras nações desdenhavam por humilde a linguagem commum, e guindaram o pensamento até o sequestrarem ás intelligencias vulgares. O segredo das musas francezas esteve em se-

rem elegantes e graciosas sem raiar em abstrusas e paradoxaes. As musas teem de mulheres o mesmo condão de formosas. A mais graciosa belleza feminil ha de, para que todos a comprehendam e admirem, apparecer com os encantos naturaes, sem arrebiques e enfeites exaggerados. Venus esculpem-na os estatuarios, dando a adivinhar as fórmas voluptuosas por entre diaphano cendal. As musas hão de tambem mostrar-se compostas, mas não garridas; enfeitadas, sim, como formosas, mas não em tanta profusão ornatos e gemmas de Tarpeia, que se lhes acurve o talhe, e se lhes esconda o rosto, sob o peso das vestimentas e adornos.

Fingiram os poetas gregos que fôra tal a suavidade e encanto com que tangia o velho Orpheu, que, por se deleitarem em ouvil-o, torciam os rios a corrente, e se ficavam quedas as arvores sem bulir, e se amansavam as feras pelos bosques, e até as mesmas pedras como que brotavam de si ouvidos com que attender á melodia do cantor. Mytho eloquente e bem-avisado! Porque, se a poesia ha de ser tal, e para todos, ainda ao animo e razão dos mais

humildes e rasteiros se ha de moldar; que a oiçam e n'ella se enlevem e se deliciem os que apenas vegetam, como plantas, e os que pouco mais sabem pensar e sentir que penhas e rochedos. Não diz o mytho que vieram academias, eruditos e philologos muito sapientes, mas, por isso mesmo, muito quisquilhosos, ouvir, criticar e pôr péchas ao canto do Orpheu. Não, diz; porque a poesia não ha de ser em tom tão elevado e em linguagem tão artificial e tão academica, que ninguem na entende senão os sabios, que as mais das vezes a não podem sentir.

A poesia hespanhola era assim. Não era para ser sentida, era para ser admirada e applaudida no seu artificio esteril. Não era para o coração, era para o espirito. Não se applaudia o pensamento, senão a fórma artificiosa por que o disfarçavam e o traduziam em fórmas desconhecidas ao vulgo dos leitores. A poesia, reduzida assim a dispensar quasi o estro e o sentimento, e a viver das galas emprestadas da rhetorica, torna-se um jogo, que póde entreter os iniciados e raros cultores d'este xadrez do espirito, sem interessar nem commover os que

aspiram a ver interpretados e embellecidos nas fórmas da poesia os sentimentos, as paixões, as melancolias, as tristezas, os jubilos, e os enthusiasmos de um povo ou de uma geração.

A poesia franceza respondia mais generosamente ao instincto popular. Eis ahi o segredo da sua rapida conquista e da sua facil vulgarisação. Não lhe deram as armas conquistadoras da França a investidura no primado litterario. Se a conquista material désse a uma litteratura fóros de cosmopolita, a hespanhola e a portugueza lhe haveriam de antemão tomado o passo.

« A poesia franceza, diz o escriptor eminente de quem agora tentamos esboçar a biographia e relevar as glorias litterarias, recommenda-se geralmente mais pela exactidão dos seus planos, pela regularidade das suas fórmas, pela plenitude e delicadeza de seus pensamentos, que pela harmonia de seus sonidos, pela audacia das suas figuras, e pelo vôo da sua phantasia. Assim a castelhana na época de que fallamos (o seculo XVIII) será mais cuidadosa de evitar defeitos, que atrevida e ambiciosa de pro-

duzir bellezas; quererá antes contentar a razão, que regalar o ouvido e arrebatar a phantasia; terá, em summa, com mais correcção e melhor gosto, menos liberdade, menos riqueza, menos encanto, menos afagos.»

Eis ahi descriptas, no eloquente laconismo de Quintana, as feições proeminentes da revolução que o influxo da litteratura franceza exerceu no seculo passado sobre o desregramento e anarchia da hespanhola republica das lettras. A litteratura transpyrenaica assoberbou e expelliu os ultimos restos do gongorismo. Assim como os exercitos francezes vieram no nosso seculo suffocar na Hespanha os instinctos democraticos, no segundo idyllio da liberdade hespanhola; no seculo XVIII foi mister que as lettras francezas, invadindo a peninsula, intimassem a abdicação á debil e degenerada dynastia das musas castelhanas, e acossando a anarchia litteraria, e a infrene licença dos vates gongoristas, lançassem os fundamentos de uma nova monarchia litteraria.

No segundo terço do seculo XVIII começa a reacção a manifestar-se nos espiritos. O porta-

estandarte n'esta cruzada, que se prega então em nome do gosto vilipendiado e da razão menoscabada, é um philologo, um erudito, um preceptista, que mais se devera suppor addicto ás usanças viciosas, já arraigadas no Parnaso castelhano. D'esta vez porém, o que nem sempre succede, a auctoridade de erudição poz-se a soldo na verdadeira poesia, e a influencia dos preceitos, seguida de perto pelos exemplos da mesma penna, aconselhou a reformação dos antigos abusos na decaida republica litteraria. Gongora achou no severo humanista a merecida correcção do abuso imperdoavel que fizera do seu talento prodigioso e da sua veia inexhaurivel. E o proprio Lope de Vega, apesar da coroa gloriosa que lhe decernira o applauso dos seus contemporaneos, não escapou, como fautor do estylo gongorico, ao juizo mais desabrido do que imparcial do moderno preceptista.

A poetica de Luzan foi a declaração de guerra, o cartel enviado em devida fórma aos paladinos do culteranismo. Seita já decrepita na sua mesma juventude, encanecida e gasta nos continuos desregramentos e orgias de ima-

ginação, poucas forças lhe sobravam para luctar, e o desbarate final impendia-lhe já como um destino inevitavel. Muitos poetas acudiram ao chamamento de Luzan, e, se bem que pouco vigorosos e inspirados para vulgarisar com o sello de sua auctoridade as innovações litterarias que seguiam, encheram ao menos, tenteando a lucta, o espaço que medeou até o apparecimento de Nicolau de Moratin. Amestrado pelos exemplos da poesia franceza, aprendendo na leitura dos bons poetas estranhos, e dos castelhanos de boa lei, a evitar os parceis e escolhos em que roça desnorteada a phantasia, quando desvaira na sua abundancia e na sua desregrada inspiração, Moratin soube corrigir pela singeleza e correcção franceza os instinctos demasiado livres da musa castelhana, sem lhe tirar as feições proprias e nacionaes, e sem fazer da sua lyra um gallicismo permanente. Moratin é o primeiro poeta da restauração classica. Exercendo-se em todos os generos, desde a petulancia do epigramma até á magestade da epopeia, seria Moratin o restaurador das lettras castelhanas, se depois da corrupção fosse dado

a alguem, que não seja um engenho superior e privilegiado, restaurar o gosto, e fazer acceitar, por uma especie de despotismo intellectual, a nova legislação na republica das lettras.

A restauração do gosto na poesia e na litteratura castelhana não se effeituou sem grandes reacções e sem temerosos recontros entre a audacia dos innovadores e a pertinaz superstição dos que ainda seguiam a quasi proscripta religião dos conceptistas e dos gongoricos.

Na turba dos que procuravam levantar a poesia decadente e retemperar-lhe o vigor na judiciosa imitação das musas francezas, figurava, ao lado de Moratin, o coronel Cadalso, que, sem ter os dotes de imaginação sufficientes para o fazerem lembrado n'uma época florescente da litteratura, os tinha bastantes a assignar-lhe um logar honroso, á mingoa de mais inspirados cultores da poesia nacional. No seu estro e na sua escola e maneira de poetar se exemplificou a revolução que nos espiritos gradualmente se operava. Os seus primeiros cantos revelam que o poeta se não podera emancipar das convenções litterarias e dos vicios radicaes

que afeavam a poesia, quando Cadalso desferira pela primeira vez a lyra. Gongora é o seu modelo e a sua lei, nas primeiras inspirações de Cadalso. Ao diante, quando o estudo das lettras estrangeiras o havia approximado á razão e ao bom senso sem o distanciar da verdadeira poesia, o sabor da imitação franceza repelliu das obras de Cadalso toda a tentação de conceitos violentados e todo o vestigio de gongorismo. *Los eruditos a la violeta,* pelo assumpto e pela fórma, pela satyra picante e cortezan que resplandece n'aquella composição, pelo sal mais francez do que hespanhol, que está condimentando aquellas paginas, são uma das primeiras cartas de naturalisação que o engenho hespanhol concede á superioridade da fórma litteraria de além dos Pyrenéos. N'aquelle volumesinho satyrisou Cadalso a facil erudição dos peraltas e cortezãos, para quem em poucas paginas resumiu satyricamente toda a sciencia e toda a erudição das lettras antigas e modernas, e parodía admiravelmente em dimensões microscopicas a Encyclopedia colossal, que por aquelles tempos se emprehendeu e completou.

Nas poesias lyricas, principalmente nas anacreonticas, em que mais se distinguiu, soube alliar a graça e o donaire peninsular á mesurada simplicidade e á desaffectada elegancia das musas francesas. O que a dictadura intellectual da França tinha já invadido e conquistado nos espiritos hespanhoes, revela-o em Cadalso a imitação franceza, desde as *Cartas marruecas,* evidentemente moldadas pelas *Lettres persanes,* de Montesquieu, até á sua composição dramatica *Sancho Garcia,* onde levou o escrupulo da imitação até ao ponto de ensaiar na metrificação castelhana os mal soantes versos emparelhados, recurso extremo de uma lingua, como a franceza rebelde ás indicações prosodicas e musicaes.

Entre os escriptores fanaticos que se esforçavam por conservar intacta a herança litteraria de Gongora, e a auctoridade do seu exemplo, se distinguiu D. Vicente Garcia de la Huerta, que soube viciar o seu profundo talento e prostituil-o na imitação dos peores modelos da sua escola favorita. Intolerante e suspicaz para tudo o que nas lettras podesse ter

sabor e colorido estrangeiro, apresentava-se como o ultimo e vigoroso propugnador da escola genuinamente castelhana e repellia ainda mesmo as transacções honrosas em que a mais original e a mais castiça litteratura tem por vezes de ceder ao influxo das idéas novas, ás modernas exigencias do espirito humano, aos sentimentos novamente vulgarisados entre um povo. É absurdo o pretender que a individualidade de uma litteratura esteja subordinada á invariabilidade das suas fórmas, á constancia da sua maneira. Pretender que a litteratura castelhana do tempo de Carlos V domine sem mistura tres seculos depois; tomar como unica expressão do bello as manifestações poeticas d'aquelle tempo; condemnar por estrangeiro e effeminado tudo o que não seguir escrupulosamente os modelos de Herrera e de Garcilaso, seria tão desasisado na provincia das lettras, como reclamar o *fuero juzgo* e a *lei das partidas* para serem a expressão social exclusiva do seculo illustrado e impaciente em que vivemos.

A Huerta faltava-lhe o bom gosto, esta fa-

culdade rara e preciosa que é como o legislador e o guia do talento. Faltára a Gongora e aos contemporaneos seguidores da sua escola, mas no patriarcha da seita culteranista muitas vezes a opulencia da imaginação saíra pura e triumphante contra as tentações da extravagancia. Todas as escolas litterarias que florescem um periodo vigorosas e radiantes, hão de ter seus dias de abatimento e decadencia. Desde os mais celebrados e mais correctos modelos da poesia se despenha o genio por transições rapidas até descair na mais lastimosa corrupção. De Homero a Stacio, da *Iliada* até á historia metrificada da guerra de Thebas, a tuba epica vae pouco a pouco desafinando o tom e perdendo na trivialidade os accentos heroicos dos seus primeiros tempos. De Torcato Tasso e de Camões até vir parar á *Jerusalem conquistada,* em que Lope de Vega desluziu e murchou de alguma fórma as palmas alcançadas no theatro; desde esta epopeia, hoje quasi deslembrada, até á insulsa *Carolea,* de Sempere, e á *Austriada,* de Juan Rufo, o genio epico moderno desce a passos apressados até

chegar no seculo presente á negação da epopeia.

Se a litteratura classica, e mais era a mais pura expressão do bello, que a homens foi dado até agora reproduzir, veiu, por successivas e cada vez mais descóradas imitações, a cair na corrupção e na vulgaridade, o que não será das litteraturas, que ainda nas mais floridas edades, apesar da apparencia de originaes, são já copias, ainda que desfiguradas, de modelos mais antigos? Decaíu, e chegou ás derradeiras humilhações a escola castelhana elegante do seculo XVI. E o que não aconteceria com a maneira de estylo de Gongora, que, por desnatural e violenta, tinha nas proprias condições da sua artificial belleza, o veneno latente que a devia prostrar e, se era ainda possivel, corromper?

Ha na litteratura, como na politica, arrojos que a fortuna uma vez coroa, para ter o direito de cem vezes os punir. Ha grandes attentados, a que o genio só se atreve, e a quem o bom succedimento tira a qualidade de criminosos para decernir-lhes as palmas da historia.

Catilina, saindo de Roma, apavorado na sua consciencia pela voz tremenda do consul orador, ficou para sempre como exemplo e labéo dos inimigos da sua patria. Cesar, se não passasse o Rubicon, e fosse destroçado nos campos da sua provincia consular, porventura achára no seu proprio infortunio a sentença que o entregaria á historia como um dos mais audaciosos scelerados.

Na poesia é tambem como nos factos politicos do mundo. A intemperança da imaginação, que a uns suffoca e amesquinha, a outros engrandece e glorifica. Perdoa-se, e até se exalça no talento o que se afeia e exaggera na mediocridade. Uma imaginação que trasborda para produzir as extravagancias da poesia, deve ser como um rio que transcende o leito caudal e tempestuoso. Se é copiosa e grande, a propria desordem é grandeza, e a mesma anarchia, magestade. Gongora é, no auge das suas excentricidades, ás vezes sublime como as torrentes do novo mundo. Os seus imitadores são como os riachos humildes e ignorados, que no inverno, erguendo o nivel pelas cheias, só conseguem

pôr de manifesto, na sua abundancia passageira, a ordinaria pobreza das suas aguas e a humildade habitual da sua corrente.

Poesia artificial e violentada, só a podia aviventar o genio do seu engenhoso fundador. Fabrica desprovida de alicerces, desfez-se em escombros, mal lhe faltou o esteio que a sopesava. É o destino de todas as escolas poeticas, onde a palavra é tudo e a idéa nada, onde o colorido variegado e luxuriante offusca no esplendor das tintas a frouxidão do claro-escuro e a rudeza do desenho. É o que ha de succeder á escola alcunhada romantica, que, com as proprias excentricidades e soltura de fórma, já hoje por vulgarisada e trivial, perdeu todo o sabor de originalidade e vae caminhando a olhos vistos para a sua derradeira corrupção.

Foi nos ultimos trances do genero gongorista que Huerta se empenhou em sustar a torrente innovadora que assoberbava já todos os espiritos. A guerra litteraria que provocou e em que se mostrou infeliz, mas extremo justador, appellidou todos os engenhos que então cultivavam as lettras em Hespanha. Contra Vi-

cente Huerta militavam os mais festivos e privilegiados engenhos hespanhoes. Como succede n'estas batalhas ardentes de palavras feridas rijamente, na sempre anarchica e irrequieta republica das lettras, os odios incendidos, as malquerenças envenenadas, as invejas rasteiras e covardes, macularam a todos os partidos e deslustraram a uns e outros contendores. As satyras responderam ás satyras, os libellos aos libellos, os epigrammas aos epigrammas, e de todos os lados o rebate dado, em nome do purismo castelhano contra os estrangeirados e herejes do Parnaso nacional, aguçou os espiritos, acerou a maledicencia, e levantou um universal obstaculo entre a discordia e a reconciliação.

Huerta, apesar da sua inabalavel fidelidade ás tradições da escola que defendia, teve tanto engenho e tão felizes disposições, que ainda mesmo viciadas pela intemperança da phantasia, lhe sobraram forças para accrescentar a sua tragedia de *Raquel* ao catalogo das producções illustres do theatro castelhano. E, apesar da intolerancia que testemunhára nos seus

pleitos, Huerta teve ainda assaz docilidade, que, traduzindo, ao cabo da sua carreira litteraria, a inimitavel *Zayra,* de Voltaire, deixou provado que ainda os mais zelosos e ardentes antagonistas de uma idéa nova, mais possante e mais luminosa que as antigas, não escapam á sua influencia e se não esquivam impunemente á sua irresistivel dictadura.

O gongorismo era uma exaggeração do espirito. Ora a historia accusa, e a razão o persuade, que as exaggerações da intelligencia e da sociedade só abdicam diante das exaggerações que lhes são radicalmente contrapostas. O despotismo não entrega quasi nunca o sceptro nas mãos da monarchia moderada. Á tyrannia, que é a anarchia das leis pela vontade de um só homem, succede a anarchia popular, que é a tyrannia da liberdade pelo capricho de muitos homens. Nas grandes revoluções, n'estas que são para a moderna liberdade, como o descobrimento da America para a moderna civilisação, é preciso que venha a anarchia semear e regar com sangue os germens de paz e de liberdade nacional.

Ao gongorismo, que é a exaggeração dos ornatos poeticos, devia succeder uma época de avarenta sobriedade. Gongora engalanára e enfeitára a poesia com as mais affeminadas garridices e com os mais custosos dixes feminis. O Parnaso restaurado, no seu ardor de corrigir as tresloucadas pompas da imaginação, levou nas suas leis sumptuarias a simplicidade até á desnudez, e a naturalidade até proximo da rudeza. A escola proscripta prodigalisou as imagens. Os vates regenerados cortaram-nas como uma perigosa tentação, e como uma licença de mau exemplo. A escola condemnada voára tão alto, que se esquecera da terra; a escola nova rastejou tão baixo, que roçou quasi sempre na prosa mais desornada e mais commum.

O prosaismo foi a primeira correcção ao estylo gongorico. O genero didascalico, que não é mais do que o raciocinio rimado, a erudição metrificada; o apólogo, que tem por condição essencial a clareza do estylo e o plebeismo da dicção; o epigramma e a satyra, que só pedem á poesia que lhes doire os dardos

empeçonhados; a ecloga, onde as mais das vezes o tom sentencioso e a dissertação moral afugentam a poesia do sentimento e as suaves melodias do coração, todos estes generos, em que a razão, descrevendo, ou enumerando, tão a miudo se divorcia da imaginação, resumiram quasi exclusivamente as tentativas dos poetas que reagiam entre as asiaticas magnificencias do estylo, e contra as morbidas producções dos engenhos exaltados e cerebrinos.

Iriarte é o poeta de mais vulto na lucta dos que então cultivaram as musas castelhanas. Mas ás prendas de erudição e de talento com que a natureza o favorecera, não corresponderam os dotes da phantasia, esta luz divina do verdadeiro estro, que distingue o poeta do rimador elegante e harmonioso; que separa o orador do persuasivo dialectico; que marca com o sello da originalidade e de graça inimitavel a esta pequena raça dos artistas no meio da innumeravel multidão dos homens de talento.

O poema da *Musica* foi uma das manifestações do engenho de Iriarte. Pôr as musas a soldo da sciencia, e a phantasia ao soldo da

razão, foi, desde antigos tempos, o empenho dos que pretendiam disfarçar a agrura das verdades moraes, ou a aridez do ensino scientifico nas pompas e nos encantos da palavra harmoniosa. Mas os poemas didacticos são para a poesia o que as decorações theatraes são para a verdadeira e inspirada arte dos pintores.

De que se metrificou uma chronica, e se rimou um trecho historial, não ha de concluir-se que se urdiu uma epopeia. Porque os preceitos de uma arte se facilitaram para a memoria na cadencia de versos elegantes, não se dirá que o positivo da arte pôde nunca alliar-se intimamente ao ideal e ao phantasioso da verdadeira poesia. O poema didascalico ou ha de satisfazer á razão, e desacreditar-se perante as musas, ou curvar-se diante d'ellas, para não ter nem o positivo da razão nem o caprichoso da phantasia.

No poema de Iriarte só a forma é poetica, porque o fundo, prosaico e limitado, lhe imprime os caracteres de um verdadeiro tractado musical. A *Eneida,* traduzida em castelhano, attesta em Iriarte um bom peculio de erudição

latina, mas demonstra ao mesmo tempo que se póde, como o diz Quintana, comprehender e explicar em versos correctos e sonoros o pensamento de um grande poema, sem passar para a versão a sua elegancia e poesia.

O livro mais caracteristico e mais inspirado que Iriarte produziu, é o das *Fabulas litterarias,* que ainda hoje se celebram e se applaudem entre os cultores da boa erudição e poesia. Mas o monumento mais valioso que Iriarte legou do seu engenho, demonstra ao mesmo tempo a inferioridade do seu estro, e a decadencia a que, apesar da reacção contra os gongoristas, chegára a vivaz e impetuosa musa castelhana. O apologo é um genero de poesia que exige mais espirito do que inspiração. Como todos os poemas do genero moral, a simplicidade é o seu enfeite, a naturalidade o seu condão, uma certa sinceridade popular o seu chiste e a sua recommendação.

A poesia castelhana, tendo por uma das mais viçosas palmas um livrinho de apologos, caíra da magestade antiga dos seus lyricos, da grandeza effeminada dos seus poetas cultera-

nistas, na modestia e quasi plebeismo das fabulas moraes. Com este favor, concedido a este genero de poemas, provava a poesia dominante duas verdades que deviam pungir aos zelosos admiradores da antiga poesia nacional — a primeira, que o prosaismo, em que degenera a simpleza dos apologos, invadira com arrogancia os dominios da imaginação; a segunda, que Lafontaine intimava pela sua parte aos hespanhoes, como Racine e Corneille o haviam feito á scena castelhana, a dictadura victoriosa da imitação franceza.

Dos poetas que por este tempo floresceram, applicando á cultura das lettras a mesma sobriedade de imaginação com que Iriarte as cultivára, o mais notavel foi sem duvida Samaniego, que nas suas *Fabulas morales* não sómente continuou á poesia castelhana o caracter por assim dizer plebeu e vulgar que lhe imprimira a reacção, senão que até tomou escrupulosamente por modelo ao auctor do poema da *Musica,* e das *Fabulas litterarias.* O dogma e os principios fundamentaes em que se firmava a nova escola poetica, estão claramente for-

mulados n'um trecho, em que Samaniego, realçando os talentos e exaggerando as excellencias do estylo de seu mestre, reduz a poesia a não ser mais que a exposição metrica de coisas naturaes, singelas e de tal sorte claras e communs, que qualquer, ao lêl-as, possa sentir-se egualmente inspirado para as dizer e versificar.

> Pero si vas marchando por el llano,
> Cantandonos en verso castillano
> Cosas claras, sencillas, naturales,
> Y todas ellas tales
> Que aun aquél que no entiende poesia
> Dice: «Eso yo tambien me lo diria;»
> Porque no he de imitar-te?

Apesar, porém, d'esta solemne declaração, a *carta constitucional* do Parnaso hespanhol, assim formulada por Samaniego, achou n'elle o primeiro infractor. O proposito firme de seguir, na imitação, o rastro poetico de Iriarte, não foi tão convicto ou tão sincero, que o auctor das *Fabulas morales*, o gracioso imitador de Lafontaine, não offendesse a modesta simpleza do apologo com repetidos e esmerados toques e

reflexões de verdadeira poesia, e que, excedendo em donaire e colorido ao vate que tomára por modelo, não fossem as suas fabulas havidas até hoje por uma das mais felizes producções do engenho hespanhol.

Qualquer que seja, porém, o merito de Samaniego e de Iriarte, uma litteratura não pode dizer-se florescente e opulenta, quando offerece por mais gloriosos florões da sua coroa poetica alguns poemas que mais pedem erudição e raciocinio do que verdadeira e original inspiração. Os imitadores e sectarios da escola auctorisada por Samaniego e Iriarte, os cultores d'este estylo desornado, por tal forma interpretaram em rigor os preceitos e os exemplos dos patriarchas d'esta religião poetica, que as modestas joias e adornos que aquelles dois haviam deixado ás musas hespanholas, lh'os foram cerceando; e por tal maneira as andaram destoucando, que, já quasi perdida a côr e a formosura pelo desalinho em que as traziam, viriam a esquecer de todo o ideal, se lhes não acudisse um poeta verdadeiramente digno dos aureos tempos da poesia castelhana.

Não eram metrificadores, como D. Francisco de Salas, que haviam, apesar do merito das suas obras, salvar a poesia dos ataques do prosaismo; não era a versão castelhana da *Heloisa,* de Pope, por D. Vicente Santibanes, que havia de restituir ás musas esta difficil proporção de ornato e de simpleza, em que reside o bello nas artes de imaginação; não era um engenho festivo mas vulgar, como o do marquez de Ureña, quem n'um poema burlesco, n'esta especie de prostituição e de sacrilegio do talento, havia de continuar a antiga tradição da poesia castelhana.

A gloria de fazer ouvir antes de Quintana os castos e genuinos accordes da antiga lyra dos Garcilasos, dos Leon e dos Herreras estava reservada ao celebrado auctor da ecloga de *Batilo.*

D. João Melendez Valdez foi o poeta que preparou a verdadeira restauração da poesia castelhana, e o que, antecedendo a Quintana no culto orthodoxo das camenas, esclareceu pelo conselho e pelo exemplo a senda gloriosa que este ultimo devia percorrer.

Habituado por uma rigorosa e bem dirigida educação litteraria a discernir e apreciar as bellezas poeticas da antiguidade classica, podia, sob a firme e solida base da boa erudição, soltar os vôos á phantasia, sem incorrer nas deploraveis aberrações da escola gongorista (*).

(*) O autor nunca chegou, infelizmente, a concluir êste artigo, que, a julgar pelas suas proporções, devia constituir um largo e substancioso estudo de crítica e história literária. Bem que incompleto, é êle, todavia, mais um documento a atestar a vasta e bem orientada erudição de Latino, e os seus raros dotes de estilista; pelo que, expurgado de muitos, e por vezes imperdoáveis, erros tipográficos, com que saíra na impressão primitiva, não hesitámos em incluí-lo no presente volume, onde tinha natural cabimento.

A. V.

ÍNDICE

	Pág.
Advertência	5
Latino Coelho, por Pinheiro Chagas	7
Miguel de Cervantes Saavedra	35
D. Manoel José Quintana e a litteratura castelhana moderna	149

CORRECÇÕES PRINCIPAIS

Pág.	Lin.	Erros	Emendas
15	12	fogaz .	fugaz
23	4	entrará	entrara
33	16	extrénuos	estrénuos
51	13	lhe	lhes
72	7-8	infligirem-lhe	infligir-lhe
90	21	*Victoria*	*Historia*
184	7	alanceadas	alanceados
186	1	inspirações	concepções
187	17	inquietação	inquisição

Escritos Literários e Políticos

DE

LATINO COELHO

Coligidos e publicados sob a direcção do professor ARLINDO VARELA

Acham-se publicados:

Fernão de Magalhães, com um prefácio do *Dr. Júlio Dantas,* 1 vol. com o retrato do autor.

Garrett e Castilho, estudos biográficos, com uma carta-prefácio do *Dr. Xavier da Cunha.*

Typos Nacionaes, com um prefácio do *Dr. Júlio Dantas.*

Cervantes, seguido de um estudo sobre D. MANUEL JOSÉ QUINTANA E A LITTERATURA CASTELHANA MODERNA, com um prefácio de *Manuel Pinheiro Chagas.*

A sair próximamente:

Arte e Natureza..... 1 vol.
Litteratura e Historia..... 1 vol.

Em preparação:

Apreciações litterarias..... 1 vol.
Discursos parlamentares..... 1 vol.

Biblioteca de Sciências Contemporâneas

VOLUMES PUBLICADOS

Teoria da Educação, por JOÃO CESCA, tradução de *Arlindo Varela.*

Dores do Mundo, por ARTUR SCHOPENHAUER, tradução prefaciada por *Albino Forjaz de Sampaio.*

As Doenças da Memória, por TEÓDULO RIBOT, tradução do *Dr. António Barradas.*

A Saúde pelo Naturismo, pelo DR. AMILCAR DE SOUZA.

As Influencias Ancestraes, por FELIX LE DANTEC, tradução prefaciada pelo *Dr. João de Barros.*

Os que amam e matam, estudo de psicopatologia criminal, por VINCENZO MELLUSI, tradução do *Dr. Henrique de Carvalho,* prefaciada pelo *Dr. Júlio de Matos.*